



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUAGEM E ENSINO

MÔNICA THAIS CORDEIRO DA SILVA

**O CANCELAMENTO DISCURSIVO COMO FORMA DE SILENCIAMENTO:
ENTRE O PODER E O NÃO PODER DIZER(-SE) (N)A DIFERENÇA**

CAMPINA GRANDE – PB
2024

MÔNICA THAIS CORDEIRO DA SILVA

**O CANCELAMENTO DISCURSIVO COMO FORMA DE SILENCIAMENTO:
ENTRE O PODER E O NÃO PODER DIZER(-SE) (N)A DIFERENÇA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, na área de concentração de Estudos Linguísticos, Linha de pesquisa de Práticas sociais, históricas e culturais de linguagem, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Washington Silva de Farias.

CAMPINA GRANDE – PB
2024

S586c Silva, Mônica Thais Cordeiro da.
O cancelamento discursivo como forma de silenciamento : entre o poder e o não poder dizer(-se) (n)a diferença / Mônica Thais Cordeiro da Silva. – Campina Grande, 2025.
112 f. : il. color.

Dissertação (Mestrado em Linguagem e Ensino) – Universidade Federal de Campina Grande, Centro de Humanidades, 2024.
"Orientação: Prof. Dr. Washington Silva de Farias".
Referências.

1. Análise do Discurso. 2. Cancelamento Discursivo. 3. Cancelamento Virtual. 4. Silenciamento do Sujeito. I. Farias, Washington Silva de. II. Título.

CDU 81'42(043)

MÔNICA THAIS CORDEIRO DA SILVA

**O CANCELAMENTO DISCURSIVO COMO FORMA DE SILENCIAMENTO:
ENTRE O PODER E O NÃO PODER DIZER(-SE) (N)A DIFERENÇA**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande, na área de concentração de Estudos Linguísticos, Linha de pesquisa de Práticas sociais, históricas e culturais de linguagem, como requisito à obtenção do título de Mestre em Linguagem e Ensino.

Orientador: Prof. Dr. Washington Silva de Farias.

APROVADA EM: 19/12/2024.

BANCA EXAMINADORA:

Documento assinado digitalmente



WASHINGTON SILVA DE FARIAS
Data: 23/01/2025 23:18:17-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Washington Silva de Farias (Orientador) – UFCG

Documento assinado digitalmente



MANASSES MORAIS XAVIER
Data: 22/01/2025 14:22:53-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Manassés Morais Xavier (Examinador interno) – UFCG

Documento assinado digitalmente



LUIS FERNANDO BULHOES FIGUEIRA
Data: 21/01/2025 09:19:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Luís Fernando Bulhões Figueira (Examinador externo) – UFES

*À minha vovó Milica (in memoriam), que como um guarda-chuva, me acolheu na
tempestade.*

*Aos meus pais, Geraldo e Luiza, que passaram uma vida ao sol, para que hoje eu
vivesse à sombra.*

*Por fim, a Deus, que fez de mim forte e corajosa nos momentos que me vi sozinha e
perdida.*

AGRADECIMENTOS

Viver sonhos e viver de sonhos. Sempre sonhei em ter/ser diferente. Desde pequena (como ainda me sinto hoje) o questionamento sempre me perseguiu: “por que as coisas são assim e não diferentes?” Depois de algum tempo, percebi que meu lugar não era onde me disseram que seria, o lugar de uma menina do interior, da zona rural, de poucos recursos e de pais com pouco letramento, mas, que ainda assim, reconheciam que sua filha não pertencia às determinações que no passado incidiram sobre eles. Outros diziam “Seu lugar não é aí!”, “As coisas são como são!”. Teimosa, nunca aceitei. Meu lugar era no mundo do pensar, do pensar para transformar, quando me enveredei pela educação, e do pensar para a reflexão, para compreendê-lo, para interpretá-lo. Assim, a empreitada do pensar pelo conhecimento acadêmico não foi fácil, como nada nesse mundo é. No entanto, eu me sinto infinitamente grata a Deus, que, como força maior, nunca deixou se apagar a luz da curiosidade, da confiança, do propósito, e da superação.

Por isso, agradeço aos meus pais, Geraldo e Luiza, em especial a minha mãe, que, por me conhecer e me amar, deu o que ela nem mesmo tinha, para me possibilitar chegar até aqui. Aos meus irmãos, Zano (*in memoriam*), por seus ensinamentos e proteção; Ozeias, por sua generosidade; Osmar, por seu acolhimento; Tereza, por ser minha segunda mãe; Emanuelle, por ser minha irmã, amiga e companheira; Osmário, por seu amor e cuidado.

Agradeço ao meu companheiro de vida, Bruno César, com quem divido meu amor, medos e sonhos, sem você meu mundo já teria perdido a graça.

Agradeço aos meus amigos, em especial, Elisa e Heiddiane, que me apoiaram, me motivaram, me divertiram e me deram refúgio, sem vocês eu já teria perdido a sanidade. Como também agradeço aos amigos que fiz no mestrado, em especial a Sarah, com quem compartilhei aflições e conhecimentos, a Pricila e Rebeca, alunas da linha de pesquisa “Práticas sociais, históricas e culturais de linguagem” e aos demais colegas: Rivaldo, Breno, Evany Everton, Helaine, Daniel, Aline e Carolina, com quem pude aprender e partilhar dos desafios da trajetória do mestrado.

Agradeço aos demais amigos, colegas e familiares, espero que tenham perdoado e compreendido as minhas ausências quando elas se fizeram necessárias.

Agradeço ao meu orientador e mestre, Washington Farias, que, pacientemente, me ensinou os caminhos da ciência e da academia. Por seu exemplo, compreendi que o fazer ciência também é um fazer político, suas lições me fizeram enxergar a língua/gem

pelos olhos da AD, e sem ele, esse trabalho, que hoje me interpela em pesquisadora, jamais seria possível.

Aos professores e funcionários, que fazem parte do Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) da Universidade Federal de Campina Grande, que me oportunizaram a experiência como discente em um programa de excelência acadêmica. Se hoje posso dizer que fui feliz durante esses mais de dois anos no curso de mestrado, foi graças a vocês. Desses, em especial ao professor Manassés Xavier, que por sua humanidade, conhecimentos, empatia e clareza, como professor das disciplinas de Tópicos de Pesquisa e Seminário de Pesquisa, pode me acompanhar e me ajudar no ser discente pesquisador, mostrando o caminho a trilhar. Também o agradeço por aceitar compor a banca de qualificação e de defesa. Suas contribuições foram cruciais para o desenvolvimento dessa pesquisa.

Também agradeço a Professora Maria Augusta, que me acolheu quando eu ainda era aluna especial do mestrado. Aos professores Aloísio e Marco, que me inspiraram e me motivaram a estar/permanecer no curso. A Professora Maria Angélica, pelo incentivo, pela garra, pela resistência, por todo conhecimento partilhado. Jamais esquecerei suas lições! Agradeço, também, ao Professor Luís Fernando Bulhões, que participou da banca de qualificação e aceitou participar da banca de defesa, me sinto honrada por receber suas contribuições que enriqueceram/ão ainda mais esse trabalho de dissertação.

Por fim, dou graças a mim, que fui teimosa e obstinada, fui resiliente e corajosa.

A mim, que nunca parei de sonhar!

O que falo nunca é o que falo e sim outra coisa. (...) Capta essa outra coisa de que na verdade falo porque eu mesma não posso.

Clarice Lispector

RESUMO

O cancelamento na internet se estabelece a partir de um jogo de sentidos que classifica sujeitos em merecedores ou não de sustentarem opiniões e ocuparem certos lugares na sociedade e nos discursos. Nesse contexto, esta pesquisa, fundamentando-se nos estudos da Análise do Discurso de orientação pecheutiana, investigou o cancelamento virtual em sua relação com as políticas de silenciamento do sujeito, em que se estabelece um tenso processo entre o dizer e não poder dizer(-se) (n)a diferença na ou entre formações discursivas. A partir disso, definimos como problemática central neste trabalho a seguinte pergunta: *Como o cancelamento virtual funciona discursivamente no espaço digital enquanto forma de silenciamento do político do/no sujeito e do/no sentido?* Por conseguinte, propusemos como objetivo geral: investigar o funcionamento discursivo do cancelamento virtual no Twitter/X enquanto forma de silenciamento do sujeito. E como objetivos específicos: a) caracterizar o movimento do político no discurso do sujeito cancelado a partir dos enunciados desencadeadores de processos de cancelamento; b) analisar, no Twitter/X, a produção de efeitos de cancelamento sobre esses discursos resultantes do silenciamento do político; e por fim c) analisar, na mesma rede, efeitos de estabilização e de desestabilização do processo discursivo de cancelamento nos discursos de sujeitos comentadores. Nos baseamos teórica e metodologicamente, principalmente, nos pressupostos da Análise do Discurso (Pêcheux, 2014, 2013, 2008), nas reflexões teóricas de Eni Orlandi sobre linguagem e silêncio, bem como sobre os funcionamentos autoritário e polêmico dos discursos (Orlandi 2023,2012, 2008, 2007, 1987). As condições de produção que viabilizaram a construção do arquivo sobre o cancelamento virtual foram as eleições presidenciais de 2022 e a manifestação de figuras públicas na internet, como suas respectivas reações no Twitter/X. Assim, para atingirmos os objetivos traçados, analisamos tuítes envolvidos no episódio de cancelamento virtual da *influencer* e *vlogger* Rita Von Hunty, ao declarar apoio às candidaturas da esquerda radical no primeiro turno, em oposição à chapa Lula-Alckmin. Dessa maneira, no que diz respeito aos procedimentos analíticos, nosso dispositivo interpretativo considerou a observação dos dados a partir da i) caracterização do movimento do político nos enunciados do sujeito cancelado em discursos desencadeadores de processos de cancelamento; b) análise da produção de efeitos de cancelamento sobre esses discursos no Twitter/x resultantes do silenciamento do político; e por fim c) análise, na mesma rede, dos efeitos de estabilização e de desestabilização do processo discursivo de cancelamento nos discursos de sujeitos comentadores. Como resultados das análises, observamos os seguintes funcionamentos: a) o movimento político do sujeito marcando a diferença/divergência de sua posição no interior da formação discursiva; b) a produção de efeitos de cancelamento em três modalidades, a saber: i) a interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente); ii) a dessignificação da posição própria do sujeito; iii) interdição do movimento de constituição da identidade político-ideológica do sujeito na história e; c) a desestabilização dos efeitos de sentido do cancelamento em discursos de identificação e contraidentificação com a posição do sujeito cancelado. Portanto, compreendemos que o cancelamento discursivo funciona, enquanto política de silenciamento, no conflito entre a enunciação do diferente e a interdição do dizer, isto é, entre poder e não poder dizer (-se) (n)a diferença.

Palavras-Chave: Cancelamento Discursivo; Cancelamento Virtual; Discurso; Silenciamento; Sujeito.

ABSTRACT

Cancellation works as a phenomenon of interaction between individuals on the internet, based on a game of meanings that classifies subjects as worthy or not of holding opinions and occupying positions in society. In this context, this research investigated virtual cancellation based on the studies of Discourse Analysis with a Pecheutian orientation. In this way, we focused on the discursive functioning of virtual cancellation in relation to policies of silencing the political subject, in a tense process between saying and not being able to say (in) the difference in or between discursive formations. Based on this, our central problem is the following question: *How does virtual cancellation function discursively in the digital space as a form of silencing the political of/in the subject and of/in meaning?* We therefore propose the following general objective: to investigate the discursive functioning of virtual cancellation on Twitter/X as a form of silencing the political subject. And as specific objectives: a) to characterise the movement of the political in the discourse of the cancelled subject based on the statements that trigger cancellation processes; b) to analyse, on Twitter/X, the production of cancellation effects on these discourses resulting from the silencing of the political; and finally c) to analyse, on the same network, the effects of stabilisation and destabilisation of the discursive process of cancellation in the discourses of commenting subjects. We base our theoretical and methodological approach mainly on the assumptions of Discourse Analysis (Pêcheux, 2014, 2013, 2008), Eni Orlandi's theoretical reflections on language and silence, and the authoritarian and polemical functioning of discourses (Orlandi 2023, 2012, 2008, 2007, 1987). The conditions of production that enabled the construction of the archive on virtual cancellation were the 2022 presidential elections and the manifestation of public figures on the internet, such as their respective reactions on Twitter/X. In order to achieve our objectives, we analysed the tweets involved in the episode of the virtual cancellation of influencer and *vlogger* Rita Von Hunty, who declared her support for the candidates of the radical left in the first round, in opposition to the Lula-Alckmin ticket. As far as the analytical procedures are concerned, our interpretative device considered the observation of data based on i) characterising the movement of the politician in the statements of the cancelled subject in discourses that trigger cancellation processes; b) analysing the production of cancellation effects on these discourses on Twitter/x resulting from the silencing of the politician; and finally c) analysing, on the same network, stabilisation and destabilisation effects of the discursive process of cancellation in the discourses of commenting subjects. The results of the analysis were as follows: a) the movement of the political subject marking the difference/divergence in the discursive formation; b) the discourses that explore the effects of cancellation and their respective modalities, namely: (i) the interdiction of the movement of inscription of the subject in a position of its own (different, divergent); (ii) the de-signification of the subject's own position; (iii) the interdiction of the movement in the constitution of the subject's political-ideological identity and; (c) the discourses of identification and counter-identification with the political subject destabilise the effects of meaning of cancellation. Therefore, we understand that discursive cancellation functions, as a policy of silencing, in the conflict between the enunciation of the different and the interdiction of saying, that is, between being able and not being able to say (oneself) (in) the difference.

Keywords: Discourse cancellation; Virtual cancellation; Discourse; Silencing; Subject.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Politização e Despolitização.....	27
Figura 2: Elementos de um tuíte.....	54
Figura 3: Corpus e movimentos de análise.....	59
Figura 4: Rita Von Hunty declara voto contrário a Lula no primeiro turno.....	68
Figura 5: Efeitos de cancelamento e a deslegitimação do sujeito político.....	73
Figura 6: Cancelamento como exclusão da diferença.....	76
Figura 7: Cancelamento como boicote ao capital social do sujeito.....	77
Figura 8: Cancelamento e efeito de irreversibilidade.....	78
Figura 9: A dessignificação nos sentidos do cancelamento.....	80
Figura 10: Dissimulação de identificação e dessignificação no cancelamento.....	82
Figura 11: Cancelamento como deslegitimação do sujeito político.....	85
Figura 12: O cancelamento discursivo como deslegitimação do lugar discursivo do sujeito político.....	87
Figura 13: Cancelamento como anulação do lugar discursivo.....	90
Figura 14: Discordância e diferença na FD de esquerda.....	94
Figura 15: Efeitos polissêmicos e desestabilização do cancelamento.....	95
Figura 16: Contraidentificação e a desestabilização dos efeitos de cancelamento.....	96
Figura 17: Estabilização e desestabilização dos efeitos de cancelamento.....	98
Figura 18: Funcionamento do Cancelamento Discursivo.....	100

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Cancelamento Virtual: Estado da Arte.....	23
Quadro 2: Cancelamento enquanto Política de Silenciamento.....	48

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AIEs- Aparelhos Ideológicos do Estado

AD- Análise do Discurso

ADP- Análise do Discurso pecheutiana

FD - Formação discursiva

FIs- Formações Ideológicas

SD – Sequência discursiva

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
2 O DISPOSITIVO TEÓRICO DO CANCELAMENTO DISCURSIVO: UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS DO VIRTUAL COMO UMA POLÍTICA DE SILENCIAMENTO	16
2.1 FACES DO CANCELAMENTO ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL NO VIRTUAL.....	16
2.2 O CANCELAMENTO VIRTUAL: A EMERGÊNCIA DE UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA.....	29
3 UM DISPOSITIVO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE DO CANCELAMENTO DISCURSIVO	50
3.1 A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA ADP.....	50
3.2 A CONSTRUÇÃO DO ARQUIVO: O <i>CORPUS</i> DE ANÁLISE DO CANCELAMENTO DISCURSIVO.....	55
3.3 OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE NA INVESTIGAÇÃO DO CANCELAMENTO DISCURSIVO.....	58
4 O CANCELAMENTO DISCURSIVO COMO FORMA DE SILENCIAMENTO: ENTRE O PODER E O NÃO PODER DIZER(-SE) (N)A DIFERENÇA	61
4.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO CANCELAMENTO NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2022: SENTIDOS POLÍTICOS E DEMOCRÁTICOS EM DISPUTA.....	61
4.2 RITA VON HUNTY OUSOU RADICALIZAR-SE: O MOVIMENTO DO SUJEITO POLÍTICO.....	66
4.3 EFEITOS DE CANCELAMENTO: O SILÊNCIO IMPOSTO E OS EFEITOS DE SENTIDO DE CANCELAMENTO.....	70
4.3.1 O cancelamento discursivo como interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente)	72
4.3.2 O cancelamento discursivo como dessignificação da posição própria do sujeito.....	79

4.3.3 O cancelamento discursivo como a interdição do movimento de constituição da identidade político-ideológica do sujeito na história.....	84
4.4 IDENTIFICAÇÃO E CONTRAIDENTIFICAÇÃO NA DESESTABILIZAÇÃO DOS EFEITOS DE CANCELAMENTO.....	93
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	102
REFERÊNCIAS.....	106
ANEXOS.....	111

INTRODUÇÃO

O cancelamento virtual tornou-se uma das grandes pautas da comunicação na internet nos anos recentes. No entanto, mesmo que ondas surjam a todo momento e as pessoas se arranjam em novas formas de expressão e de interação nos nichos virtuais, a crítica à vida pessoal e pública, principalmente de celebridades, políticos e figuras públicas em geral, em forma de violência virtual, mostrou-se ser uma das principais marcas de interação nas redes sociais.

De acordo com Castells (2013), as redes sociais provocaram uma drástica mudança nas formas de comunicação em massa. Isto é, aqueles que antes eram apenas receptores de informações pelos meios de comunicação tradicional passaram a interferir nas plataformas digitais e pautar a cena virtual. Dessa forma, os interlocutores saíram da estrutura unilateral de comunicação e passaram a reivindicar as mídias sociais enquanto espaços para formação de opinião. Nessa seara, o movimento do cancelamento ganhou destaque nas práticas dos usuários de redes sociais.

De modo geral, o cancelamento virtual, fruto da cultura de cancelamento, envolve atitudes de pessoas que dirigem violência, críticas ácidas e incentivam o boicote aos atores sociais em notoriedade em um determinado momento (Macedo, 2016). A expressão “cultura do cancelamento” foi eleita pelo Dicionário Macquarie como termo do ano em 2019. Nesse quesito, esse fenômeno está apoiado em práticas de internautas que exigem perfeição de seus pares ou de figuras públicas. Esse cenário tem tornado o ambiente virtual um espaço hostil de competição sobre quem está mais certo ou quem acusa mais os erros alheios. Esse conjunto de atitudes agressivas grupais é conhecido como “tribunal da internet”. O tribunal da internet, como o próprio nome sugere, pode ser equiparado às salas de julgamento, que utilizam o cancelamento virtual como ferramenta de classificação de sujeitos em dignos ou não de sustentarem opiniões e ocuparem certos lugares na sociedade.

O cancelamento numa perspectiva diferente da que conhecemos hoje, parece ter surgido nos EUA. De acordo com o jornal *The New York Times*¹, “ativistas negros cobravam posturas críticas de celebridades em relação ao racismo e subiram hashtags com o termo "cancel". No Brasil, esse movimento tem ganhado força e ao menor sinal de

¹ <https://www.nytimes.com/2020/08/10/podcasts/the-daily/cancel-culture.html>

deslize, pessoas, em sua maioria públicas, são alvo de processos de cancelamento na internet. Momentos de efervescência cultural e euforia coletiva são propícios para esses movimentos, que unem e separam os grupos em convergências e divergências culturais e políticas.

Salientamos que o cancelamento, enquanto forma de ativismo político, se apresenta como uma estratégia de resistência contra a opressão e a discriminação, pois desafia consensos que, historicamente, marginalizaram e invisibilizaram minorias. Nessa perspectiva, o cancelamento se torna uma reivindicação por reconhecimento e a mobilização de um espaço outro para que os sujeitos possam se significar. No entanto, destacamos que essa pesquisa não foca em episódios de cancelamento que enfatizam esse movimento. Nossa abordagem, por outro lado, analisa o cancelamento virtual como uma política de silenciamento, como interdição e negação do lugar outro e de apagamento de diferenças e divergências. Logo, como uma prática discursiva historicamente situada.

Para compreendermos o cancelamento enquanto política de silenciamento, precisamos ter em mente que as ações que transcendem o espaço físico e reverberam no virtual demonstram como as práticas humanas de linguagem irremediavelmente se atualizam e se inscrevem no real. Sobre isso, Orlandi (2007) nos diz que a humanidade está condenada ao simbólico, sendo ele materializado ou não, pois o sentido engloba tanto a linguagem quanto o silêncio. Os sentidos, para serem o que são, se constituem a partir do silêncio, sendo esse um contínuo espaço significante, como afirma a estudiosa:

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) de significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito. O real da linguagem –o discreto, o um – encontra sua contraparte no silêncio. (Orlandi, 2007, p.13)

Essa correlação intrínseca entre silêncio e linguagem é designada por Orlandi como silêncio fundador, pois é ele que estrutura a linguagem, que organiza a dispersão do silêncio e o categoriza. Nesse espaço de segmentação dos movimentos do silêncio pela linguagem, a autora discute sobre as “políticas de silenciamento”, para ela, os processos de silenciamento estão implicados principalmente no “fazer calar”. Sobre essa tipificação do silêncio, Orlandi (2007, p.102) elucida:

O silêncio não é ausência de palavras. Impor o silêncio não é calar o interlocutor, mas impedi-lo de sustentar outro discurso. Em condições dadas, fala-se para não dizer (ou não permitir que se diga) coisas que podem causar rupturas significativas na relação de sentidos. As palavras vêm carregadas de silêncio (s). (Orlandi, 2007, p.102)

Dessa forma, objetivamos investigar o cancelamento virtual na seara de relações entre silêncio e linguagem e suas intervenções na construção de sentidos do outro e na produção do dizer político dos sujeitos. Assim, os sentidos do cancelamento emergem da combinação entre o silêncio constitutivo e o silêncio local. O silêncio constitutivo está na fundação dos discursos, na qual apagam-se sentidos outros para formular um discurso específico. Por outro lado, o silêncio local pode ser observado no impedimento do movimento dos sujeitos em posições possíveis e/entre formações discursivas. Em outras palavras, o silêncio local atua na supressão de vozes dissidentes e na desqualificação de perspectivas diferentes ou divergentes.

O cancelamento desde seu aparecimento nas redes sociais tem se remodelado e evidenciado práticas humanas de violência e cerceamento dos indivíduos em sua constituição enquanto sujeitos políticos, manifestando-se como uma prática discursiva de linguagem. Tendo em vista principalmente os efeitos autoritários das divisões causadas pelo cancelamento virtual que se manifestam pela linguagem, faz-se necessário entender sua dinâmica-social e discursiva.

Defendemos assim, que o cancelamento virtual é mais que uma ação advinda de práticas de linchamentos físicas “transportadas” para o virtual (Macedo (2018, p.206), mas apresenta uma dinâmica discursiva própria que se prolifera nas redes sociais de forma exponencial. Essa dinâmica de intervenção no dizer do outro se manifesta quando se identifica uma “política de silenciamento” (Orlandi, 2007) por meio de um funcionamento autoritário do discurso, ou seja, aquele em que não há troca de papéis entre os locutores, apenas os sentidos proferidos por um dos locutores são autorizados. Além disso, define-se como os sujeitos devem ou não se posicionar em sociedade, bloqueando a movimentação dos sujeitos em suas posições próprias na e entre formações discursivas. Esse fenômeno pode acontecer em referência ao dissenso em um determinado momento, ou pode incidir sobre a constituição da identidade do sujeito ao longo da história, fixando e projetando sentidos desatualizados sobre o sujeito. Outra forma de manifestação do cancelamento, diz respeito ao esvaziamento das filiações históricas e a atribuição de sentidos outros, indevidos (designificação).

Assim, em plena era da informação, os grupos, cada vez mais isolados em suas bolhas, promovem quebras, divisões e conflitos que impedem o diálogo, o livre dissenso e a vivência democrática nas relações histórico-sociais.

É importante ressaltar que o cancelamento ainda não é um tema de pesquisa de grande abrangência. Desse modo, esta pesquisa se mostra relevante não apenas pela escassez de trabalhos que explorem o fenômeno do cancelamento, mas também por conta da perspectiva discursiva pela qual observamos o fenômeno em questão.

Assim, como objeto de análise, selecionamos o episódio de cancelamento virtual da *influencer* e *vlogger* Rita Von Hunty, ao declarar apoio as candidaturas da esquerda radical no primeiro turno, em detrimento à chapa Lula-Alckmin, e suas respectivas repercussões no Twitter/X.

Rita Von Hunty é uma personagem da internet que ganhou relevância na última década. A figura de Rita Von Hunty surgiu no cenário da internet em 2015 e é uma persona do ator e professor Guilherme Terreri Lima. A *drag* é apresentadora do canal do Youtube “Tempero Drag” que conta com mais de 1 milhão de inscritos.

O episódio de cancelamento virtual da personagem aconteceu após Rita tecer críticas, nos stories do Instagram, à candidatura da chapa Lula-Alckmin, em defesa de voto no PCB e Unidade Popular no primeiro turno das eleições de 2022. Naquele momento para diversos internautas, a ação foi vista como inadmissível e desarrazoada, o que fez com que muitos quebrassem seus vínculos, não só com o ponto de vista da *drag* naquele momento, mas descredibilizassem sua luta, abandonassem seu canal, e deslegitimassem a própria identidade construída pela/o *vlogger*. O fato também chamou a atenção de muitos que saíram em defesa de Rita Von Hunty, principalmente de sua liberdade de expressar discordância dentro do campo da esquerda.

Desse modo, ao longo dessa pesquisa, almejamos compreender os processos que envolvem a produção de efeitos de sentido decorrentes do jogo entre os lugares discursivos e posições de onde fala o sujeito cancelado, além dos posicionamentos pró e contra o cancelamento. Para Grigoletto (2005), o lugar discursivo, para além do lugar social, é um espaço de transição entre a forma sujeito histórica e a posição-sujeito, que permite diferentes modos de inscrição do sujeito no discurso.

Assim, no cancelamento virtual, ao observarmos o lugar discursivo do sujeito cancelado, enquanto lugar da *drag queen* militante comunista de Rita Von Hunty, podemos observar como os gestos interpretativos de todos os sujeitos envolvidos nesse episódio de cancelamento se relacionam com esses espaços discursivos na construção dos enunciados.

Além disso, ao observarmos o movimento discursivo do sujeito cancelado na afirmação de uma posição diferente e divergente no campo da esquerda, percebemos que seu discurso desencadeou efeitos de sentido de cancelamento pelos sujeitos canceladores.

Farias (2021), assim como Orlandi (2019), explica que o sujeito político é aquele que pode significar sua diferença na história, na sociedade e no discurso. Nesse contexto, para Orlandi (2019) a característica fundamental do discurso é o movimento dos sujeitos e dos sentidos em uma formação discursiva, e entre formações discursivas. Assim sendo, o cancelamento produz um efeito de bloqueio, impedindo, portanto, o sujeito de significar-se no interior da formação discursiva que o interpela e de circular entre outras FDs.

Para Pêcheux (2008), as formações discursivas compreendem o conjunto de enunciados produzidos dentro de uma formação ideológica, isto é o conjunto de valores, crenças e ideias compartilhadas por um determinado grupo social. Nesse sentido, o cancelamento virtual se desenvolve a partir dos conflitos gerados nessas formações discursivas no momento que sujeitos ocupam posições que se distanciam dos saberes dominantes de uma FD. Desse modo, ao observamos o cancelamento virtual de celebridades e/ou figuras públicas, percebemos que discursos polêmicos dessas pessoas se propagam e se tornam pauta nas redes. Em decorrência do processo de cancelamento, esses posicionamentos são bloqueados e a construção política do sujeito, que até certo momento tinha prestígio social nesses nichos virtuais, passa a ter sua popularidade abalada.

Para Orlandi (1987, p.53), as tipologias não são modos rígidos de manifestação dos discursos, mas características que o configuram sob a forma de interação. Assim, os tipos são “cristalizações de funcionamentos discursivos distintos”.

Dessa maneira, o funcionamento discursivo do cancelamento se dá pelo funcionamento predominante do discurso autoritário, pois a articulação locutor-ouvinte é desarticulada, privilegiando-se assim a irreversibilidade e a paráfrase, tendo o foco exclusivo no locutor. Nessa perspectiva, uma “verdade” é imposta pelo enunciador e colocada como única, anulando-se a disputa pelos sentidos, esta característica do discurso polêmico. De fato, no cancelamento, o discurso autoritário e o discurso polêmico se confrontam na produção de sentidos, desde os que invalidam o dizer do cancelado aos que apoiam e confrontam o ato de cancelamento. Nesse enquadre, os efeitos de sentido do cancelamento tendem ao funcionamento autoritário, pois nessa tensão, o que predomina é a assimetria no discurso, na qual o locutor se coloca como agente exclusivo

do discursivo, impedindo e negando o movimento dos sujeitos e sentidos nas formações discursivas.

Por outro lado, na esfera social, o cancelamento e as práticas de linchamento parecem estar no cerne de práticas sociais que vão de encontro aos princípios democráticos e a convivência de pensamentos dissonantes, pois ao excluir o diferente, os grupos se radicalizam cada vez mais e movimentos extremistas ganham força nas mobilizações sociais.

Isto posto temos como problemática central a seguinte pergunta: *Como o cancelamento virtual funciona discursivamente no espaço digital enquanto forma de silenciamento do político do/no sujeito e do/no sentido?*

E para respondê-la temos como espaço significativo de observação a rede social Twitter e como condições de produção sócio-históricas e imediatas para a construção do *corpus* o processo eleitoral das eleições presidenciais de 2022, desde o lançamento das pré-candidaturas até a posse presidencial.

Tendo em vista que as redes sociais digitais atuam como espaços significantes de circulação-confronto de discursos, posições-sujeito, efeitos de sentidos constituídos na articulação com a rede de memória do interdiscurso e das FDs que nele encontram abrigo (Pêcheux, 2014). O Twitter, atualmente rede social X, foi escolhido por promover discussões em tempo real, nela usuários, muitas vezes anônimos, podem interagir sobre temas da atualidade. Nessa rede social, muitos internautas sentem-se livres para atacar e expor suas opiniões sem medo de retaliações. Consequentemente, a discussão em massa na web faz com que essa rede social se torne lugar para a observação *in loco* das materialidades envolvidas no cancelamento virtual.

Tomamos como recorte para a construção do *corpus* as condições de produção discursiva da disputa eleitoral de 2022 pela Presidência da República, pois o evento político foi marcado pela polarização e escalada de violência física e virtual que envolveram os sujeitos no e pelo digital. Assim, as eleições mostraram-se propícias à ocorrência de práticas de cancelamento, bem como para investigação desse acontecimento.

Diante disso, buscaremos analisar o cancelamento virtual como prática discursiva ligada às políticas de silenciamento envolvidas em conjunturas sociais atuais em sua discursividade.

Dessa forma, para o desenvolvimento desta pesquisa, estabelecemos como objetivo geral: investigar o funcionamento discursivo do cancelamento virtual no

Twitter/X enquanto forma de silenciamento do político. E como objetivos específicos: a) caracterizar o movimento do político no discurso do sujeito cancelado a partir dos enunciados desencadeadores de processos de cancelamento; b) analisar, no Twitter/X, a produção de efeitos de cancelamento sobre esses discursos resultantes do silenciamento do político; e por fim c) analisar, na mesma rede, efeitos de estabilização e de desestabilização do processo discursivo de cancelamento nos discursos de sujeitos comentadores.

Para realizar os objetivos apresentados, analisaremos tuítes envolvidos no episódio de cancelamento virtual da *influencer* e *vlogger* Rita Von Hunty, ao declarar apoio às candidaturas da esquerda radical no primeiro turno, em oposição à chapa Lula-Alckmin. Assim, as sequências discursivas contra e a favor do cancelamento do sujeito enunciativo em sua construção política será o foco da construção do corpus.

Desse modo, essa pesquisa visa promover avanços nos estudos sobre cancelamento virtual, pois esperamos compreender o funcionamento discursivo desse fenômeno partindo da ótica da Análise do Discurso de orientação pecheutiana. Para isso, desejamos dimensionar esse fenômeno observando entre outras características, as condições de produção que afetam o lugar discursivo dos sujeitos na construção do político em seus discursos, como também os funcionamentos do discurso polêmico e o discurso autoritário e suas implicações nas formas de silêncio que se configuram no cancelamento virtual.

De modo geral, esperamos que esta pesquisa amplie o olhar analítico diante do cancelamento virtual para que mais pesquisadores da área da linguagem e do discurso possam se interessar nas práticas de cancelamento virtual além do senso comum.

Os capítulos desta dissertação que se seguem mostram o percurso trilhado na nossa investigação sobre o cancelamento virtual enquanto prática discursiva. Assim, o capítulo de Fundamentação Teórica (O dispositivo teórico do cancelamento discursivo: um olhar sobre as dinâmicas do virtual como uma política de silenciamento) se divide em 2 seções.

Na primeira seção (2.1 Faces do cancelamento enquanto prática social no virtual), discutiremos sobre o cancelamento como fenômeno nas redes, sob o viés sócio-histórico e cultural. A partir dessas contribuições, poderemos demonstrar como esses estudos dialogam e contrastam com a concepção de cancelamento adotada nesta pesquisa, ou seja, como prática de silenciamento pela linguagem no virtual. Nessa mesma seção, ainda estarão representados os resultados da investigação nossa, feita nos repositórios de

dissertações, teses e artigos da CAPES, sobre o estado da arte do tema do cancelamento virtual. Essas perspectivas sobre a temática contribuíram para a compreensão do cancelamento virtual vinculado às práticas de linguagem de ativismo político, como forma de resistência às várias formas de opressão às minorias ou, ainda, como corrobora a essa pesquisa, como forma de silenciamento de vozes dissidentes associado a processos de politização e despolitização dos sujeitos na sociedade.

Na seção subsequente (2.2 O cancelamento virtual: a emergência de uma perspectiva discursiva), abordaremos o cancelamento no digital enquanto acontecimento discursivo na perspectiva da Análise do Discurso pecheutiana. Nesse momento, serão detalhadas as categorias de análise que embasam essa pesquisa, como os conceitos de forma-sujeito e os processos subjetivos de tomada de posição, os quais, a partir do funcionamento do cancelamento discursivo, relacionaremos aos aspectos da heterogeneidade discursiva presente nos processos de fragmentação das FDs. Além disso, discutiremos como as formas de silêncio estão associadas enquanto política de silenciamento do cancelamento. Dessa forma, nessa seção indicaremos a relação que se confronta no cancelamento: o movimento e o silenciamento, o que envolverá a suspensão da tensão entre paráfrase e polissemia com primazia da primeira; funcionamentos autoritário e polêmico: sobreposição do autoritário ao polêmico; afirmação do político e apagamento do político no/do discurso.

Os movimentos de análise desenvolvidos nessa dissertação estarão detalhados no capítulo de metodologia (3 Um dispositivo metodológico para análise do cancelamento discursivo), que se divide em 3 seções: 3.1 A abordagem teórico-metodológica da ADP, 3.2 A construção do arquivo: o *corpus* de análise do cancelamento discursivo e 3.3 Os procedimentos de análise na investigação do cancelamento discursivo.

Na primeira seção metodológica (3.1 A abordagem teórico-metodológica da ADP), trataremos da Análise do Discurso pecheutiana enquanto metodologia de pesquisa científica que objetiva a análise de textos/discursos pelo viés da interpretação. Na segunda seção (3.2 A construção do arquivo: o *corpus* de análise do cancelamento discursivo), detalharemos como as materialidades do virtual, em especial do Twitter/X, que constituíram o arquivo sobre o cancelamento virtual demonstrando seu funcionamento discursivo pelo digital. Na terceira seção (3.3 Os procedimentos de análise na investigação do cancelamento discursivo), por fim, descreveremos os movimentos de análise para a interpretação do nosso corpus em função dos objetivos da pesquisa. Assim, nossos gestos de análises buscam: caracterizar o movimento político nos enunciados do

sujeito cancelado; analisar os efeitos de cancelamento no Twitter/X; e examinar os efeitos de estabilização e desestabilização do cancelamento na mesma rede.

Na seção de análises (4. O cancelamento discursivo como forma de silenciamento: entre o poder e o não poder dizer(-se) (n)a diferença), as apreciações se bifurcam em 5 subseções.

Na seção 4.1 (Condições de produção do cancelamento na eleição presidencial de 2022: sentidos políticos e democráticos em disputa), realizaremos uma apresentação das condições de produção que contemplam o episódio de cancelamento focalizado em nossa análise, como também nos aprofundaremos no estudo dos sentidos que foram colocados em disputa na cena eleitoral de 2022.

O trabalho analítico das materialidades acerca do episódio de cancelamento de Rita Von Hunty enquanto dinâmica discursiva acontece, de fato, nas quatro seções seguintes. Nessas seções será possível ao leitor observar o funcionamento do cancelamento, a partir do movimento do sujeito, ao demarcar a diferença/divergência na FD de esquerda no contexto da eleição presidencial de 2022 na subseção 4.2 Rita Von Hunty ousou radicalizar-se: o movimento do sujeito político.

Além disso, na seção 4.3 (Efeitos de cancelamento: o silêncio imposto e os efeitos de sentido de cancelamento), serão detalhadas as modalidades de silenciamento no cancelamento, revelando, assim, como os sujeitos comentadores, na interação com o político, interditam o movimento de sujeitos e sentidos a partir de 3 efeitos de sentido de cancelamento, que irão ser escrutinadas em 3 partes dessa subseção.

Por conseguinte, em 4.3.1 (O cancelamento discursivo como interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente), o cancelamento será interpretado como bloqueio da inscrição de uma posição divergente, como forma de deslegitimação e invalidação da posição do sujeito, impondo um sentido único, estável, para circular na FD de esquerda.

Em 4.3.2 (O cancelamento discursivo como dessignificação da posição própria do sujeito), o cancelamento será abordado como dessignificação da posição própria do sujeito, destacando como essa forma de silenciamento dissimula a identificação, desloca e esvazia os sentidos primeiros do sujeito, atribuindo-lhe sentidos outros, indevidos.

Na subseção 4.3.3 (O cancelamento discursivo como interdição do movimento de constituição da identidade político-ideológica do sujeito na história), o cancelamento será discutido como interdição da constituição da identidade político-ideológica ao longo do

tempo, mostrando como esse silenciamento impede a interpelação do sujeito pela história, fixando identificações passadas ao sujeito político.

Na subseção 4.4 (Identificação e contraidentificação na desestabilização dos efeitos de cancelamento), nos aprofundaremos na desestabilização do cancelamento a partir do funcionamento polêmico do discurso, da afirmação do político, da movimentação de sujeitos e sentidos, contrariando, assim, as dinâmicas de silenciamento.

Por fim, nas Considerações Finais, mostraremos a síntese e a avaliação dos resultados da pesquisa, que de forma geral, evidenciaram as formas de funcionamento do cancelamento virtual como um complexo de relações discursivas entre movimento e interdição que marcam o conflito entre a enunciação do diferente e a interdição do dizer pelo digital, isto é, o poder e o não poder dizer (-se) (n)a diferença.

À luz do que foi apresentado, na próxima seção nos debruçaremos nas discussões teóricas que respaldam essa pesquisa.

2 O DISPOSITIVO TEÓRICO DO CANCELAMENTO DISCURSIVO: UM OLHAR SOBRE AS DINÂMICAS DO VIRTUAL COMO UMA POLÍTICA DE SILENCIAMENTO

Para o desenvolvimento desta pesquisa faz-se pertinente refletir sobre um conjunto de temáticas e abordagens teóricas que se articulam para a compreensão do nosso objeto de estudo, isto é: como o cancelamento virtual funciona discursivamente enquanto uma prática de linguagem acionada a partir de políticas de silenciamento. Dessa forma, faremos uma discussão em dois momentos. No primeiro, traremos uma perspectiva do fenômeno por seu viés sócio-histórico e cultural a partir de estudos da comunicação social e antropologia, tendo como base estudos de Domingues (2023), Dunker (2021), Martins (2015), Paveau (2017), Recuero (2013, 2009), Castels (2013) e Silva (2022). Num segundo momento, apresentaremos os fundamentos discursivos que darão apoio a abordagem do cancelamento virtual nesta pesquisa, a partir de Pêcheux (2014, 2013, 2008) e de reflexões teóricas de Eni Orlandi (2023, 2019, 2012, 2008, 2007, 1987) sobre a relação entre linguagem e silêncio, bem como sobre os funcionamentos autoritário e polêmico dos discursos. Também promoveremos uma discussão acerca das relações entre lugar discursivo e posições-sujeito a partir de Grigoletto (2008, 2005). (Orlandi 2012, 2008, 2007). Ainda nessa seção, procurando dar aprofundamento sobre o digital numa perspectiva discursiva, e para isso abordaremos os relevantes estudos de Dias (2017).

2.1 FACES DO CANCELAMENTO ENQUANTO PRÁTICA SOCIAL NO VIRTUAL

Indicada como a palavra do ano em 2019, o dicionário Macquarie define cultura do cancelamento como:

Atitudes dentro de uma comunidade que exigem ou provocam a retirada de apoio de uma figura pública, como o cancelamento de um papel de um ator, a proibição de tocar a música de um artista, a remoção das mídias sociais etc., geralmente em resposta a uma acusação de uma ação ou de um comentário socialmente inaceitável (Macquarie, 2019, tradução por Santos, 2023).

Para Martins (2015), historicamente, formas de violência a partir do linchamento e silenciamento sempre afetaram principalmente mulheres, pessoas negras, LGBTQIAP+, deficientes, entre outras minorias. No entanto, na contemporaneidade os movimentos de cancelamento têm sido um caminho para dar voz a essas populações perenemente silenciadas. Nesse sentido, Dunker (2021) afirma que o cancelamento

enquanto prática virtual de linguagem surgiu como forma de dar voz aos marginalizados e historicamente silenciados. Assim, o ato de cancelar inicialmente esteve ligado ao ativismo de grupos minoritários por meio dos movimentos como *#BlackLivesMatter* e *#MeeToo* no Twitter em 2020 e em 2017, por exemplo. Desde então, foi crescente a vigilância ao comportamento público de empresas e figuras públicas sobre questões de raça e gênero. No entanto, com o passar dos anos, o movimento de cancelamento perdeu a ligação específica com os atos de militância, pois revelou-se enquanto uma prática de indivíduos na interação com o digital.

Nesse quesito, Dunker (2021) reflete que se disseminou na sociedade brasileira uma tendência às ações de cancelamento impulsionadas pela mídia virtual e televisiva. Para exemplificar esse pensamento, o estudioso nos diz que o Big Brother Brasil, por exemplo, funciona como um desses mecanismos de incentivo ao cancelamento, pois nele podem ser observadas estruturas de espetacularização em prol de sistemas de exclusão social.

Na edição de 2021, foi memorável o episódio de cancelamento da cantora Karol Conká, na qual a participante teve uma série de atitudes reprováveis dentro do programa. Na ocasião, ela foi eliminada da edição com recorde de rejeição e sofreu consequências financeiras e mentais nos anos seguintes a sua participação. Ainda na mesma edição, e nos anos que se seguiram, outros participantes tiveram suas condutas questionadas e canceladas, mas o nível de rejeição não foi o mesmo. Para Dunker (2021), inúmeras variáveis podem estar envolvidas com os diferentes “pesos e medidas” do cancelamento, entre elas as estruturas sociais pesam significativamente para esse desequilíbrio. Isso pode explicar o porquê de figuras negras como Nego Di, Lumena e Karol Conká, que foram canceladas por terem atitudes contraditórias na casa, não receberem uma ofensiva de cancelamento maior do que Rodolfo Matthaus. O cantor cis-hétero do meio sertanejo, que teve atitudes racistas e homofóbicas no programa chegou a lançar uma música enquanto ainda estava confinado, no período o single atingiu o topo das paradas de sucesso.²

Segundo Freitas (2017), quando pensamos em cancelamentos de pessoas públicas ou empresas, partimos do princípio de que uma pessoa para ser cancelada deve ser relevante para um grupo ou uma comunidade. Sibilía (2008) explica que nossa época está marcada pela espetacularização do “eu” e do culto às personalidades. Nesse sentido,

² <https://www.uol.com.br/splash/noticias/2021/04/01/escolhida-entre-5-mil-opcoes-batom-de-cereja-atingiu-apice-em-um-mes.htm>

a espetacularização do “eu” cria expectativas na plateia e inicialmente há adesão e engajamento positivo em relação às celebridades tidas como ídolos pelo público. No cancelamento, o engajamento é revertido em frustrações nos internautas, que retiram suas inscrições ou interações positivas e em troca despejam xingamentos, chegando muitas vezes a reforçar e incentivar o abandono do indivíduo ou grupo em questão. Nesse sentido, o cancelamento funciona como uma forma de vigilância, na qual há uma régua “invisível” que controla o que pode ou não ser defendido por uma celebridade, que, em caso de desobediência, torna-se passível a rejeições e punições.

Para Haraway (2009), os indivíduos remanescentes do mundo virtual ganham fama nas redes e se projetam como ciborgues, criaturas quase fictícias no imaginário coletivo. Nesse sentido, a identidade criada no recorte de realidade feito pelo indivíduo é espiada e a qualquer sinal de vacilação ou erro que possa contradizer com o perfil da criatura ficcional perfeita delineada no imaginário dos interlocutores dá início a um processo de cancelamento. É nesse ambiente que o cancelamento acontece.

É importante enfatizar que para essa pesquisa, não consideramos linchamento virtual e cancelamento virtual como sinônimos. Segundo Freitas (2017), linchamentos virtuais são ações de discurso violento na internet que levam ao cancelamento. Na visão que apoiamos nessa pesquisa, o cancelamento virtual se desenvolve enquanto ação discursiva de linguagem que, provocado pelos enunciados polêmicos do sujeito cancelado, reverbera efeitos de sentido que impedem, bloqueiam e silenciam os sentidos que agitam as redes de memória. Assim, não há uma relação direta entre o discurso violento e os efeitos de sentido de cancelamento. Além disso, no cancelamento como acontecimento também consideramos os enunciados que problematizam e questionam o cancelamento em si, o que amplia nossa análise diante do fenômeno.

Para compreendermos como o cancelamento cresceu nos últimos anos enquanto prática no ciberespaço, precisamos entender como ele pode estar atrelado ao desenvolvimento das redes sociais enquanto verdadeiros impérios econômicos no digital.

Bartlett (2018) explica que as empresas que mais cresceram nas últimas décadas, sem dúvida, foram as do ramo da tecnologia, mas apesar de estarem no campo da computação, a maior ênfase desse mercado foi a monetização das relações humanas e suas conexões.

Ainda de acordo com o pesquisador, quanto mais tempo gastamos nos relacionando nessas plataformas, mais elas faturam. Com a ascensão das redes sociais, a linha que separa o público do privado foi tornando-se cada vez mais tênue. Assim, a partir

das novas relações digitais, elementos básicos das relações humanas em comunidade, como elogios, críticas e compartilhamento de ideias, por exemplo, foram formatados para sustentar o mercado das redes, fazendo das ações dos internautas métricas para modelos de negócios que tendem a moldar as relações via digital.

Para Bartlett (2018), a imersão da sociedade no digital resultou no esvaziamento de relações interpessoais autênticas, isto é, o virtual (re)cria o mundo a partir de performances que buscam o engajamento e a audiência a todo custo.

Sobre o mundo digital, Castells (2013), assim como Levy (2009), entende que as práticas na internet implicam na virtualização de práticas sociais em um processo de transformação dos métodos tradicionais de comunicação para a constituição de uma cultura digital. Dessa forma, uma das características que sobressai a partir da cultura digital nas redes sociais é a construção de um capital social na internet através de múltiplas relações com outros usuários e com a própria estrutura da rede. Como já dito, essas dinâmicas produzem uma contínua transformação desse espaço, que se modifica em razão dos processos de interação entre os atores e da visão de seus criadores, como também de um jogo de interesses das empresas que organizam esses sistemas.

Para Recuero (2009), todo processo dinâmico é considerado como emergente e capaz de impactar a estrutura. Nesse sentido, a estudiosa traz três elementos importantes que estão na geração dos processos sociais nas redes, que são a competição, a cooperação e o conflito. A cooperação é o processo formador das estruturas sociais no sentido de um agir organizado. Esse fator é gerado pelos interesses individuais e o capital envolvendo as finalidades do grupo. A competição compreende a concorrência por popularidade nos grupos para o ganho de prestígio. Já o conflito pode envolver cooperação, no entanto, nesse caso há a necessidade de reconhecimento dos antagonistas enquanto adversários. Assim, a autora entende esses processos como concomitantes à dinâmica própria das redes. No entanto, ao passo que o conflito supera a cooperação, acontece o desgaste das redes interrelacionais e as estruturas, alimentadas pelos conflitos, se rompem e se reconfiguram.

Observamos nesse contexto que o cancelamento virtual se insere nas práticas conflituosas nas redes permeadas pela competição, pois como finalidade nesse processo, conteúdos de crítica e agressão tendem a viralizar e repartem o espaço midiático de forma polarizada em posições “a favor” ou “contra” determinados sujeitos e seus discursos, o que gera ainda mais engajamento. Além disso, no cancelamento virtual há a tentativa de

suspensão do conflito através da exclusão do diferente. Desse modo, os processos de resolução de conflitos são burlados, restando apenas a polarização.

Esse espaço de constante polarização faz parte de um sistema que “induz” os usuários a verem e produzirem determinados conteúdos, direcionando e moldando os indivíduos. Nesse sentido, cabe a reflexão sobre a forma como somos expostos repentina e repetitivamente a uma infinidade de informações online. Acerca desse tema, Paveau (2017) explica que os algoritmos das mídias sociais são dotados de uma “coconstituição estrutural”, isto é, o desenvolvimento das práticas de linguagem dos sujeitos está atrelado à materialização não só “na máquina”, mas “da máquina”. Assim, o algoritmo em atuação nas redes faz o mapeamento constante de tudo que lemos e produzimos e atualiza continuamente as possibilidades de leitura e produção:

os discursos dominantes já não são aqueles mantidos ou selecionados a partir de uma escala vertical dos poderes, por locutores detentores dos diferentes meios e que conferem poder aos discursos, mas aqueles que são reconhecidos, na horizontalidade dos links, pela "inteligência coletiva" constituída pelas trocas e avaliações dos internautas. (Paveau, 2017, p.43)

Desse modo, os algoritmos funcionam como coenunciadores e determinantes do conteúdo e das vozes que predominam nas redes.

Outra observação de Paveau (2017) sobre o digital nos chama atenção: é preciso superar uma visão anacrônica e isolada da língua. A estudiosa destaca que a produção de sentidos na linguagem está intrinsecamente ligada à tecnologização da comunicação. Assim, as práticas virtuais de linguagem apresentam aspectos singulares e devem ser observadas a partir das peculiaridades inerentes a essa esfera.

A partir dessas reflexões compreendemos que o cancelamento é impulsionado pelos algoritmos das redes, nos quais os sujeitos, engajados e moldados pelo hipertexto, formam verdadeiros campos de batalha virtual. Nesse contexto, os próprios usuários fomentam e propagam comportamentos de conflito e disputa em busca de popularidade e prestígio. Em outras palavras, ganha mais engajamento e tem a rede mais alimentada os usuários vistos como “valentes” e “destemidos”, que acusam e atacam mais o outro.

Nesse contexto, baseado nos estudos de Paveau (2017), Recuero (2013, 2009), Castels (2013) e Silva (2022), destacamos algumas características que facilitam a adesão às manifestações violentas pelos usuários do Twitter/X: a) o enunciado virtual é disperso, pois, mesmo que a relação enunciator-destinatário seja abrangente, sua efetividade é vaga, já que muitas vezes o enunciator não obtém audiência nem resposta, através de

likes, comentários ou retuites, por exemplo. Muitas vezes o alvo da agressão sequer tem acesso ao que foi dito sobre ele; b) a agência do enunciador muitas vezes é camuflada atrás de pseudônimos, ou o que conhecemos por perfis *fake*, o que dá mais conforto ao enunciador dizer o que pensa sem ser descoberto; c) o xingamento e o discurso de ódio geram engajamento, o que cativa internautas a interagirem utilizando esses vieses de linguagem.

De acordo com Castells (2013), a organização das redes tem base principalmente devido à “segurança do ciberespaço”, já que

peças de todas as idades e condições passaram a ocupar o espaço público, num encontro às cegas entre si e com o destino que desejavam forjar, ao reivindicar seu direito de fazer história - sua história -, numa manifestação da autoconsciência que sempre caracterizou os grandes movimentos sociais (Castells, 2013, p.6).

Apesar de otimista, essa visão compreende a necessidade de conquista de capital social como um dos fatores centrais que movimentam esse ambiente. Nesse contexto, o cancelamento virtual funciona enquanto ferramenta de julgamentos no ambiente virtual, isto é, as redes sociais são utilizadas para classificar sujeitos em merecedores ou não de sustentarem opiniões e ocuparem certos lugares na sociedade.

O cancelamento fica ainda mais evidenciado durante acontecimentos de grande movimentação pública, como eventos culturais, esportivos e políticos. Nesses momentos, os sujeitos se mobilizam em ações conjuntas dentro e fora do ambiente virtual.

Nesse aspecto, um estudo realizado por Sabino, Rais e Mota (2021) apontou que cerca de 80% das pessoas no meio virtual apresentam incômodo quando são deparadas com discussões que envolvem debates políticos. Na ótica desse estudo, o incômodo funciona como o principal gatilho para ações de cancelamento. Compreendemos assim, que o diferente constitui esse lugar do desconforto que impulsiona a rejeição ao outro, fundamentando a prática do cancelamento.

Dessa maneira, a ambientação das eleições presidenciais se apresenta como a maior mobilização política no país, pois podemos vivenciar a democracia em talvez um de seus atos mais performáticos, que é a liberdade política de poder declarar voto e participar de movimentos políticos, pelo menos teoricamente.

De acordo com Dicionário de Política de Bobbio (1998, p.326)

Democracia se foi entendendo um método ou um conjunto de regras de procedimento para a constituição de Governo e para a formação das decisões

políticas (ou seja, das decisões que abrangem a toda a comunidade) mais do que uma determinada ideologia.

Já o ideal democrático seria “como o da solução pacífica dos conflitos sociais, da eliminação da violência institucional no limite do possível, do frequente revezamento da classe política, da tolerância e assim por diante” (Bobbio, 1998, p.326). Essa concepção é o pilar principal do constitucionalismo moderno que se integra aos Direitos Humanos e à Cidadania e forma o estado democrático de direito.

Para Bobbio (1998) em um ambiente democrático, o livre debate de ideias faz parte da construção de uma sociedade justa e igualitária. No entanto, com a realidade do virtual, as ideias do autor não obtêm correspondência, pois muitos são os fenômenos que atravessam a comunicação e a difusão de informações, dificultando assim os avanços e a “manutenção democrática do dissenso³” (Bobbio, 1998).

Desse modo, acerca da realização do fundamento da tolerância mútua, Levitsky e Ziblatt (2018) explicam que, no jogo político democrático, através da tolerância mútua, os cidadãos devem estar imbuídos a aceitar que os oponentes joguem pelas regras institucionais, aceitando que eles tenham direito igual de existir, competir pelo poder e governar. Assim, pode-se divergir, e mesmo não gostar de seus oponentes, desde que os aceitem como legítimos. Todavia, a interação nas redes sociais por meio do cancelamento digital tem protagonizado uma escalada de conflitos que buscam subtrair o político e o divergente, ameaçando manifestações democráticas válidas e o diálogo no jogo político.

Portanto, percebemos que o cancelamento virtual encontra grande repercussão nas discussões políticas em redes sociais como forma de controlar e suprimir os que discordam e divergem, ao mesmo tempo que busca expandir e estabilizar um ponto de vista privilegiado. Nesse cenário, com a suspensão do conflito e a exclusão dos diferentes, a sociedade tende à radicalização e polarização.

Nesse ponto, ainda precisamos afinar nossos estudos para entender como essa nomenclatura de fato é tratada no meio acadêmico atual. Para isso, vamos analisar, no próximo quadro, como o cancelamento é visto atualmente em pesquisas acadêmicas a partir de uma perspectiva sócio-histórica enquanto fenômeno social no digital.

Como já observado, os estudos sobre o cancelamento virtual são objeto de várias áreas do conhecimento, como os estudos da comunicação social, da antropologia e da

³ “O dissenso seria qualquer forma de desacordo não estavelmente organizado e institucionalizado, sempre mantido dentro de contornos moderados e não violentos, individuais ou coletivos (Bobbio,1998).

linguagem. No entanto, partindo para um olhar mais aprofundado acerca do estado da arte desse tema, percebemos que principalmente na área de letras essa temática é ainda pouco investigada, como vemos no Quadro 1 abaixo:

Quadro 1: Cancelamento Virtual: Estado da Arte

CATÁLOGO DE TESES E DISSERTAÇÕES CAPES				
FILTRO DE PESQUISA	RESULTADOS POR ÁREA DE PESQUISA			
	CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS		LETRAS, LINGUÍSTICA E ARTES	
	T⁴	D	T	D
CANCELAMENTO+VIRTUAL	0	1	0	0
CANCELAMENTO+DIGITAL	0	3	0	0
CULTURA+DO+CANCELAMENTO	0	11	0	2
DISCURSO+DE+ÓDIO	9	25	14	42
LINCHAMENTO+VIRTUAL	0	4	1	1
CATÁLOGO DE PERIÓDICOS DA CAPES				
CANCELAMENTO+VIRTUAL	9			
CANCELAMENTO+DIGITAL	13			
CULTURA+DO+CANCELAMENTO	27			
DISCURSO+DE+ÓDIO	115			
LINCHAMENTO+VIRTUAL	3			

Fonte: elaborado pela autora.

Os resultados da pesquisa acima apresentada foram obtidos em dezembro de 2024 nos bancos de teses, dissertações e periódicos da plataforma da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Nessa pesquisa, utilizamos como filtros as expressões: “cancelamento+virtual”, “cultura+do+cancelamento”, “cancelamento+digital” e “linchamento+virtual”. Consideramos também como filtro a

⁴ “T” no quadro refere-se ao número de teses e “D” ao número de dissertações.

área de concentração Estudos Linguísticos e Ciências Sociais.⁵ Como podemos observar no Quadro 1 existem poucas referências de pesquisa a nível de pós-graduação *stricto sensu* sobre o tema, principalmente na área de linguística, na qual apenas 2 trabalhos foram encontrados. Já relacionado ao discurso de ódio, tema ao qual essa pesquisa está relacionada, obtivemos um número expressivo de pesquisas na área. Dessa forma, após realizarmos uma avaliação global acerca dos trabalhos científicos que evidenciaram alguma relação com o tema de nossa pesquisa, destacamos a seguir aqueles que apresentaram contribuições relevantes para a discussão sobre o cancelamento.

Na dissertação de mestrado de Domingues (2023) intitulada de “Da veneração ao repúdio: como a cultura do cancelamento transformou a imagem de J.K. Rowling em comunidades de fãs no Brasil” observamos o percurso histórico das práticas de cancelamento até a contemporaneidade. Nesse quesito, a autora explica que o Twitter, ou “X” como é nomeada atualmente, é palco para manifestações de cancelamento. Em sua pesquisa, a estudiosa aponta, assim como em outras pesquisas sobre a temática, que a ideia inicial do cancelamento era a demanda de responsabilização de comportamentos abomináveis principalmente por figuras públicas ou empresas, como casos de abuso sexual pelo movimento #MeToo em 2017, e casos de racismo, evidenciados pelo movimento #BlackLivesMatter em 2020, que obtiveram atenção nas redes sociais e alcançaram as ruas.

Dessa maneira, compreende-se que o Twitter foi fundamental para a ampliação das discussões sobre violência sexual e racismo, o que aumentou a cobrança por justiça, pois através da rede inúmeros usuários passaram a se manifestar nessas e muitas outras causas. Nessa perspectiva, a autora afirma que o cancelamento emerge como instrumento de oposição a discursos e práticas que reverberam preconceitos e intolerância, elementos que contribuem para a perpetuação de uma estrutura social baseada em discriminação e desequilíbrio. No entanto, essa cultura sofreu desdobramentos que a tornaram também conhecida pelos linchamentos e ataques virtuais de exclusão do diferente. Em outras palavras, os usuários das redes que atuam em favor do cancelamento, mesmo que estejam lutando contra injustiças sociais, muitas vezes, o fazem de maneira a reproduzir padrões de intolerância, violência e silenciamento.

⁵ Na busca em periódicos não foi possível fazer essa diferenciação, por não haver ferramenta de filtro de busca no site.

Nesse enquadre, concordamos com a estudiosa em sua concepção sobre a cultura do cancelamento e o tribunal da internet quando ela afirma que

a cultura do cancelamento, de fato, pode reforçar a lógica de um tribunal da internet, onde, diferentemente dos processos legais ocorridos offline, não existe muito espaço para o exercício do contraditório, além da ausência de igualdade e proporcionalidade nos julgamentos (Domingues, 2013, p. 44-45).

Na pesquisa de Domingues (2023), assim como em Dunker (2021) e a partir de Castells (2013), compreendemos que não existe um único tipo de cancelamento. O cancelamento enquanto ativismo político está atrelado a uma forma política de resistência à opressão, à discriminação, ao ativismo que confronta o consenso que oprime e apaga historicamente a existência de minorias. Nessa modalidade, o cancelamento surge como luta pelo reconhecimento de um lugar outro, diferente, para o sujeito se significar. Esta pesquisa, porém, não nos atentamos a episódios de cancelamento que dão ênfase a esse movimento de resistência. Trataremos do cancelamento virtual enquanto uma política de silenciamento, de interdição e proibição do lugar outro do sujeito e apagamento da diferença.

Dando seguimento aos estudos sobre a cultura do cancelamento, uma outra pesquisa que nos chamou atenção foi a dissertação de mestrado de Macedo (2022), que trata sobre *haters*⁶. No que refere a ligação do movimento *hater* com ações de cancelamento, a pesquisadora explica que esses sujeitos assumem uma identidade de ódio partilhada em grupo para favorecer o compartilhamento de uma cultura definida pelos diversos tipos de preconceitos e violência. De acordo com a autora, esses discursos partem de “um fenômeno social construído e institucionalizado”. Assim, percebemos como a cultura *hater* e o cancelamento virtual se aproximam enquanto fenômenos dinâmicos de propaganda de ódio nas redes sociais. Todavia, a dinâmica do cancelamento discursivo não parte apenas do movimento *hater*. Por isso, não temos em nossa pesquisa o discurso de ódio como foco, pois compreendemos que os efeitos de cancelamento se manifestam em materialidades que, independentemente de divulgarem discursos de ódio, impedem, bloqueiam, silenciam sujeitos e sentidos, negando a movimentação do político nas redes discursivas.

Santos (2023), na dissertação de mestrado “A cultura do cancelamento nas redes sociais: uma análise do *Ethos* sob a perspectiva da semiologia”, nos fala sobre o que ele chama de “o efeito reverso fruto do cancelamento”, que são ganhos econômicos derivados da

⁶ *hater* pode ser designado como indivíduo que expressa opinião negativa ou crítica agressiva pessoas no ambiente online, em geral celebridades. Esses seres virtuais também são vistos como perseguidores.

visibilidade causada pela polêmica. Nessa perspectiva, a exposição, mesmo que “negativa”, gera engajamento e há uma ressignificação do cancelamento. Isso se deve ao fato de que um dos desdobramentos do cancelamento é a validação das ações que iniciaram o processo, nas posições que se identificam ou se contraidentificam com o dizer cancelado. Outro aspecto abordado na dissertação é a vulgarização das discussões que culminam em cancelamento. Isto é, a democratização do acesso à internet e aos meios de linguagem proporcionados pelo digital mostram a banalização do cancelamento enquanto ativismo e traz uma realidade desconectada de lutas sociais. Assim, reivindicações válidas dão lugar ao afastamento de quaisquer traços de alteridade. Dessa maneira, o cancelamento enquanto resistência política, dá lugar ao cancelamento como silenciamento.

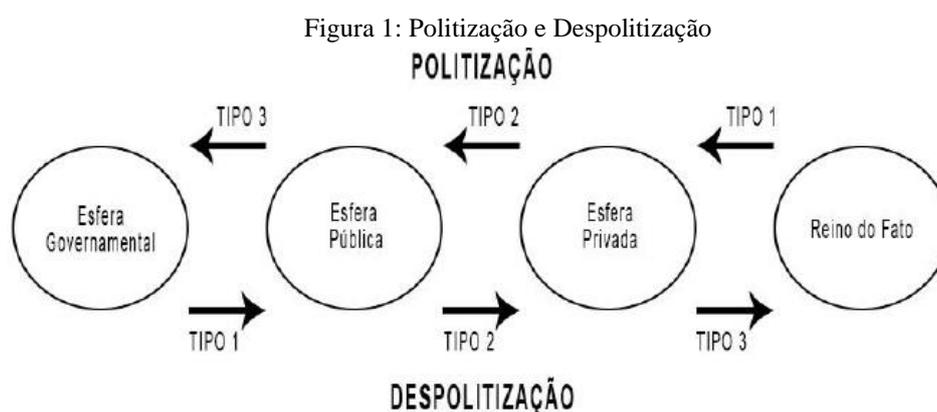
Para Silva (2022), na dissertação de mestrado “Linchamentos virtuais e cultura do cancelamento: os casos Patrícia Campos Mello e Lilia Schwarcz.” a cultura do cancelamento, por meio dos linchamentos virtuais, promove o efeito prático da desautorização e do silenciamento de vozes dissonantes. Nessa desautorização há a suspensão do diálogo que transforma o outro em objeto, sem direito ao diálogo. Desse modo, o sujeito cancelador ocupa o lugar de vigia e algoz para o sujeito cancelado em processos deletérios de interrupção do dizer e ser do outro. Esse pesquisador explica que há uma clara conexão entre os linchamentos físicos e virtuais. A constituição da sociedade adepta à punição por meio de linchamentos físicos levou à formação da cultura de cancelamento que observamos no mundo virtual hoje. Para ele, há uma “volúpia punitiva, a ânsia por destruição une indivíduos diferentes e os fazem sentir-se iguais. Cada um se sente integrante de um todo e ao mesmo tempo livre (Silva, 2022, p.33)”. Assim, o autor compreende que esse movimento, que une indivíduos em atos de violência, apesar de manifestar-se pelo virtual tem raízes em práticas ancestrais na sociedade.

Soares, Ferreira e Santos (2023), no artigo “A massa produto(ra) da cultura do cancelamento na era da pós-verdade”, explicam que a cultura do cancelamento é reflexo de uma sociedade adoecida pelos modos de punição ao diferente como construção de identidade grupais. Nesse contexto, as novas tecnologias de comunicação unem-se a isso, pois atuam sobre os corpos e suas performances no digital. Como vemos

Como um dispositivo de controle, a cultura do cancelamento atualiza os mecanismos de punição bárbaros analógicos (estigma, humilhação e punição em praça pública), digitalizando-os, via espetacularização, e potencializando seu alcance. Daí, poder dizer que cancelar alguém, no formato como acontece hoje, só é possível mediante a atuação conjunta de atores humanos e não humanos (ferramentas), inseridos em um contexto sócio-histórico-cultural e

psíquico que possibilita o acesso a ferramentas e ideias que viabilizam a ação massiva (Soares, Ferreira, Santos, 2023, p.619).

Orlandini e Cassiano (2022), no artigo “Central de Cancelamento: potencialidades e esvaziamentos políticos discursivos da cultura do cancelamento”, enfatizam que os processos de politização e despolitização estão diretamente relacionados aos casos de cancelamento. Desse modo, esses pesquisadores tomaram os conceitos politização e despolitização de Hay (2007) e Wood e Flinders (2014), nos quais é explicado que as migrações nos processos de interação dos indivíduos, principalmente nas esferas privada e pública, acarretam a politização ou despolitização dos discursos⁷. Para esses teóricos, o conceito de politização está envolvido na ampliação de determinados assuntos para o debate público. Já o processo de despolitização está relacionado à redução ou à retirada de uma determinada questão/temática da arena pública. Como podemos analisar no esquema abaixo:



Fonte: Orlandini e Cassiano (2022)

Dessa maneira, ao fazerem um recorte sobre a cultura do cancelamento, os estudiosos explicam que esse pode ocorrer por meio da politização de Tipo 2, tendo em vista que o cancelamento muitas vezes é motivado pelo descontentamento político principalmente com celebridades, isto é, acontecimentos da esfera privada transitam para a esfera pública. Orlandini e Cassiano (2022) ainda destacam que uma importante ferramenta utilizada no cancelamento por meio desse tipo são as hashtags⁸, pois através

⁷ A área de conhecimento deste artigo é em Comunicação Social, assim as noções de discurso e político diferem das concepções que tomamos como base nessa pesquisa. No entanto, se faz relevante observarmos como o cancelamento virtual tem sido abordado no meio acadêmico e como podemos aprofundá-lo levando em consideração principalmente o ponto de vista discursivo.

⁸ As hashtags são ferramentas marcadas com o símbolo cerquilha (#) que permitem a indexação de palavras ou expressões em algumas redes sociais como o Twitter, Facebook e Instagram.

dos hiperlinks compartilhados nas redes os usuários impulsionam ainda mais a discussão pública. Nessa esteira, os autores concordam que o cancelamento pode surgir como forma de ativismo político de resistência. Em outras palavras, o cancelamento muitas vezes surge enquanto mobilização para melhorias sociais e injustiças, como forma de colocar em pauta práticas não aceitas por certos núcleos sociais.

Além disso, os autores ainda enfatizam os processos de despolitização. Orlandini e Cassiano (2022) apontam que o cancelamento no digital pode ocorrer por processos de despolitização do Tipo 2, isto é, discussões politizadas na esfera pública são deslocadas para a esfera privada e muitas vezes podem apresentar “notícias falsas, discursos de ódio, linchamentos e criminalização de movimentos sociais”. Na ótica dos autores, o processo de despolitização da discussão online “potencializa a polarização⁹ nas redes, o que se coloca como perdas democráticas já que inibem os processos de deliberação pública.” Assim, na ótica dessa pesquisa, o cancelamento virtual envolve mecanismos que buscam despolitizar, isto é, subtrair o diferente para homogeneizar e regularizar significados na sociedade.

De modo geral, percebemos que a discussão sobre o cancelamento virtual na área de linguagem ainda é incipiente, tendo em vista que as obras acadêmicas dos últimos anos sobre o cancelamento virtual derivam de outras áreas do conhecimento. No entanto, em uma observação mais a fundo dessas obras, pudemos elencar alguns fatores que elevam nossa compreensão atual sobre o fenômeno do cancelamento.

Dessa forma, com base na amostra dos estudos atuais expostos nessa pesquisa, podemos dizer que o cancelamento do ponto de vista dos estudos sociais: i) deriva de práticas históricas de linchamentos grupais como forma de punição coletiva; ii) no digital, pode ser definido como atividade grupal que promove o refinamento de uma cultura definida por diferentes tipos de preconceitos e violência; iii) pode surgir a partir de movimentos políticos de resistência, como luta pelo reconhecimento de um lugar outro, historicamente silenciado; iv) pode agir principalmente por meio da desautorização e silenciamento de vozes dissonantes; v) acontece por meio processos de politização e despolitização dos indivíduos em contato com os eventos do mundo.

⁹ Quando nos referimos a polarização, nesta pesquisa, falamos principalmente da situação em que o indivíduo se filia a um grupo social e, a partir disso, são despertados sentimentos e atitudes positivas em relação ao próprio grupo e, em contraposição, são geradas atitudes de competição e depreciação aos grupos rivais, desencadeadas pela desafeição entre grupos políticos rivais (Wagner, 2021).

Nesse escopo, o trabalho de pesquisa aqui desenvolvido busca introduzir uma nova perspectiva na área de linguagem acerca do cancelamento virtual enquanto prática social. Para isso, abordamos o cancelamento pelo digital enquanto acontecimento discursivo na perspectiva materialista da Análise do Discurso.

Assim, ao longo da próxima seção teórica desta dissertação procuraremos abranger os conceitos que explicam o funcionamento discursivo do cancelamento virtual enquanto acontecimento discursivo. Trataremos, assim, de explicar como o cancelamento funciona enquanto política de silenciamento do sujeito que interrompe o dizer político dos sujeitos, na construção de suas identidades, provocando bloqueios na movimentação dos sujeitos nas/entre formações discursivas.

2.2 O CANCELAMENTO VIRTUAL: A EMERGÊNCIA DE UMA PERSPECTIVA DISCURSIVA

Do ponto de vista discursivo, situamos nossa reflexão sobre o cancelamento na terceira fase da AD pecheutiana (Mazzola, 2019). Como marco desse momento, temos a publicação de “O discurso: estrutura ou acontecimento (1983)”, última produção de Michel Pêcheux antes de sua morte. Nesse momento, o discurso é visto a partir de seu potencial de constituir rupturas na produção de sentidos. Como explica o teórico francês

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, sentido diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu para derivar para um outro (a não ser que a proibição da interpretação própria ao logicamente estável se exerça sobre ele explicitamente). Todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como série (léxico-uma sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação (Pêcheux, 2008, p.53).

Nessa perspectiva, entendemos o efeito de cancelamento enquanto política de silenciamento discursivo que bloqueia a possibilidade de significações diferentes em uma FD, negando assim a possibilidade do sentido ser outro, tentando impedir a interpretação, negando o político enquanto divisão de sentidos.

A partir desse pressuposto, acreditamos que o cancelamento virtual poderá ser mais bem compreendido na Análise do Discurso Pecheutiana a partir dos seguintes conceitos: discurso, formação discursiva, silenciamento, lugar discursivo, posição-sujeito e efeitos de sentido.

Para Pêcheux (2008), o discurso é constituído por articulações presentes entre a língua, o sujeito e a história evidenciando a ideologia na linguagem. Assim, o discurso é construído por duas partes indissociáveis: a materialidade linguística e a materialidade histórica. Além disso, o discurso é construído pela memória e formulado no bojo do interdiscurso, isto é, ele não é uma produção individual e singular, mas sim uma produção de enunciados que está envolto na teia de relações sócio-históricas e interdiscursivas que atravessam o sujeito em suas produções na linguagem.

No discurso estão imbricadas relações constitutivas entre o texto e a situação, isto é, suas condições de produção, as quais detém a relação do sujeito e interdiscurso. Sobre as condições de produção, essas incluem o contexto imediato, o sócio-histórico e a memória (Orlandi, 2008). Assim, o discurso veiculado em determinadas condições de produção por sujeitos históricos, no momento da enunciação, produz efeitos de sentidos nas práticas sociais.

Pêcheux (2008) argumenta que, ao passo que a ideologia produz evidências no discurso, a materialidade histórica produz falhas, e cabe ao analista identificar esses traços de discursividade através de movimentos de interpretação. Sobre a relação interpretação e ideologia, Orlandi (2014) desloca a noção de ideologia para a interpretação. A investigadora explica que enquanto sujeitos afetados pela história e a língua somos provocados a interpretar os objetos simbólicos. Nesse sentido, o cancelamento estabelece uma problemática importante quanto aos processos discursivos, visto que age justamente na proibição da interpretação pelo sujeito discursivo.

Tendo em vista que os discursos são efeitos de sentido entre interlocutores, concordamos com Orlandi (2014), quando esta afirma que o analista do discurso se encontra na contemplação dos movimentos de interpretação, na intenção de compreendê-los. Dessa forma, a posição do analista é deslocada para uma posição de entremeio, entre a descrição e a interpretação, que deve tornar visível as relações e os sentidos nos funcionamentos discursivos.

Desse modo, ao observar os gestos interpretativos dos sujeitos, o analista deve buscar expor os efeitos metafóricos enquanto possibilidades de deslizamentos de sentido e produção de equívocos. A partir disso é possível evidenciar as formas de resistência e luta dos grupos subalternos contra as estruturas de opressão. Nesse sentido, o cancelamento virtual aloca-se nesse espaço de tensão nas formações discursivas e entre formações discursivas. Nesse embate, verifica-se uma disputa de sentidos que visa suprimir equívocos e estabelecer uma ilusão de univocidade da linguagem.

Para compreendermos a teia de sentidos que envolve os discursos, Pêcheux (2014, p.151) nos explica que o interdiscurso é constituído a partir da relação do sujeito com sua historicidade, é irrepresentável, composto pelo já-dito (pré-construído) e fornece a cada sujeito, sua realidade enquanto sistema de evidências e significações (processo de sustentação). O filósofo explica as determinações materiais do interdiscurso, observando que o

pré-construído" corresponde ao "sempre-já-aí" da interpelação ideológica que fornece-impõe a "realidade" e seu "sentido" sob a forma da universalidade (o "mundo das coisas"), ao passo que a "articulação" constitui o sujeito em sua relação com o sentido, de modo que ela representa, no interdiscurso, aquilo que determina a dominação da forma-sujeito

De forma geral, o interdiscurso engloba o complexo das formações discursivas que representam na linguagem o complexo das formações ideológicas de uma estrutura social. Além disso, o funcionamento do interdiscurso está relacionado a subordinação-assujeitamento do sujeito discursivo ao Outro, isto é, ao lugar de formação dos pré-construídos, e é o que permite que não o reconheçamos. Isso acontece em consequência da interpelação ideológica. Nesse sentido, indo mais a fundo no processo de compreensão do caráter material dos sentidos nos discursos, de acordo com Pêcheux (2014), a interpelação ideológica produz redes de evidências na língua. Em outras palavras, a ideologia, articulada ao inconsciente, dissimula sua existência no interior de uma formação discursiva produzindo uma rede de evidências. A partir dessa injunção temos a evidência do sujeito e do sentido. A evidência do sujeito é o efeito ideológico, ou seja, a ilusão de sermos origem do que falamos, já a evidência do sentido está na ilusão de transparência da linguagem, de que as palavras e seus significados estariam "naturalmente" atrelados. Essas tessituras que marcam o discurso são efeitos ideológicos que constituem continuamente sujeitos e sentidos.

Acerca do conceito de formação discursiva, como já brevemente abordado, foi tomado inicialmente de Foucault (2004) e é ressignificado por Pêcheux. As formações discursivas na teoria desse autor determinam as fronteiras do que pode ser dito ou não no interior de uma formação ideológica. As formações discursivas apresentam regularidades condicionadas pelos processos históricos e sociais que determinam a produção e a circulação dos enunciados. Assim, a formação discursiva é um fenômeno da ordem social histórica que permite compreender como representações ideológicas são produzidas e disseminadas na sociedade pela linguagem.

Como já brevemente explanado, para Pêcheux (2014, p.147), a ideologia projeta-se no discurso em Formações Discursivas, doravante FDs, que são projeções das formações ideológicas. Isto é, uma FD é “aquilo que, numa formação ideológica dada, a partir de uma posição em uma conjuntura dada, determinada pelo estado da luta de classes determina o que pode e deve ser dito”. Desse modo, as formações ideológicas possuem um caráter “regional” e comportam “posições de classe”. Pêcheux (2014) ainda nos explica que “há uma relação de desigualdade-subordinação entre as Formações Ideológicas, doravante FIs, que constituem a luta de classes. As FIs dominantes funcionam por meio da instalação dos Aparelhos Ideológicos do Estado-AIEs, as quais interferem nas práticas que os tornam dominantes. Dessa forma, o evidente tende a ser dominante.

Até o momento, compreendemos que os conceitos teóricos relacionados ao interdiscurso e às formações discursivas e ideológicas representam elementos fundamentais na base dos discursos. Orlandi (2008) explica que a constituição é um dos três processos de construção do discurso, são eles: a constituição, a formulação e a circulação do discurso. O primeiro, a constituição, envolve o interdiscurso de uma formação discursiva, o lugar do apagamento, do esquecimento, do já-dito, ou seja, as operações de pré-construído. Já na formulação estaria a dimensão do intradiscurso, essa desenha as circunstâncias particulares de atualização do dizer, como são compostos a textualização e a corporeidade do enunciado, o que pode ser evidenciado através dos gestos interpretativos do sujeito e suas articulações ao verbalizar e construir seu discurso. Por fim, ao pensarmos em circulação do discurso, devemos observar a instância dos trajetos dos dizeres, como o contexto de recepção e espaço significante.

De acordo com Orlandi (2008), esses movimentos nos ajudam a criar condições teóricas e metodológicas para observarmos o texto em sua materialidade como unidade imaginária que intervém na reflexão e na ideologia. Através desses movimentos, podemos observar no texto onde aflora a discursividade, em seu real contraditório, isto é, em seu conjunto de evidências, dobraduras e falhas.

No que confere ao cancelamento virtual, a observação desses movimentos do discurso nos ajuda a perceber que esse acontecimento em sua constituição, formulação e circulação comporta o contraditório.

Nesse escopo, desejamos compreender como o cancelamento virtual funciona na constituição de sujeitos e sentidos enquanto prática discursiva que subtrai o diferente e o impede de movimentar-se em uma determinada formação discursiva e de circular em

outras FDs. Na dimensão da formulação, desejamos observar como o cancelamento se relaciona com as políticas de silenciamento, suprimindo e sufocando sentidos em uma construção discursiva de tensões nas discursividades desse acontecimento. Já na dimensão da circulação, desejamos observar como os enunciados significam no digital, tendo o Twitter/X enquanto espaço significante, tendo em vista as condições específicas de circulação do Twitter/X influenciam o processo de cancelamento.

No âmbito da circulação dos discursos, é essencial promover uma reflexão acerca das práticas do digital e do fenômeno do cancelamento como prática virtual de linguagem. Sob essa ótica, a interação entre os indivíduos por meio de práticas de cancelamento emerge como um elemento crucial para a consolidação desse fenômeno na memória digital, enquanto prática discursiva.

Nesse quesito, sobre o discurso digital, Orlandi (2023, p.86), no livro “Argumentação e Análise do Discurso”, afirma que as redes sociais impulsionam a produção de conflitos e polarização, sempre prendendo os discursos em “contra” ou “a favor”. Com a política do digital, as distâncias aumentam cada vez mais, pois

As mídias digitais mudaram a gestualidade interpretativa: a relação do sujeito com sua imagem, e a imagem com o que é dito, não precisam coincidir; o que produz uma espécie de "esfarelamento" significativo, uma dispersão afetada pelas formas de assujeitamento e os processos de identificação (Orlandi, 2023, p.65).

Dessa forma, instala-se uma confusão promovida pela “ruptura ideológica” na relação entre discursos e formações discursivas, pois “sentidos encontram obstáculos para se filiar, sentidos são barrados por uma discursividade coesa e dura (Orlandi, 2023, p.65)”. Em outras palavras, o digital contribui ativamente para a insegurança político-simbólica. Nessa insegurança político-simbólica, o discurso autoritário não está exclusivamente no poder do Estado, mas disseminado em instituições diversas e no imaginário social. Compreendemos, assim, que é sobre esse contexto de relações pelo digital que o cancelamento discursivo funciona enquanto obstáculo/impedimento para filiação dos sujeitos/sentidos nas formações discursivas, pois, enquanto funcionamento autoritário, nos termos de Orlandi (1987, 2023), o cancelamento contribui para esse cenário de insegurança político-simbólica, de ruptura ideológica.

Dias (2017), em seu livro “Análise do Discurso Digital: Sujeito, Espaço, Memória e Arquivo”, nos apresenta uma abordagem discursiva sobre práticas virtuais de linguagem, as quais acreditamos ser de ampla relevância para esta pesquisa. De modo

geral, essa autora corrobora Paveau (2017) ao explicar como a natureza tecnológica do meio virtual muda nossa relação com a memória e os sentidos. Assim, há um deslocamento dos sentidos para uma nova organização da memória.

O conceito de memória para Pêcheux (2008) se relaciona à estrutura do interdiscurso quando, ao provocar ecos nas formações discursivas, permite a continuidade e a transformação dos discursos ao longo do tempo contribuindo para a produção de sentidos na historicidade. Nesse sentido, Dias (2017, p.63) afirma que “o simbólico em sua relação com político determina os sentidos, e os sujeitos.”, isto é, as relações no digital modificam a relação entre sujeito e história, pois o sujeito altera sua ligação com a linguagem.

Dias (2017) ainda aponta que os movimentos da sociedade estão se desenvolvendo cada vez mais independentes de organizações institucionalizadas e passaram a articular-se e apoiar-se nas tecnologias digitais da linguagem. Desse modo, a sociedade do digital em sua conectividade constitui-se por “uma relação contraditória entre a memória histórica e a memória metálica Dias (2017, p.105)”, o que ela chama de memória digital.

A estudiosa esclarece que a memória metálica é a repetição empírica das estruturas no discurso produzindo regularidades, isto é, aquilo que funciona pela quantidade, pela possibilidade de armazenamento e processamento de dados.

Sobre a dinâmica da memória metálica, Dias (2017) elucida que essa supõe novas formas de assujeitamento. Isto é, temos nesse movimento o aparecimento de um sujeito de dados, o qual é composto pela capitalização dos dados, registros e marcas deixadas pelos indivíduos nos dispositivos e sistemas digitais. Dessa maneira, o rastreamento dos percursos constrói a projeção do sujeito na memória metálica. Consequentemente, a estrutura do digital desenha um jogo de cartas marcadas criando uma única realidade possível.

Em contrapartida, a memória digital escapa aos efeitos de dominação do sujeito de dados promovido pelos algoritmos ao depositarmos nossos rastros discursivos. Dessa forma, a memória digital resiste a essa estrutura totalizante da tecnologia virtual e se inscreve no discurso digital através do interdiscurso. Assim, a memória digital se inscreve na historicidade produzindo falhas e tensões na produção de sentidos no digital.

Portanto, ser sujeito no digital é estar à mercê das estruturas do digital e ao mesmo tempo sujeito à interpelação da ideologia e dos processos de estabilização e desestabilização através do deslocamento de sentidos possíveis. Nesse sentido, o sujeito, no cancelamento, reproduz estruturas que promovem a adesão ao compartilhamento de

tendências de suspensão dos conflitos enquanto encerramento do ponto de vista outro. Neste caso, os sentidos “possíveis”, numa circunstância dada, são silenciados, estabelecendo-se a primazia dos sentidos “permitidos” em um setor discursivo. Essa dinâmica é explicada por Orlandi, (2023), ao se referir à guerra de sentidos instaurada principalmente por meio das redes sociais:

Assim, procuram destruir os sentidos que os confrontam. Silenciam (processo de censura), pois separam sujeitos e sentidos. Trabalhando os sentidos no processo discursivo, procuram se substituir a essas formações discursivas com que se confrontam, visando construir a dominância de "seus" sentidos nos processos de significação. Produz-se, como tenho dito, a insegurança das/nas palavras. E a estratégia argumentativa é a da destruição do outro. Transforma-o em inimigo e o aniquila. Trata-se, pois, de um processo de eliminação do outro, pela deslegitimação, pelo silenciamento, pela dessignificação (Orlandi, 2023, p.49).

No cancelamento, a partir do silenciamento, é criada uma esfera de irreversibilidade do dizer a partir de um funcionamento autoritário que transforma o outro em inimigo, criando uma dominância do dizer do locutor sobre o dizer do outro. Dessa forma, o cancelamento discursivo busca eliminar esse outro impedindo que ele (se) signifique nas formações discursivas de acordo suas filiações e identificações.

Além disso, para além dessas constatações sobre discurso digital e memória discursiva, no intuito de melhor compreendermos os gestos interpretativos e os processos que recaem sobre o discurso, precisamos ir mais a fundo nos conceitos pecheutianos de forma-sujeito e os processos subjetivos de tomada de posição. Dessa maneira, desejamos compreender como a heterogeneidade presente nos processos de fragmentação das FDs abre caminhos para a investigação sobre o cancelamento virtual.

Antes de compreendermos a relação entre lugar discursivo e posições-sujeito, precisamos compreender as determinações que recaem sobre a forma-sujeito.

Para Pêcheux (2014), a forma-sujeito é a existência histórica de qualquer indivíduo, agente de práticas sociais. O sujeito é interpelado no complexo de relações histórico-sociais pelo interdiscurso e esse fornece a cada sujeito sua “realidade” possível em um sistema de evidências e significações com suas funções sociais preestabelecidas.

Desse modo, a forma-sujeito tem seu funcionamento garantido por meio de 2 esquecimentos. Pêcheux (2014) explica que o esquecimento nº1 dá conta da ideia que somos origem do dizer. Assim, esquecemos aquilo que nos determina, ou seja, que para dizer temos que nos inscrever em FDs, lugares de constituição dos sentidos. Já o esquecimento nº 2 se refere à ilusão de não haver outra forma do sujeito expressar

significados na ordem da formulação. Dessa forma, o sujeito “seleciona”, a partir de um repertório dado, no “campo daquilo que poderia reformulá-lo na formação discursiva considerada”, a composição do seu discurso (Pêcheux, 2014, p.161).

Dessa maneira, de acordo com Orlandi (2020, p.44), a evidência do sujeito funciona como ilusão da origem do dizer, o que apaga a interpelação do sujeito pela ideologia, relacionando-se ao esquecimento 1, e a evidência do sentido, que dá a ilusão de transparência da linguagem pelo efeito de determinação do interdiscurso é consequência do esquecimento 2. Deste modo, é a partir desses elementos, que os efeitos ideológicos contribuem para a formulação dos discursos e é por meio disso que os sentidos passam a ter a aparência de evidências empíricas na produção histórica de estruturas e acontecimentos.

Assim, observamos como os enunciados se relacionam diretamente com a ideologia e produzem efeitos de sentidos diversos derivados de processos subjetivos, isto é, processos que indicam como o sujeito se movimenta e demarca suas posições em contato com a ideologia. Pêcheux (2014) trata de três modalidades discursivas da subjetividade enquanto relação do locutor de um discurso com a FD que o domina, são eles: a identificação, a contraidentificação e a desidentificação. Para Indursky (2005), essas tomadas de posição relacionam-se diretamente com os limites nas FDs e sua heterogeneidade constitutiva.

A identificação, chamada de *superposição*, seria a replicação da forma-sujeito da FD, a convergência total do sujeito com o Sujeito universal de uma determinada FD. Como afirma Pêcheux (2014, p.160)

a tomada de posição resulta de um retorno do Sujeito" no sujeito, de modo que a não-coincidência subjetiva que caracteriza a dualidade sujeito/objeto, pela qual o sujeito se separa daquilo de que ele "toma consciência" e a propósito do que ele toma posição, é fundamentalmente homogênea à coincidência-reconhecimento pela qual o sujeito se identifica consigo mesmo, com seus "semelhantes" e com o "Sujeito". O "desdobramento" do sujeito - como "tomada de consciência" de seus "objetos"- é uma reduplicação da identificação.

A segunda modalidade de tomada de posição do sujeito é a contraidentificação. Essa se institui como forma de resistência à forma-sujeito e ao domínio de saberes que ela organiza. De acordo com Indursky (2008, p.73), no processo de contraidentificação o sujeito se distancia dos saberes da formação discursiva que lhe é imposta, estabelecendo

diferenças em seu interior e provendo tensões na formação discursiva e na própria forma-sujeito, como a investigadora explica

tal tensão, que ocorre no interior da forma-sujeito estabelece a diferença no seu interior e, por conseguinte, no âmbito da formação discursiva, daí decorrendo a instauração da diferença e da contradição, não apenas no âmbito da Formação Discursiva, mas também na própria constituição da Forma-Sujeito.

A outra modalidade apresentada por Pêcheux (2014, p.201) é a desidentificação, isto é, de “uma tomada de posição não-subjetiva, que conduz ao trabalho de transformação deslocamento da forma-sujeito”. Nessa modalidade, o sujeito desloca sua identificação para outra formação discursiva.

Para Indursky (2008), tanto a desidentificação como a contraidentificação colocam em xeque a ideia de unicidade e homogeneidade do sujeito e elaboram a concepção teórica de que “a formação discursiva já permite a instauração da diferença e da desigualdade de saberes em seu interior”. Assim, a formação discursiva passa a ser uma instância de unidade dividida, heterogênea, abrigando em sua forma-sujeito divergências e ambiguidades, mostrando-se fragmentada.

Compreendemos assim que as tomadas de posição manifestam diferentes modos de relação com a forma-sujeito. Os processos de subjetivação acontecem quando os sujeitos se reconhecem nas posições ideológicas e os valores que uma determinada formação discursiva veicula. Pêcheux (2014) afirma que a tomada de posição do sujeito apresenta-se como um efeito discursivo resultante da interpelação ideológica. Assim, a posição-sujeito não é estática, pois enquanto representações simbólicas de identidade, as posições podem ocupar lugares diferentes em uma formação discursiva.

Dessa forma, nos processos de identificação, contraidentificação e desidentificação, entre a ideologia dominante e as ideologias dominadas vão se formando contradições e deslocamentos e as FDs tornam-se móveis. Esses processos são a base da possibilidade de movimentação do sujeito na constituição de suas posições, demarcando assim seus modos de subjetivação no discurso e na história.

Para Orlandi (2019) ser sujeito político é poder movimentar-se nas/entre FDs. Nesse movimento, o sujeito poderá ocupar, a partir de uma FD, sua posição dominante, posições diferentes ou divergentes, ou situar-se em uma outra FD, em posição de antagonismo. Nesse sentido, Orlandi (2002, p.64) explica que os processos discursivos que incidem sobre os sujeitos se tensionam entre o mundo e a linguagem

Na relação contínua entre, de um lado, a estrutura, a regra, a estabilização e o acontecimento e, de outro, o jogo e o movimento, os sentidos e os sujeitos experimentam mundo e linguagem, repetem e se deslocam, permanecem e rompem limites.

Nessa perspectiva, compreendemos que o cancelamento discursivo se inscreve na memória e na história a partir da noção de fragmentação da forma-sujeito e das FDs de Indursky (2008) e do bloqueio da mobilidade dos sujeitos e dos sentidos na/entre FDs.

A nosso ver, o funcionamento do cancelamento virtual é marcado principalmente por dois tipos de processos discursivos em tensionamento: o movimento político do sujeito nas/entre FDs e o bloqueio ou interdição desse movimento.

A interdição da movimentação do sujeito pode acontecer das seguintes formas: i) o bloqueio de sua diferença ou divergência no interior da FD à qual o sujeito político se vincula, ou seja, através das posições que ela abriga; ii) o bloqueio de seu movimento entre FDs, pelo qual o sujeito pode aderir às posições inscritas em FD diferentes daquela que o domina.

Nessa perspectiva de interdição, apenas a identificação plena é aceita na FD de origem do sujeito, estabelecendo-se uma ilusão de unicidade e não-porosidade das FDs. Configura-se assim uma suspensão da criatividade, e a partir disso, uma primazia à produtividade e a paráfrase, pois no movimento de proibição do diferente busca-se alcançar o estancamento da polissemia no interior da FD.

Ao passo que assumimos uma concepção da FD enquanto um espaço que concerne divergências em sua interioridade e nos seus limites, percebemos que o cancelamento se institui na suspensão da tensão entre paráfrase e polissemia, a partir da primazia da paráfrase como forma de estabilização dos sentidos e ilusão de monossemia.

No sentido de compreendermos o espaço discursivo em seu caráter heterogêneo, a concepção de lugar discurso de Grigoletto (2005) expande ainda mais nossa concepção de cancelamento discursivo e seu funcionamento. Sobre o espaço discursivo, Grigoletto (2005) organiza uma diferenciação importante que interessa essa pesquisa, que é a do lugar social e lugar discursivo. Aqui a estudiosa explica que o sujeito discursivo fala de um determinado lugar social, isto é, o lugar onde ele é afetado pelas relações de poder as quais constituem seu discurso. Assim, essas determinações que perpassam a universalidade estão relacionadas ao pré-construído no discurso, ao funcionamento do interdiscurso no intradiscurso. Desse modo, os sentidos já evidenciados pela formação social do sujeito são instituídos como o espaço do já-dito. Nesse sentido, a prática

discursiva está subordinada ao lugar social e determinada pelo contato com o real da língua.

Para Grigoletto (2005), o lugar discursivo enquanto categoria de análise em AD representa diferentes modos de se relacionar tanto com a forma-sujeito como com as diferentes posições-sujeito. Assim, o lugar discursivo se estabelece como categoria heterogênea, lugar de passagem entre a forma sujeito histórica e a posição-sujeito, que permite a inscrição nas FDs em posições-sujeitos. Como explica a autora: “o lugar discursivo funcionaria como um modo do sujeito do discurso se relacionar tanto com a forma-sujeito histórica quanto com as diferentes posições-sujeito. Grigoletto (2005, p.165)

Portanto, em nossa pesquisa compreendemos que o lugar discursivo opera como espaço de conexões para a validação de determinadas posições, principalmente quando sujeitos comentadores, por exemplo, retiram-se do lugar de apreciador/apoiador de uma figura pública para o lugar de crítico, indo de fiel seguidor para carrasco. Essa observação é possível quando os sujeitos comentadores ressaltam certas características ao invés de outras no processo de cancelamento, quando não é permitido ao sujeito cancelado a constituição de sua identidade. Por exemplo, como e por que o lugar de militante *drag queen* é acionado pelos discursos que proíbem a posição de Rita Von Hunty de declarar voto no PCB ao invés de Lula? Para responder a esses questionamentos, é preciso observar como as tomadas de posição dos sujeitos envolvidos nos episódios de cancelamento se relacionam com esses lugares discursivos e quais os efeitos de sentidos evidenciados nesses processos.

Assim, numa consideração preliminar do episódio de cancelamento virtual, percebemos que o lugar discursivo, enquanto lugar de interpretação, possibilita aos sujeitos a identificação/desidentificação ou contraidentificação com os ídolos do mundo digital por razões proporcionadas por seu lugar social. Quando há concordância, há identificação, e reduplicação dos sentidos. No entanto, para que o cancelamento aconteça, o dizer do sujeito cancelado precisa polemizar, provocando diferenças e divergências nas FDs.

Dessa forma, os sentidos do cancelamento são estabilizados a partir do apagamento do político. Esse apagamento pode acontecer pela desidentificação do sujeito cancelador com o sujeito cancelado, na qual o sujeito comentador desvincula-se da posição do sujeito cancelado em sua construção política. Outra forma de regulação dos efeitos de sentido do cancelamento consiste na ilusão de identificação, que dissimula uma

conformidade com o efeito-sujeito, mas desvia seus sentidos no movimento de designificação. Já a desestabilização do cancelamento está presente nos movimentos de afirmação do político, nos processos de alteridade e divergência, que se dão a partir da identificação e contraidentificação com os saberes mobilizados pelo sujeito cancelado.

Sendo assim, entendemos que o processo de cancelamento se origina em pontos de tensão nas/entre formações discursivas, pois a partir de um discurso polêmico do sujeito discursivo (sujeito cancelado), os gestos de interpretação possíveis, mobilizados pelo lugar discursivo desse sujeito, são interditados nas tomadas de posição de desidentificação e ilusão de identificação através do discurso autoritário dos sujeitos comentadores canceladores.

De acordo com Orlandi (2002, p.48) a relação sujeito-autor, se estabelece “por meio dos processos de identificação significando pela ordem do político”. Nesse sentido, para Orlandi (2008, p.27), a tomada de posição dos sujeitos discursivos acontece por meio de gestos de interpretação que se utilizam do “sistema de língua(gem) para produzir significado, em movimentos contínuos de significação que se estabelecem entre a repetição e a diferença (paráfrase e polissemia)”. Dessa forma, procuramos descrever e interpretar as montagens discursivas “enquanto gestos que se estruturam aquém e além do sujeito, mas que o tomam como seu lugar próprio”. Nesse quesito, o processo discursivo que melhor caracteriza a cadeia de processos do cancelamento é o bloqueio do movimento político do sujeito. Em outras palavras, os efeitos de sentido de cancelamento se constituem pela interdição dos gestos de interpretação do sujeito para construir a ilusão unicidade e homogeneidade nas FDs, privilegiando a paráfrase, suprimindo a identidade do sujeito e suspendendo a tensão nos limites das FDs.

Ao voltarmos nosso olhar para as tensões existentes entre os processos parafrásticos e polissêmicos, percebemos que sobre eles recai o trabalho sobre a linguagem e a memória (rede de sentidos, já-dito). No processo de paráfrase o dizer se mantém, a memória se repete, observamos a estabilização dos sentidos na FD. Nos processos polissêmicos o que prevalece é o deslocamento, o equívoco e a ruptura com os saberes da FD. Para Orlandi (2015) é nesse jogo entre o mesmo e o diferente, entre o já-dito e ao se dizer que os sujeitos se movimentam em seus percursos e se significam. Aqui também cabe a diferenciação entre criatividade e produtividade. A produtividade reduz o dizer ao processo parafrástico, em um retorno ao já-dito, já a criatividade implica no deslocamento e ruptura na produção de movimentos que afetam os sujeitos e os sentidos.

Todavia, no funcionamento discursivo do cancelamento, percebemos que ele se desenvolve, principalmente, pela suspensão da tensão entre paráfrase e polissemia, pois, na interdição do discurso político, observamos a primazia dos movimentos parafrásticos na tentativa de estabilização do movimento do sujeito nas FDs e entre FDs em detrimento dos movimentos polissêmicos, em que há a possibilidade de circulação dos sujeitos nas FDs e entre FDs.

É nesse movimento que refletimos sobre como o cancelamento virtual estabelece a suspensão da tensão entre a paráfrase e a polissemia por meio da interdição do movimento dos sujeitos nas FDs e entre FDs. Assim, faz-se necessário compreender como o silenciamento se insere nessa prática discursiva estabelecendo tensões e bloqueios nas relações discursivas.

Para além dos gestos interpretativos detalhados até o momento, existe uma determinação que recai sobre a linguagem a qual poucos se atentam, que é a relação entre a linguagem e o silêncio.

Orlandi (2007), em seu livro “Formas do silêncio: no movimento dos sentidos” explica que por muito tempo o silêncio foi dito como lugar do não sentido, da ausência, da lacuna ou tão somente do ato do não-dizer. No entanto, a reflexão proposta pela investigadora é de que o silêncio é o lugar para que o sentido faça sentido. Assim, o silêncio é “reduzido do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, o que permite o movimento do sujeito”.

Dessa forma, o silêncio torna-se um elemento fundamental para os movimentos do discurso, pois ele mantém uma relação inerente à linguagem, o silêncio, entre outras coisas, representa o movimento do não-dito no interior da linguagem, de significação própria. Assim, é no complexo de processos que regem o discurso que o silêncio desloca efeitos de sentido contraditórios na relação entre o dizer e o não-dizer. Orlandi (2007) explica que o silêncio não está na base da interpretação, mas da compreensão¹⁰, pois o silêncio movimenta modos de significar na língua. Sobre isso, a investigadora nos diz que o silêncio está na mediação dos domínios entre linguagem, mundo e pensamento.

Nessa ótica, para a estudiosa existem duas categorias de silêncio: o silêncio fundante e a política do silêncio (o silenciamento).

¹⁰ Para Orlandi (1987), a interpretação é a atribuição de sentido ao enunciado, já a compreensão é a apreensão dos processos de significação de um texto.

Orlandi (2007, p.54) relaciona o que Courtine (1982) chama de dois eixos fundantes na produção de sentidos: o da constituição e o da formulação “o eixo da constituição (o vertical) é o que se relaciona ao interdiscurso e é o responsável pelo saber discursivo, sua história (o dizível, o já-dito)” e neste ancora-se o **silêncio fundador da linguagem**, o real da significação; e “o eixo da formulação remete ao intradiscurso e representa a atualização do dizer por um sujeito em seu aqui e agora”, isto é, todo sentido é produzido através de uma posição, a qual recorta um sentido, que para dizer um, não diz outros, ou diz “A”, para não dizer “B”. Sobre esse aspecto da linguagem, a autora desenvolve a noção de **política do silenciamento**.

Para Orlandi, a política de silenciamento implica duas formas de silêncio: **a) o silêncio constitutivo**, que implica entender que todo dizer cala outros sentidos e **b) o silêncio local**, que se refere ao dizer que sofre intervenções nas relações de força em que há uma clara proibição do dizer.

No que se refere às políticas de silenciamento, Orlandi explica que o silêncio constitutivo está na ordem de produção dos sentidos e está no cerne de qualquer produção de linguagem. Orlandi (2007, p.74) elucida que acontece nesse caso um anti-implícito, pois se diz uma coisa em ordens de não deixar dizer outra. De modo geral, é quando a produção de um sentido apaga outros sentidos possíveis.

Nesse sentido, compreendemos que no funcionamento discursivo do cancelamento entram em jogo as duas formas de silêncio - constitutiva e local. O silêncio constitutivo como traço do movimento de constituição do sujeito com suas posições em face de outras; o silêncio local como traço do efeito de cancelamento, em que posições são impedidas de significar(-se).

Nessa seara de implicações que afetam os discursos por meio das políticas de silenciamento, Orlandi (2002) inclui a dessignificação. Para a autora, a dessignificação configura-se sob a noção de ética no discurso, que diz respeito ao poder ou não poder interpretar. Assim, fruto do bloqueio da inscrição de um dizer, a dessignificação promove uma desconexão com o real da história a partir da ocultação “estratégica” dos sentidos possíveis, impondo-se nesse “vazio” da memória um dizer devido.

Ainda de acordo com Orlandi (2002), essa dinâmica está relacionada aos modos de existência dos discursos. Sobre isso, a autora explica que os discursos podem se articular em “discursos disponíveis”, seja por empréstimo ou adesão, ou “discursos em suspenso”, que podem estar em silêncio, como os sentidos evitados, mas possíveis de vir

à tona, ou ainda “discursos interditados”, bloqueados que passam por processos de silenciamento. É a este último tipo de discurso que Orlandi chama de dessignificação.

Em um de seus trabalhos mais recentes, Orlandi (2023), retoma a ideia de dessignificação, explicando seu funcionamento a partir do que ela denomina de “argumento pelo equívoco”, como aconteceu na pandemia de Covid-19, quando a extrema direita brasileira se referia a Covid-19 como “doença” ou ainda quando Bolsonaro, em um dos pronunciamentos oficiais à nação, chamou-a de “gripezinha”, tentando atenuar a gravidade da Covid-19. De forma concomitante, a dessignificação no cancelamento conduz para a proibição do/de dizer pela suspensão da relação necessária entre dizer e não dizer, pela relação obrigatória a um “dizer devido”, logo, pela mudança na direção dos sentidos, para que não sejam ditos de outra forma, de outra posição, senão a tida como devida, certa pelo dizer cancelador.

Além disso, a política de silenciamento do cancelamento virtual, assim como a censura, opera sobre a circulação de sujeitos e sentidos nos processos de identificação. Orlandi (2007, p 104) nos elucida que a censura funciona como uma forma de silenciamento que

intervém a cada vez que se impede o sujeito de circular em certas regiões determinadas pelas suas diferentes posições. Como a identidade é um movimento, afeta-se assim esse movimento. Desse modo, impede-se que o sujeito, na relação com o dizível, identifique-se com certas regiões do dizer pelas quais ele se representa como (socialmente) responsável, como autor.

Apesar de exemplificar o silêncio local a partir da censura, este não é o funcionamento único do silêncio local, afinal essa modalidade também pode se manifestar no discurso “ao proibir o sujeito ocupar certos “lugares”, ou certas “posições” de sujeito.

A partir do exposto, vemos no cancelamento aproximações e distinções do processo de censura exemplificado por Orlandi, as quais elencaremos aqui.

Mesmo que ambos os fenômenos apresentem a interdição dos sujeitos e sentidos como ponto chave, na censura, essa asfixia é proveniente de condições de produção nas quais o autoritarismo se estabelece enquanto regime imposto ao sujeito. Nesse sentido, Orlandi (2007) nos explica que na censura, a “retórica da opressão” acontece a partir da contenção de sentidos, e a partir disso, sujeitos e sentidos migram para outros objetos simbólicos. Dessa maneira, o silêncio irrompe na linguagem aflorando sentidos outros na “retórica da resistência”.

Já no acontecimento do cancelamento virtual, de modo geral, observamos condições de produção mais amplas que implicam um outro tipo de funcionamento

discursivo. Essa operacionalização inclui, simultaneamente, os enunciados do sujeito cancelado, os enunciados a favor do cancelamento e os enunciados contra o cancelamento.

Desse modo, no acontecimento do cancelamento nós temos um complexo de movimentações que agem sobre os sujeitos envolvidos e sobre os sentidos nas FDs e suas fronteiras.

Em um primeiro momento, temos os enunciados do sujeito cancelado deslocando conhecimentos em uma determinada FD, e/ou entre FDs. A partir disso, o deslocamento do sujeito promove uma discussão nas redes que divide os sujeitos comentadores em discursos canceladores, em enunciados de silenciamento (interdição) e discursos desestabilizadores desses efeitos de cancelamento. Dessa maneira, no bloqueio, os enunciados interditam o dizer do outro, impedindo o sujeito político de movimentar-se, em pela irreversibilidade e ilusão de univocidade do dizer. Já na movimentação, o processo de cancelamento é tensionado e o sujeito comentador identifica-se, em algum nível, com a posição-sujeito do sujeito cancelado, restabelecendo sua legitimidade.

Dessa forma, percebemos que assim como a censura, o cancelamento se manifesta como asfixia do sujeito, onde não há espaço para reversibilidade no discurso. Para Orlandi (2020), a reversibilidade está ancorada na ideia que nos acontecimentos discursivos não existem posições fixas e imutáveis, mas sim uma interação de constante troca e movimento. Assim, esse conceito está diretamente relacionado a capacidade dos sentidos se tornarem outros. Na irreversibilidade, porém, o sujeito só pode ocupar o lugar que lhe é destinado em uma determinada FD, não podendo circular em sua FD de origem, ou entre FDs.

A partir dessas perspectivas compreendemos que nos discursos de cancelamento, constrói-se a ilusão de unicidade, não porosidade nas FDs, admitindo-se apenas o sujeito pleno, ou o “bom sujeito”, que, em um fechamento narcisístico, não se deixaria atravessar pelo movimento da/na história, dos/nos sentidos (Orlandi, 1996, p.73). Dessa forma, nessa relação de controle e asfixia, apenas a identificação, através da replicação e reprodução dos sentidos permitidos, é aceita.

Dessa maneira, enquanto o dizer polêmico do sujeito cancelado evidencia a movimentação de um sujeito tenso que pode apresentar a contraidentificação (mau sujeito) e a desidentificação como movimentos possíveis nas FDs, o funcionamento autoritário dos discursos dos sujeitos canceladores produz efeitos de sentido que impedem e bloqueiam o movimento dos sujeitos e sentidos.

Dias (2017), ao voltar-se para a questão do silêncio na linguagem, faz uma reflexão sobre como o silêncio, enquanto categoria analítica discursiva, é afetado pelos dispositivos tecnológicos do virtual. Para a estudiosa, no campo da circulação dos sentidos, a dimensão da tecnologia da linguagem e o silêncio são as que mais aparecem afetadas pela realidade do digital. O exemplo utilizado pela investigadora está relacionado ao uso audiovisual de cineastas e fotógrafos que produzem efeitos de realidade em suas produções e se utilizam dessas ferramentas para apagar sujeitos e sentidos. Dias ainda vai mais longe ao afirmar que por meio da tecnologia da informação essa dinâmica do silêncio consiste no retorno algorítmico que nos voltam cada vez mais a nós mesmos em uma produção de padrões e tendências que restringem a produção de sentidos e forjam os sujeitos ao enclausuramento em suas bolhas sociais. Dessa forma, o cancelamento não é diferente, pois se insere nessa dinâmica de bolhas e que polarizam cada vez mais os sujeitos e restringe as possibilidades de interpretação dos objetos simbólicos do real.

Não é à toa que Dias (2017) termina seu livro se voltando para a reflexão acerca da dimensão do silêncio e se questionando sobre como as dinâmicas e funcionamentos de circulação que repercutem sentidos interditados se inscrevem na memória digital. E é nessa conjectura que desejamos, através de nossa pesquisa acerca do cancelamento virtual, contribuir para o fortalecimento dos estudos no campo do discurso que direcionem sua atenção para os modos de vida na internet e a subjetivação dos indivíduos pelo digital.

No entanto, a partir do exposto até o momento a observação do cancelamento enquanto política de silenciamento está relacionada aos funcionamentos discursivos abordados por Orlandi (2008).

Para Orlandi (2008) são os modos de funcionamento que caracterizam o discurso, pois existem inúmeros fatores que influenciam na dinâmica de um discurso, sejam eles provenientes da linguagem, do funcionamento psicológico ou sociocultural. Assim, as marcas que tornam um discurso evidente podem ser compreendidas através de tipologias específicas que nos ajudam a distinguir cada um desses processos. Pois, nas relações discursivas existe uma “unidade complexa, não há texto, não há discurso, que não esteja em relação com outros que não forme um trincado nó de discursividade” (Orlandi, 2008, p.88)

A estudiosa divide os funcionamentos discursivos em três tipos: autoritário, polêmico e lúdico. Para Orlandi (2008), de modo geral o discurso polêmico é o tipo de discurso em que a polissemia é controlada, que busca produzir outros sentidos em uma

formação discursiva e há uma disputa pelo referente. No discurso autoritário, a polissemia é contida e o locutor impõe uma posição ou visão de mundo desconsiderando o contraditório, já no discurso lúdico a polissemia é livre e não há regulação dos sentidos. No entanto, deve-se ressaltar que a tipologia lúdica não possui ressonância com as materialidades apresentadas nessa pesquisa, estando mais implicados no funcionamento discursivo do cancelamento os modos autoritário e polêmico.

Nessa perspectiva, utilizando os termos de Orlandi (1987), o funcionamento que prevalece no cancelamento, não como “essência”, mas como “tendência”, é o autoritário, pois, para que os efeitos de cancelamento se construam, é necessário que haja uma assimetria na disputa pelo referencial, isto é, um sentido dominante do “eu” sobre o outro, que tende o discurso à monossemia (Orlandi, 2023). Nessa forma de funcionamento, os sentidos circulam como verdade única, imposta pelo locutor, em um movimento parafrástico que privilegia o mesmo em detrimento do diferente.

No entanto, na tensão do acontecimento de cancelamento, esses sentidos são desestabilizados quando se estabelece uma relação tensa entre os protagonistas, que remete ao funcionamento polêmico do discurso. Neste caso, há a afirmação do político, do movimento, pois tem lugar “o jogo entre o mesmo e o diferente, entre um e o outro sentido, entre paráfrase e polissemia (Orlandi, 1987, p.155)”

Nessa ótica, é preciso ainda refletir sobre a construção do sujeito em sua textualização. Do ponto de vista da diferenciação entre o sujeito político, o político e o sujeito da política, podemos dizer que o sujeito político é como nos referimos ao sujeito discursivo que se manifesta pelo político, na movimentação, na divisão e na marcação da diferença, no lugar do sentido outro. Já o sujeito da política é uma forma do político e do sujeito político movimentar-se no âmbito na política enquanto debate público que estrutura as instituições sociais. Concordamos ainda com Orlandi (2005) ao explicar que o político reside nas relações de divisão de sentidos, nas formas de significação no mundo onde estão em foco as relações de poder e o simbólico. Já a construção do sujeito político estaria ligada à materialização das leituras do político. Como explica Farias (2021, p.41, grifos nossos)

o sujeito, nas redes sociais, assume um duplo movimento quanto à leitura. Ele é tanto um leitor do político, uma vez que produz gestos de interpretação sobre fatos políticos ocorridos na sociedade, participando, assim, das disputas interpretativas na esfera virtual; quanto um autor-leitor político, haja vista que esses gestos de interpretação produzidos o constituem como **sujeito político**, revelando, através do discurso, interesses individuais e coletivos (filiações

ideológicas) no que diz respeito às práticas políticas vigentes na comunidade em que vive.

Dessa forma, percebemos que o cancelamento virtual se mostra como um processo que interfere diretamente na construção política dos sujeitos na disputa dos sentidos nas/entre FDs. Ao passo que observamos essa dinâmica discursiva, percebemos esse fenômeno aflora principalmente em momentos de tensão sociopolítica, as quais são cada vez mais afetadas pela intrínseca relação com o digital. Portanto, o cancelamento virtual é gerido pela tensão na disputa de sentidos derivada da articulação e fragmentação social nas comunidades virtuais das redes sociais.

Nessa seara, o cancelamento virtual tomou forma em debates regados a agressões, que deixaram o terreno minado para o diálogo e contextualizaram o funcionamento do silenciamento discursivo de sujeitos públicos e celebridades que foram atacados por exporem suas opiniões políticas. Nesse processo, percebemos o fenômeno na relação entre sujeitos enquanto forma de bloqueio do dizer político e da possibilidade de seu deslocamento nas/entre FDs. Além disso, no cancelamento, os efeitos de sentido provocam articulações nas tomadas de posição que podem, por um lado, reduplicar os mesmos sentidos (paráfrase), tentando apagar sentidos pelos efeitos de cancelamento, e por outro lado, o do movimento, contestar essa política de silêncio na produção de sentidos (polissemia)

Dessa forma, observamos que o processo do cancelamento virtual se constitui pelo embate entre os funcionamentos polêmico e autoritário, com prevalência do segundo sobre o primeiro, na disputa dos sentidos do político, entre o poder dizer diferente e a proibição do dizer. Assim, através do discurso autoritário, o sujeito não pode dizer senão aquilo que está em plena identificação com os saberes da forma-sujeito da FD dominante, enquanto no discurso polêmico o sujeito marca uma posição divergente/ou antagônica aos conhecimentos dominantes em uma determinada FD.

Para ilustrar como o cancelamento virtual se relaciona com os fundamentos teóricos e categorias discursivas explanadas até o presente momento, apresentamos o quadro 2 a seguir:

Quadro 2: Cancelamento enquanto Política de Silenciamento



Fonte: elaborado pela autora e orientador

A partir do Quadro 2, compreendemos que o cancelamento é um acontecimento discursivo, logo, diferente das compreensões atuais sobre o cancelamento virtual, o cancelamento discursivo se configura pelo embate de dinâmicas opostas na relação entre sujeitos, no qual se confrontam: o movimento do/no político com as formas de silenciamento do/ no político; o poder significar(-se) (n)a diferença e o não poder significar(-se) (n)a diferença; a mobilidade dos sujeitos na inscrição/circulação na/entre FDS que o conflitam e o trabalho de interdição da inscrição na/entre FDS; a fragmentação das FDS, que concebe a não unicidade do sujeito e dos sentidos e do outro lado a ilusão de unicidade dos sujeitos e dos sentidos.

Do lado do movimento, temos o funcionamento polêmico dos discursos, em que a polissemia é disputada, numa tensão entre a paráfrase e a polissemia; do outro, um funcionamento autoritário, em que a polissemia é contida, havendo injunção à paráfrase. Nesses moldes, acreditamos que a política de silenciamento do cancelamento se coloca no entremeio de um processo discursivo complexo que produz equívocos que se historicizam no digital.

Diante do exposto, acreditamos que a Análise de Discurso Pecheutiana nos dará os subsídios necessários para a compreensão do fenômeno do cancelamento discursivo em sua complexidade linguística e social.

3 UM DISPOSITIVO METODOLÓGICO PARA ANÁLISE DO CANCELAMENTO DISCURSIVO

3.1 A ABORDAGEM TEÓRICO-METODOLÓGICA DA ADP

Para Orlandi (2020, p.83), "Entre o dizer e o não dizer desenrola-se todo um espaço de interpretação no qual o sujeito se move. É preciso dar visibilidade a esse espaço através da análise baseada nos conceitos discursivos e em seus procedimentos de análise."

Nesse sentido, ao longo dessa seção, discutiremos a abordagem teórico-metodológica da ADP na mobilização dos conceitos referentes aos procedimentos de análises necessários ao escrutínio do arquivo de cancelamento concebido nesta pesquisa.

De modo geral, a Análise do Discurso pecheutiana enquanto campo científico-metodológico se move e se atualiza na memória epistemológica a cada gesto de leitura do cientista da linguagem. Nessa perspectiva, ao pensarmos sobre o dispositivo analítico da Análise do Discurso de orientação pecheutiana, devemos considerar que essa se insere nas ciências da interpretação (Pêcheux, 2014). A partir disso, a construção do *corpus* e o processo analítico estão intimamente ligados. O recorte não é posto, mas uma construção do analista.

A Análise do Discurso enquanto corpo de saberes epistemológicos se caracteriza como campo teórico-analítico a partir do aprofundamento da ideia de interpretação. Desse modo, por seu caráter teórico filiado aos estudos do discurso, o dispositivo metodológico que desenvolvemos neste trabalho é, acima de tudo, um dispositivo de interpretação.

Orlandi (2020) explica que na AD de filiação pecheutiana a interpretação é explorada em seus limites, como parte dos processos de significação. Um dos diferenciais desse campo é que não há uma única chave de interpretação para todas as materialidades, o que há, na verdade, é a construção de um dispositivo teórico-analítico que passa pelo olhar atento do analista na observação das materialidades. Do mesmo modo, não é intenção do analista a procura de uma verdade "implícita" nos textos, mas a interpretação dos gestos interpretativos que constituem o texto, os quais o analista deve averiguar na construção do seu dispositivo.

Há ainda outra importante determinação no que se refere aos estudos discursivos, que é a diferença entre texto e discurso. Para Orlandi (2020, p.70) o texto é

a unidade de análise afetada pelas condições de produção e é também o lugar da relação com a representação da linguagem: som, letra, espaço, dimensão

direcionada, tamanho. Mas é também, e sobretudo, espaço significante: lugar de jogo de sentidos, de trabalho da linguagem, de funcionamento da discursividade.

Desse modo, para a AD o texto está na formulação dos sentidos e produz a materialidade do discurso. Além disso, há uma opacidade no texto pela qual os trabalhos de Análise do Discurso buscam compreender os processos políticos, simbólicos e ideológicos que atravessam o texto, explicitando o funcionamento discursivo dos fenômenos da linguagem.

Para Orlandi (2020), o processo metodológico configura-se em duas fases. Na primeira, observamos a materialidade da língua, a fim de observarmos as circunstâncias enunciativas com o intuito de delinear o objeto teórico desvelando-o e relacionando-o com a memória discursiva e o real da língua (Orlandi, 2020). Na segunda fase, passamos do objeto teórico para a observação do processo discursivo em seu funcionamento na construção dos sentidos e seus efeitos.

Desse modo, para Orlandi (2020, p.23) não é a mera descrição ou a interpretação de códigos linguísticos que interessa ao analista, mas a compreensão, isto é, “explicitar como o texto organiza os gestos de interpretação que relacionam sujeito e sentido”. Desse modo, o trabalho em busca da compreensão envolve a construção coerente entre o dispositivo teórico e o analítico. Assim, o dispositivo teórico subjaz o dispositivo analítico.

Na construção do *corpus*, o sujeito-analista ao produzir gestos interpretativos desloca a teoria em razão das discursividades em jogo, como bem trata Figueira (2012, p.77)

a natureza singular do *corpus* (sua unicidade), quando colocada em interação com a visão particular do sujeito analista, clivada por suas questões de pesquisa, hipóteses e objetivos de investigação, impõe, frequentemente, a necessidade de que o sujeito pesquisador efetue movências e deslocamentos na rede conceptual pré-construída da teoria (discurso teórico) em que se inscreve, de modo a possibilitar o exame de determinados aspectos pontuais da discursividade em questão.

Nesse sentido, para constituição do *corpus* a formulação da questão é o ponto chave que determinará a mobilização de conceitos específicos no trabalho entre descrição e interpretação dos processos discursivos.

Até o momento, estabelecemos uma relação consistente entre os procedimentos de análise, a teoria e o objeto do analista. Dias (2018, p.159) explica que no digital a necessidade dessa relação precisa ser ainda mais elaborada:

É preciso elaborar procedimentos analíticos em novas interrogações capazes de produzir gestos de interpretação sobre os efeitos de discursividade do digital e sua inscrição na história da produção de sentidos.

Orlandi (2007) nos ensina que o dispositivo teórico está relacionado à mobilização dos conceitos que vão nortear o processo de interpretação pelo analista, já o dispositivo analítico, que compreende o dispositivo teórico, é “a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise”. Dessa forma, para esta pesquisa delimitamos como **objeto teórico** o funcionamento discursivo do cancelamento virtual e como **objeto de análise** as materialidades significantes que realizam esse funcionamento na rede social Twitter a partir do episódio de Rita Von Hunty, ao declarar apoio às candidaturas da esquerda radical no primeiro turno, em oposição à chapa Lula-Alckmin.

Na observação do cancelamento virtual enquanto um acontecimento discursivo, desenvolvemos um dispositivo analítico que compreenda esse fenômeno, e, para isso, estabelecemos como questão norteadora: *Como o cancelamento virtual funciona discursivamente no espaço digital enquanto forma de silenciamento do político do/no sujeito e do/no sentido?* Assim, enxergamos essa problemática a partir de categorias teóricas que deslocam nosso olhar de sujeito leitor para o de sujeito analista. Dessa forma, como já evidenciado em nosso capítulo teórico, nosso dispositivo interpretativo considera a observação dos dados a partir dos seguintes movimentos de análise: a) a caracterização do movimento do político em discursos desencadeadores de processos de cancelamento; b) a análise da produção de efeitos de cancelamento no Twitter/x sobre esses discursos resultantes do silenciamento do político; e por fim c) a análise, na mesma rede, dos efeitos de estabilização e de desestabilização do processo discursivo de cancelamento nos discursos de sujeitos comentadores.

Destarte, acreditamos que a construção desse dispositivo analítico possibilitará o delineamento do cancelamento discursivo como textualização do político e suas interdições derivadas das relações de poder, bem como a compreensão de como esse fato discursivo inscreve sujeitos e sentidos na sociedade e na história. Para tanto, fez-se necessária a construção de um arquivo pertinente, que dimensionasse esse fenômeno a partir do recorte/estudo de materialidades da língua(gem).

Pêcheux (1994) explica que arquivo pode ser definido como o campo de documentos pertinentes e disponíveis sobre uma temática. Desse modo, a leitura da

materialidade da língua na observação da discursividade no arquivo deve levar em consideração o desenvolvimento de práticas diversificadas que devem envolver o aspecto técnico, como também os interesses históricos, políticos e culturais que estão imbricados nesse processo de leitura.

Pêcheux (1994) explica a importância de garantir que o trabalho com o arquivo não se limite apenas aos objetivos operacionais. Assim, é fundamental construir o arquivo interrogando-o no interior das práticas de linguagem e refletindo sobre seu impacto na memória. Nessa linha de pensamento teórico, Dias (2018) pensa o arquivo junto a realidade do digital, na qual milhares de dados são produzidos em diversas plataformas virtuais. A partir dessa visão, a questão da leitura do arquivo se redimensiona, ao passo que a estudiosa busca compreender como os fenômenos da internet se relacionam com a memória discursiva. Nesse sentido, uma das questões levantadas é a necessidade de repensar a ideia de memória produzida nesses espaços multimídia. De acordo com a estudiosa, a produção discursiva pelo digital produz efeitos constitutivos nos sujeitos e nos sentidos, os quais incidem sobre a produção de discursividades emergentes das tensões institucionais e corporativas do ciberespaço.

Para a construção do arquivo, partimos de um espaço de tensões institucionais e corporativas da rede social X, anteriormente conhecido como Twitter. Nesse espaço significativo, a ciberviolência, isto é, agressões realizadas no ciberespaço, ganha espaço, principalmente onde parte dos conteúdos em circulação estão acessíveis para qualquer um e não apenas à rede de pessoas que o usuário segue. Desse modo, a ampla circulação dos temas e conteúdos é sem dúvida um dos atrativos e diferenciais do Twitter/X em relação ao Facebook e ao Instagram, por exemplo.

Uma pesquisa realizada em março de 2022 pela empresa Teads¹¹, especializada em mídias sociais, revelou que 76% dos brasileiros com acesso à internet se informam através de redes sociais ou sites de notícias. A pesquisa ainda apontou que 88% dos brasileiros se informariam acerca das eleições em mídias sociais. Nesse contexto, o Twitter¹² divulgou que 85% dos seus usuários utilizam a plataforma primordialmente para ter acesso a notícias.

A rede social, criada em 2006, tinha como objetivo o compartilhamento de mensagens curtas a qualquer momento, os chamados *tuites*, por isso compreende a ideia

¹¹ <https://www.meioemensagem.com.br/midia/sites-e-redes-sociais-lideram-na-busca-por-informacao>

¹² <https://canaltech.com.br/redes-sociais/85-dos-usuarios-usam-o-twitter-para-se-informar-diariamente-diz-pesquisa-225618/>

de *microblogging*. Com o tempo, o Twitter/X tornou-se um canal de notícias que oportuniza aos usuários darem suas opiniões em tempo real de forma conjunta.¹³

Silva (2022), em sua pesquisa sobre construção de identidades no Twitter explica como a dinâmica dessa rede social potencializa a propagação de discussões de forma rápida e multimodal, permitindo ao internauta traços de interatividade mais apurados. Nesse sentido, a estudiosa detalha as funções da plataforma através do seguinte esquema:

Figura 2: Elementos de um tuíte



Fonte: Silva (2022)

O Twitter, como ainda é conhecida a rede social X, tem diversas funcionalidades, entre elas estão as informações do usuário a partir da foto de perfil, nome que muitas vezes são apelidos fictícios aliados a *fandoms*¹⁴, por exemplo. O tweet como unidade textual do usuário pode conter *hashtags*, gifs, fotos e vídeos, além do conteúdo em caracteres limitados para a comunicação ágil. As possibilidades de comentário, retuites, likes e compartilhamentos para outras redes amplifica os modos de produção discursiva dos internautas.

¹³ A rede social sofreu inúmeras mudanças desde que Elon Musk comprou e assumiu a dianteira do Twitter/X em outubro de 2022. O empresário, assumidamente de extrema-direita, além de renomear a plataforma, afrouxou regras de moderação de conteúdo como discursos de ódio e incitação à violência. Além disso, a rede social restabeleceu contas banidas judicialmente por incitação aos ataques golpistas de 8 de janeiro de 2023. Devido ao descumprimento das leis brasileiras, o Twitter/X foi suspenso no Brasil em 30 de agosto de 2024, retornando as atividades no país no dia 8 de outubro, após o cumprimento das ordens judiciais. Disponível em: <https://g1.globo.com/tecnologia/noticia/2024/10/08/x-volta-ao-brasil.ghtml>

¹⁴ De acordo com Orlandini e Cassiano (2022), *fandom* pode ser designado como uma comunidade fãs online.

É importante salientar que nem sempre as discussões no Twitter acontecem a partir de mensagens curtas de 280 caracteres. Os usuários dessa plataforma comunicativa ao transmitirem informações mais elaboradas se utilizam das chamadas de *threads*, ou simplesmente fios. Nesses fios, em uma sequência de *tuítes*, os usuários contam histórias, expõem ideias, curiosidades, compartilhando suas leituras de mundo aos seus interlocutores. O recurso tem sido usado de forma recorrente e viral na rede, pois permite o desenvolvimento de uma ideia de forma prática, ao mesmo tempo que oferece uma leitura simplificada ao seu interlocutor. É comum que a cada *tweet* de um *thread* o usuário insira textos multimodais, como fotos, links vídeos ou gifs.

Além disso, uma das características dessa rede é a alta conectividade entre os usuários. Na barra “Assuntos do Momento” as pessoas podem saber o que está sendo comentado no Brasil e no mundo. Por exemplo, se um episódio de cancelamento envolve um famoso, muitas vezes seu nome permanece em destaque nessa barra e pode ser pauta geral por períodos que podem ir de horas até dias a fio.

Desse modo, esperamos que a investigação sobre o cancelamento virtual através do Twitter/X possibilite a observação de manifestações de discursos de cancelamento que envolvam aspectos multissemióticos importantes para construção discursiva desse fenômeno enquanto materialidade nas comunidades virtuais.

Todavia, precisamos esclarecer que, em nosso arquivo, as materialidades relacionadas aos sujeitos comentadores no episódio de cancelamento de Rita Von Hunty foram coletadas no Twitter/X. No entanto, em virtude da alta rotatividade de informações em tempo real em circulação na rede, para compreendermos o início do processo de cancelamento das personalidades em questão foi necessário a consideração de materialidades de fora do Twitter, como do Instagram ou da mídia jornalística, como poderemos ver na seção de análises.

Pensando nisso, partimos para as considerações que resultaram no arquivo final dessa pesquisa.

3.2 A CONSTRUÇÃO DO ARQUIVO: O *CORPUS* DE ANÁLISE DO CANCELAMENTO DISCURSIVO

A fim de compreendermos o funcionamento discursivo do cancelamento virtual, delimitamos nosso arquivo a partir de materialidades relacionadas às práticas de

cancelamento virtual de um sujeito de notoriedade social em suas manifestações políticas acerca do pleito eleitoral presidencial de 2022.

Recortamos um episódio de cancelamento que mobilizou os usuários do Twitter/X. O episódio de cancelamento virtual escolhido para essa pesquisa foi o da influencer e *vlogger* Rita Von Hunty, ao declarar apoio a candidaturas da esquerda radical no primeiro turno, em detrimento à chapa Lula-Alckmin. Dentre os eventos que aconteceram durante o período de eleição, esse episódio demonstrou como o cancelamento virtual se manifesta no campo político da esquerda e como ele mobilizou lugares e posições que desenvolvem efeitos de cancelamento.

A partir disso, a montagem do *corpus* de análise considerou as seguintes materialidades: i) enunciados desencadeadores do processo discursivo de cancelamento, isto é, sequências dos discursos do sujeito cancelado alvo de efeitos de cancelamento; ii) enunciados que sustentam o processo discursivo de cancelamento, ou seja, sequências que, sob diferentes modos, silenciam o movimento político do/no discurso do sujeito cancelado, estabilizando o efeito de cancelamento; iii) enunciados que questionam ou contestam o processo discursivo de cancelamento, desestabilizando seus efeitos.

De modo geral, nossa apreciação se estabelece em três caminhos analíticos: um que aborda o discurso do sujeito político nos enunciados desencadeadores do processo de cancelamento, no qual ele se inscreve pela diferença/divergência em uma dada FD; outros dois que observam os gestos interpretativos dos sujeitos comentadores em relação ao sujeito cancelado: de um lado, discursos que promovem o cancelamento, do outro, discursos que desestabilizam os efeitos de cancelamento.

Acreditamos que através da descrição/interpretação das montagens discursivas do nosso *corpus* de análise poderemos revelar as contradições e deslocamentos provocados pelo cancelamento na memória digital.

Nesse contexto, a época de eleição, enquanto um momento de efervescência de debates e opiniões, promoveu embates que em diferentes níveis determinaram o futuro do país. Desse modo, a internet deteve influência significativa sobre o eleitorado brasileiro. O digital se impôs como um espaço profícuo para a produção de sentidos, isto é, com a polarização política a web constituiu uma arena de disputa de poder a partir de forças antagônicas.

Diante disso, no que se refere à polarização política, observou-se então, políticos e apoiadores de direita e esquerda fomentando discussões nas redes em torno, principalmente, das figuras de Lula e Bolsonaro. Para uma ala da esquerda, Lula

representava a última chance de libertar o Brasil contra o fascismo da extrema direita de Bolsonaro e salvá-lo de um possível golpe de Estado. Do lado oposto, muitos direitistas viam Lula como o retrocesso do país a uma época de corrupção e uma possível imersão em um regime comunista. A propagação de discursos extremos pôde ser observada nas manifestações dos sujeitos nas redes sociais, que marcaram um espaço para guerras ideológicas e conflitos sociais.

Dessa forma, durante a eleição de 2022, o cancelamento virtual operou onde não havia espaço para posicionamentos moderados ou posições divergentes da polarização dentro das formações ideológicas da direita e da esquerda. Ou seja, na formação discursiva de esquerda, a posição dominante da forma-sujeito política era o apoio à candidatura de Lula. Nesse cenário, a liberdade de escolha política dos internautas em prol de outras candidaturas no próprio campo mostrou-se como uma posição não possível, ou pelo menos, como uma posição asfíxiada.

O acirramento da polarização como fato gerador do cancelamento ocorreu em várias etapas:

a) na identificação de um evento controverso, ou seja, a partir de um episódio polêmico, uma figura pública se destaca por expor uma opinião que diverge dos sentidos dominantes em uma formação discursiva;

b) na divulgação e exposição do episódio, dentro e fora das redes, gera agitação e pulverização de posicionamentos sobre o tema em foco;

c) no estímulo aos discursos desqualificadores, agressivos, violentos, excludentes que produzem efeitos de cancelamento que silenciam o dizer do outro.

d) por fim, a partir da repercussão nas redes, os sujeitos internautas se engajam em comentários que desestabilizam os efeitos de sentido do cancelamento.

Diante do contexto apresentado, a constituição do arquivo do cancelamento virtual partiu da observação de um evento polêmico divulgado nas redes que gerou repercussão entre sujeitos internautas no Twitter/X. Escolhemos essa rede social por seu caráter dinâmico e propício aos episódios de cancelamento. É importante ressaltar que os sujeitos comentadores se mobilizam nessa rede social por: a) seu caráter dinâmico no que se refere à circulação de notícias através dos *Trending Topics*, que elencam os assuntos mais comentados no Brasil e no mundo em tempo real; pelas b) condições de produção de materialidades potencialmente violentas devido à criação de identidades fictícias através de pseudônimos e perfis *fake*, que promovem o ódio aos atores sociais como sujeitos

políticos na rede social, como também pela c) alta produtividade e engajamento de pautas nessa esfera virtual.

A construção do arquivo foi realizada através da busca das materialidades que contextualizam o início do processo de cancelamento. No caso do cancelamento de Rita Von Hunty, essa formulação inicial aconteceu nos *stories* do Instagram. Os tuítes de sujeitos comentadores foram armazenados por meio de capturas de tela e do armazenamento dos tuítes no perfil de pesquisadora a partir da opção “salvar”.

A pesquisa foi desenvolvida em três fases: a coleta dos dados gerais, escolha e tratamento do arquivo e, por fim, a análise do arquivo.

Por questão ética, preservamos as identidades dos sujeitos comentadores, ocultando nomes e fotos dos usuários.

O período de constituição do corpus arquivo deu-se a partir da seleção de recorte de SD das discussões públicas pelo virtual, principalmente no Twitter durante o período eleitoral, que compreendeu do lançamento das pré-candidaturas até a repercussão da posse presidencial. Consequentemente, a coleta aconteceu de março de 2022 a janeiro de 2023.

Desse modo, as sequências discursivas remetem a três fontes: o discurso do sujeito cancelado que desencadeia o processo discursivo de cancelamento, ou seja, as sequências alvo de efeitos de cancelamento; ii) os discursos que sustentam o processo discursivo de cancelamento, isto é, sequências que bloqueiam o movimento político do/no discurso dos sujeitos cancelados, estabilizando o efeito de cancelamento; iii) discursos que questionam e desestabilizam o efeito de cancelamento. A partir disso, passemos aos procedimentos de análise.

3.3 OS PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE NA INVESTIGAÇÃO DO CANCELAMENTO DISCURSIVO

De modo geral, ao longo de nosso capítulo de análise estão evidenciados efeitos de sentidos derivados do jogo entre o pode dizer(-se) (n)a diferença e o bloqueio do divergente na circulação dos sujeitos e sentidos que transitam no interior da FD e entre FDs.

Considerando os objetivos específicos estabelecidos em nossa análise, contamos com três movimentos de interpretação do corpus recortado.

Para alcançarmos nosso primeiro objetivo analítico, que consiste em caracterizar o movimento do político em discursos desencadeadores de processos de cancelamento buscamos caracterizar, nas materialidades selecionadas, o lugar discursivo e as posições-sujeito como espaço para manifestação do diferente/divergente pelo sujeito cancelado.

Como segundo movimento, analisamos a produção de efeitos de cancelamento sobre esses discursos resultantes do silenciamento do político, isto é, observamos como a política de silenciamento do cancelamento impede o sujeito dizer(-se) o (pelo) diferente, no funcionamento autoritário pela irreversibilidade e ilusão de unicidade do dizer. Nesse sentido, investigamos a relação da dessignificação, do (entre)lugar do silêncio local e silêncio constitutivo, do dito e não dito, procurando entender o que o cancelamento virtual diz quando tenta não deixar dizer.

Por fim, como terceiro movimento de análise, nos debruçamos sobre os enunciados dos sujeitos comentadores em seus efeitos de estabilização e de desestabilização do processo discursivo de cancelamento. No movimento dos sujeitos que endossam o cancelamento, procuramos observar a irreversibilidade do dizer, que tende à paráfrase, reverberando a ilusão de monossemia nas FDs. Já no movimento contra o cancelamento, buscamos perceber como a reversibilidade produz efeitos de pluralidade de sentidos, evidenciando a fragmentação dos sentidos nas fronteiras das FDs e na circulação de sujeitos e sentidos entre FDs.

A partir do exposto, na figura 3, a seguir, demonstramos como o dispositivo teórico está envolvido em nosso dispositivo de análise.

Figura 3: Corpus e movimentos de análise



Fonte: elaborado pela autora

Como ilustrado acima, a partir dos fundamentos teóricos discursivos, previamente detalhados, iremos analisar o cancelamento enquanto um sistema de engrenagens discursivas que se desenvolvem a partir de 3 dinâmicas: i) o discurso do sujeito político, geralmente uma celebridade, pessoa pública no meio sociodigital, promove um discurso polêmico, textualizado por **enunciados desencadeadores do processo de cancelamento**. Nesse contexto, os interlocutores, aqui chamados de sujeitos comentadores, se relacionam tanto com o dizer do sujeito cancelado, como entre si. A partir dessas relações, iremos observar o movimento dos sujeitos e dos sentidos, considerando as dinâmicas discursivas que se desdobram em: ii) **enunciados de cancelamento** e seus respectivos **efeitos de estabilização do cancelamento** e iii) **enunciados contra o cancelamento** e seus respectivos **efeitos de desestabilização do cancelamento**

Isto posto, passemos às análises das montagens de nosso *corpus*

4 O CANCELAMENTO DISCURSIVO COMO FORMA DE SILENCIAMENTO: ENTRE O PODER E O NÃO PODER DIZER(-SE) (N)A DIFERENÇA

Neste capítulo analítico, abordaremos as diversas formas de manifestação do cancelamento virtual enquanto política de silenciamento dos sujeitos e sentidos na internet, assim como esse acontecimento foi discutido e questionado pelos internautas. Este capítulo se subdivide em 4 partes: a primeira discorrerá sobre as condições de produção de nosso *corpus*; a segunda tratará do movimento discursivo do sujeito no episódio de cancelamento de Rita Von Hunty; a terceira analisará a produção dos efeitos de sentidos de cancelamento, esta se dividirá em 3 subseções, as quais detalharão as modalidades de funcionamento do cancelamento discursivo; a última subseção discutirá as formas de desestabilização do cancelamento.

A partir disso, na próxima seção iniciaremos as análises deste arquivo sobre o cancelamento como forma de silenciamento do político pelo digital.

4.1 CONDIÇÕES DE PRODUÇÃO DO CANCELAMENTO NA ELEIÇÃO PRESIDENCIAL DE 2022: SENTIDOS POLÍTICOS E DEMOCRÁTICOS EM DISPUTA

Nesta seção elucidaremos as condições de produção que determinaram o jogo de sentidos do cancelamento virtual no episódio de cancelamento investigado, que remete ao cenário eleitoral federal de 2022.

Durante uma eleição, os fatos que podem decidir a investidura (ou não) em um cargo público através do voto são vários. Nesse contexto, a eleição de 2022 foi um divisor de águas na cena política brasileira, já polarizada, sendo a eleição mais disputada desde a redemocratização. O ápice aconteceu quando de um lado figurou-se o candidato a reeleição, Jair Messias Bolsonaro, representando a extrema direita e, do outro, Lula, com uma bagagem política e um histórico que o liga diretamente à esquerda brasileira.

Além disso, em 2022, assim como nas eleições anteriores, a internet se consolidou como o meio comunicativo mais utilizado nas campanhas políticas, como também o espaço em que a política foi ainda mais debatida, incluindo a participação de figuras públicas.

Nesse sentido, para além da expressão dos votos dos que constituíram o cenário político, houve a publicação massiva de discursos de ódio em uma (re)produção constante

de discursos que miravam a desqualificação do outro, o que fomentou ainda mais a disputa e os debates nas redes sociais.

Como já discutido anteriormente neste trabalho, como consequência desse movimento, as divisões que compõem os grupos sociais tornaram-se ainda mais visíveis. Nesse sentido, o público envolvido na disputa eleitoral ao mesmo tempo que tentava expandir seus ideais partidários tentava também proteger suas fronteiras, em busca de eliminar supostos infiltrados.

Os temas que protagonizaram nessa eleição se diferenciam das eleições anteriores, isso acontece porque Jair Bolsonaro em 2018 assumiu o lugar da direita conservadora, anticorrupção, antipetista e antipolítica, mas acabou perdendo parte da popularidade ao longo do seu mandato, o que abalou a regularidade desses sentidos e influenciou no processo eleitoral de 2022.

Para Braga e Nogueira (2022), o mandato de Bolsonaro foi marcado por escândalos de corrupção envolvendo seus filhos, investigações sobre o balcão de propinas a pastores montado no Ministério da Educação, entre outros inquéritos que acabaram abalando sua bandeira anticorrupção. Além disso, a condução da pandemia de COVID-19 do governo Bolsonaro foi marcada pelo número exorbitante de mortes, além da propagação de medicamentos sem eficácia científica comprovada, além da propaganda antivacina encabeçada pelo ex-presidente. No que se refere à performance na economia, o então Ministro Paulo Guedes prometeu fazer a economia decolar, mas esse discurso não saiu do papel. Essas questões foram pontos cruciais que alavancaram os índices de rejeição de Bolsonaro. Dessa maneira, encurralado pelo desastre do seu governo, Jair Bolsonaro passa a levantar suspeitas contra a urna eletrônica, e contra instituições como o Superior Tribunal Federal (STF) e o Tribunal Superior Eleitoral (TSE).

Outro fator que se diferenciou nessa eleição foi a ação dos militares enquanto atores centrais tanto no pleito quanto no governo, pois desde 2018 a categoria ganhou força, tanto a partir da representação do próprio Bolsonaro e seu vice, General Hamilton Mourão, respectivamente capitão e general do exército. Além disso, dezenas de cargos comissionados foram ocupados por militares ao longo do seu governo. Assim, levando em conta o nível de militarização ao qual se submeteu o governo e as constantes ofensas ao processo eleitoral, partindo inclusive das Forças Armadas, uma crise foi instaurada entre as instituições e na esfera civil, na qual pairava o questionamento se o processo democrático iria ser, de fato, respeitado, e se o resultado das urnas seria validado por essa ala do governo, seus apoiadores e as próprias Forças Armadas. Dessa maneira, para Braga

e Nogueira (2022) o que estava em jogo no pleito eleitoral de 2022 era a própria democracia brasileira.

No que se refere à agenda da esquerda brasileira em 2022, diante do cenário social de grande fragilidade, com o país voltando ao mapa da fome, com recorde no desemprego e na inflação, Luiz Inácio Lula da Silva volta à liderança do pólo à esquerda nas eleições, e como estratégia de campanha tornou-se símbolo de esperança e reconstrução. O Partido dos Trabalhadores (PT) foi protagonista em oito disputas, sendo quatro vitórias (2002, 2006, 2010 e 2014) e quatro vezes em segundo lugar (1989, 1994, 1998 e 2018). Desse modo, a figura de Lula e do PT foram grandes expoentes com forte apoio popular. Além disso, no contexto para as eleições de 2022, partidos de diferentes correntes políticas, assim como grande parte da população, demonstraram insegurança devido às constantes ameaças de Bolsonaro e seus aliados ao processo democrático eleitoral, o que trouxe para as discussões nesse pleito eleitoral uma possível volta da ditadura militar e a necessidade de fortalecimento das instituições democráticas.

Nesse sentido, em busca de formar uma frente ampla, a aliança Lula-Alckmin, assumida por Lula, foi vista por muitos como ponto-chave para conseguir o apoio político e popular necessários para derrubar Bolsonaro. No entanto, assim que foi lançada, a chapa recebeu críticas da ala mais crítica da esquerda devido à rivalidade histórica entre o petista e o ex-tucano. As críticas foram reforçadas devido à oposição de Geraldo Alckmin em pautas cruciais para esquerda nos anos recentes. Como afirmou Pablo Bandeira, da Coordenação Nacional do Movimento de Trabalhadoras e Trabalhadores Por Direitos (MTD) a revista Brasil de Fato em fevereiro de 2022¹⁵, que disse: “o histórico de Alckmin não favorece a composição com a esquerda. Os governos tucanos, desde FHC, tiveram uma marca de privatizações, repressão aos movimentos populares e às manifestações de rua. Pensando no programa de governo, essa composição poderá significar grandes concessões ao neoliberalismo.” Na mesma linha, o presidente nacional do Partido Socialismo e Liberdade (PSOL), Juliano Medeiros, disse, em entrevista ao programa *Café com Política*¹⁶, que o PT não poderia cometer o mesmo erro do passado, como aconteceu com Michel Temer, que foi vice de Dilma e teria feito parte de um golpe contra ela. Dessa

¹⁵ <https://www.brasildefato.com.br/2022/02/24/alianca-lula-Alckmin-gera-divergencias-entre-movimentos-e-siglas-da-esquerda> Acesso em: 6 ago. 2024.

¹⁶ <https://www.otempo.com.br/politica/lula-nao-pode-cometer-erro-de-ter-novo-temer-como-vice-diz-presidente-do-psol-1.2614828> Acesso em: 6 ago. 2024.

forma, nessa perspectiva, Geraldo Alckmin indicaria um perigo para o campo da esquerda e para o Brasil, principalmente por suas atuações antipetistas e posturas antiesquerda.

Nós vemos como um problema o nome de Geraldo Alckmin como vice. Ele defendeu nos últimos anos todas as políticas que afundaram o Brasil. Defendeu a reforma trabalhista, a reforma da Previdência, o teto de gastos, para não falar que foi a favor do impeachment contra Dilma Rousseff, um processo político e sem provas (Medeiros, 2022).

Por outro lado, Carolina Botelho, cientista política, na mesma entrevista para o Brasil de Fato, em fevereiro de 2022, afirma que seria um erro estratégico não apoiar a chapa Lula-Alckmin. Para ela, essa posição crítica não agregaria ao campo de esquerda, nem à sociedade, pois devido ao contexto da época, seria necessário deixar de lado os desejos de transformação socialistas para livrar-se da ameaça Bolsonaro e “salvar a democracia”. Como afirma: “uma posição errada, porque na situação atual isso deveria estar em segundo plano. A composição da chapa visa algumas outras questões. Uma delas é defender o sistema democrático. É uma maneira de unir os grupos em prol de uma necessidade de mudança, de abrir o diálogo e defender o sistema político e a democracia”.

Dessa maneira, a partir dessas condições de produção, os sentidos que se colocam em jogo na cena eleitoral na formação discursiva de esquerda se dividem em duas concepções: a primeira que visa impedir o avanço do neoliberalismo a partir de uma chapa mais à esquerda, sem ceder às pautas de direita para que esse campo político possa se consolidar, e a segunda visão, que defende a organização política a partir de uma frente ampla que deve abrir mão de certas causas e valores “secundários” para abranger mais eleitores e atingir setores mais à direita na defesa primordial ao sistema democrático. Nessa última visão, a chapa Lula-Alckmin se apresenta como a única salvação contra Bolsonaro e sua escalada autoritária. Esses sentidos em evidência estão em tensão na formação discursiva da esquerda no episódio de cancelamento de Rita Von Hunty, como veremos mais a frente neste trabalho.

Na observação do jogo de sentidos e posições da (centro) direita eleitoral, percebemos uma maior diversidade nas últimas décadas. Em seis pleitos seguidos, de 1989 a 2022, partidos de centro-direita e de direita apresentaram personalidades com carreiras no sistema político. O partido que apresentou predominância nas corridas eleitorais para presidente foi o Partido da Social-Democracia Brasileira (PSDB), com as candidaturas de Fernando Henrique Cardoso (PSDB), Fernando Collor (PRN), José Serra (PSDB), Geraldo Alckmin (PSDB), Aécio Neves (PSDB) e Jair Messias Bolsonaro

(PSL/PL). Destacam-se desses nomes, Fernando Collor de Melo e Jair Messias Bolsonaro, por suas agendas liberais na economia, conservadoras nos costumes e de radicalização contra a esquerda. Essas candidaturas também se assemelham por conquistarem a vitória em pleitos, Collor em 1989 e Bolsonaro em 2018.

As eleições presidenciais brasileiras sempre foram fortemente polarizadas, com pouco espaço para o crescimento de uma terceira via. Nesse contexto, o Bolsonarismo atua como grande protagonista da direita, que aposta principalmente no antipetismo, relacionando Lula e o PT às ditaduras comunistas, aos valores “não-cristãos” como “ideologia de gênero”, corrupção e alianças com o poder judiciário, descredibilizando o STF, o TSE e a lisura do processo eleitoral.

Sob um olhar geral, a chapa de Lula promoveu uma abertura maior, pois tentou quebrar a polarização ao aliar-se a Geraldo Alckmin, um ex-PSDB. No entanto, historicamente, Alckmin sempre foi adversário de Lula, inclusive quando foi candidato à presidência em 2006 e quando apoiou publicamente o impeachment de Dilma Rousseff em 2016¹⁷, o que causou insegurança para a ala mais crítica do então governo. No entanto, ao tentar expandir o alcance político petista explorando a formação religiosa e a defesa de privatizações de Alckmin, o PT inclina-se mais ao centro e flerta com o público mais conservador. Enquanto do lado da direita, Bolsonaro se utiliza da polarização como estratégia política, principalmente a partir da despolitização do debate eleitoral, trazendo os sentidos da esfera privada para a esfera pública (Orlandini e Cassiano, 2022), como valores cristãos e da família tradicional, reforçando um ambiente de forte intolerância política.

No que se refere às práticas de cancelamento, para Macedo (2018), um dos mecanismos que podem disparar processos de cancelamento são, justamente, práticas de intolerância política. Em um contexto de antagonismos esse aspecto mostra-se cada vez mais a florado. Desse modo, a tolerância e a aceitação do divergente, em processos de alteridade, foram suprimidos e silenciados:

Nesse caso, o “outro” tolerado e permitido é apenas aquele que confirma a identidade do “eu”. Assim, o encontro com o “outro” que serviria para despossuir, obrigar a modificar a maneira de pensar sobre si próprio e de se reinventar, empurrar para fora de interesses pessoais, abrir horizontes e perspectivas, enriquecer com outras possibilidades de vida e pensamento,

¹⁷ **Geraldo Alckmin, ex-tucano e adversário do PT por décadas, vira vice de Lula.** Disponível em: <<https://www.infomoney.com.br/perfil/Geraldo-Alckmin/>>. Acesso em: 6 ago. 2024.

acaba apenas provocando ódio e, por isso, esse “outro” deve ser destruído e eliminado (Macedo, 2018, p.201).

Tomando conhecimento das condições de produção que sucederam sobre o cancelamento virtual no período eleitoral de 2022, passamos a compreender que o cancelamento virtual se manifestou enquanto processo discursivo que incidiu sobre diferentes grupos sociais durante o período da eleição. Nesta apreciação, analisamos o episódio de cancelamento de Rita Von Hunty.

4.2 RITA VON HUNTY OUSOU RADICALIZAR-SE: O MOVIMENTO DO SUJEITO POLÍTICO

Nesta seção analisaremos o movimento do sujeito político a partir do posicionamento polêmico assumido pela *vlogger* e influenciadora Rita Von Hunty durante o período eleitoral. As materialidades referentes a essas declarações foram expostas nas mídias do Instagram e discutidas por internautas pelo Twitter/X. Dessa maneira, examinaremos como esses discursos movimentaram-se deslocando sentidos que resultaram em processos de cancelamento durante a campanha eleitoral para presidente em 2022.

Como explicado anteriormente, Rita Von Hunty tornou-se uma figura de destaque na esquerda no campo virtual. No canal do YouTube, Rita realiza um programa educativo no qual trata de temas sociais e políticos com humor e leveza. Na descrição do seu canal, a *drag* tem como lema “Acreditamos na educação como ferramenta de emancipação e trabalhamos em união por mais e melhores acessos”. A *vlogger*, como são conhecidos os produtores de conteúdo em plataformas de vídeo como o Youtube, se declara de esquerda radical e tem mais de 1 milhão de inscritos no seu canal. A *drag queen* tem uma coluna fixa na revista Carta Capital, já trabalhou no teatro e já participou de programas de TV.

Mas nem sempre foi assim, antes de se consolidar como artista e intelectual, ainda enquanto era anônimo nas redes, Guilherme Terreri foi flagrado em postagens que mostraram posicionamentos antiesquerda, além de conteúdos misóginos e preconceituosos. Essas postagens, inclusive, retornaram às redes durante o episódio de cancelamento de Rita Von Hunty. Até o fim dessa pesquisa, não houve registros de posicionamentos públicos de Guilherme Terreri sobre fatos passados de sua vida registrados em sua conta pessoal do Twitter entre os anos de 2010 e 2011.

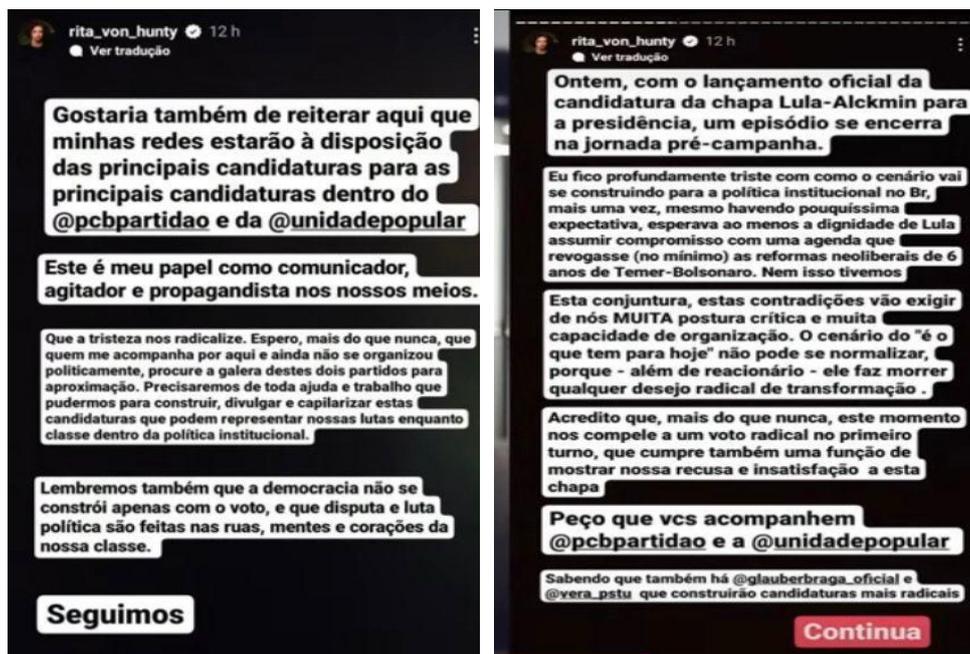
Para compreendermos os acontecimentos que se sucederam na mudança de

perspectiva entre os tuítes de 2010 a 2011 e a constituição do lugar de *drag queen* comunista Rita Von Hunty, precisamos situar que Guilherme Terreri é natural de Ribeirão Preto¹⁸ e que em 2012 perdeu sua mãe, quando se mudou para a cidade de São Paulo e imergiu de fato na vida acadêmica e artística. Assim, desde 2013, Guilherme Terreri desidentificou-se do neoliberal conservador e passou a identificar-se a partir do lugar discursivo da *dragqueen* acadêmica Rita Von Hunty. Em entrevista, Von Hunty explica acerca da constituição de sua persona: “Filio-me à revelia, ao estardalhaço e ao rompimento com o que não serve, não presta. São estas as minhas referências para drag hoje, do deboche ao enfrentamento, sem perder a consciência de que esta luta, como as demais, é essencialmente política”.

Mesmo tendo mudado para um lugar que passou a transitar posições de esquerda, e obter uma legião de fãs, essa influenciadora foi alvo de ataques na internet, principalmente no Twitter/X. Dessa maneira, o fato gerador do episódio de cancelamento de Rita Von Hunty aconteceu em 8 maio de 2022, quando as pré-candidaturas à presidência da República foram lançadas. Naquele momento, em seus *stories* do Instagram, a drag se manifestou contra a chapa Lula-Alckmin declarando apoio às candidaturas do PCB e Unidade Popular, como podemos ver na Figura 4:

¹⁸ <https://www.metropoles.com/entretenimento/rita-von-hunty-fala-sobre-militancia-lgbt-luta-essencialmente-politica>

Figura 4: Rita Von Hunty declara voto contrário a Lula no primeiro turno



Fonte: *print* da rede social Instagram

Dentro dos movimentos de esquerda, no contexto da eleição de 2022, observou-se uma pressão para que as celebridades do meio artístico e cultural declarassem voto a favor da chapa Lula-Alckmin. Rita Von Hunty sempre se apresentou enquanto esquerda radical. Naquele momento, a posição-sujeito de Rita Von Hunty de não apoio à chapa Lula-Alckmin foi justificada pela falta de compromisso desta com “ao menos” a revogação das reformas promovidas pelos governos de Bolsonaro e Temer. A frustração em sua fala foi um dos fatores destacados para seu posicionamento no primeiro turno das eleições. Fazemos aqui um recorte de seu posicionamento em três sequências discursivas:

SD1: Acredito que, mais do que nunca, este momento nos compele a um voto radical no primeiro turno, que cumpre também uma função de mostrar nossa recusa e insatisfação a esta chapa

SD2: Eu fico **profundamente triste** com como o cenário vai se construindo para a política institucional no Br, mais uma vez, mesmo havendo **pouquíssima expectativa**, esperava **ao menos** a dignidade de Lula assumir compromisso com uma agenda que revogasse (**no mínimo**) as reformas neoliberais de 6 anos de Temer-Bolsonaro. **Nem isso** tivemos.

SD3: O cenário do "é o que tem para hoje" não pode se normalizar, porque **além de reacionário ele faz morrer qualquer desejo radical de transformação**.

Na SD1, percebemos que Rita ocupa o lugar discursivo de militante radical assumindo, a partir dele, não só como uma posição possível na formação discursiva de esquerda, mas como uma forma de resistência em defesa da permanência de valores inegociáveis para formação ideológica esquerda.

Na SD2 há a justificativa, e nela percebemos o ressentimento e a frustração com a chapa Lula-Alckmin. Nas formulações dessa SD, as expressões como “ao menos”, “nem isso” e “no mínimo” demonstram que não precisava de muito para que o laço de identificação entre ela e a ala política de Lula fosse mantido. Nesse sentido, a partir do contexto eleitoral de lançamento de pré-candidaturas e de reforço para a organização social, percebemos que, o que ecoa no não-dito desse discurso é a transitoriedade de sua decisão e um desejo de aproximação com a chapa rejeitada.

Já na SD3, o pedido para que o “é o que temos para hoje” não seja aceito, nem naturalizado, demarca a resistência à proposta de uma chapa que não reverbera os sentidos da esquerda que atendem à classe trabalhadora. Além disso, nessa sequência, o sujeito demarca como ponto enfraquecedor da esquerda se submeter ao programa de governo da chapa Lula-Alckmin. Dessa forma, nessas formulações, a demarcação de sentidos sinaliza um ponto de diversidade no campo ideológico da esquerda, no qual a posição-sujeito de uma esquerda radical é possível e justificável.

A partir das sequências discursivas, percebemos que o lugar social da militante de esquerda radical abriga o lugar discursivo que adere à posição sujeito do voto de protesto ao apoiar candidaturas da esquerda radical e que se opõe ao voto na chapa Lula-Alckmin, estabelecendo assim uma tensão na formação discursiva de esquerda. Desse modo, nadando contra a maré, esse discurso marca um funcionamento polêmico que busca assinalar essas posições como um lugar de resistência na FD de esquerda.

Dessa forma, esse discurso movimenta-se pelo funcionamento polêmico, pois observamos a tentativa de controle do sentido a partir de uma posição frente a outro(s) (Orlandi, 1987). Além disso, observamos a tensão entre paráfrase e polissemia, uma vez que o sujeito, ao tentar significar-se pela diferença, busca a inscrição nessa FD por um sentido não estabilizado nessa região discursiva.

Assim, compreendemos que a movimentação do sujeito evidencia a fragmentação e não univocidade da forma-sujeito (Indursky, 2015), confirmando o processo de significação que desloca sentidos materializando o político a partir da divergência.

Nesse viés, essa posição vai de encontro ao efeito de sentido dominante, isto é, move-se à revelia da dinâmica de aceitação ao processo retórico de imposição de certas

formas textuais em detrimento de outras, logo, se coloca como uma posição de resistência, pois não se dobra ao consenso. Assim, concordamos com Orlandi (2023) ao explicar como posições críticas confrontam a retórica dominante, como observamos:

os sujeitos individuados a partir de diferentes grupos/categorias/etiquetas sociais produzem seus discursos de resistência em relação à retórica dominante. Daí a tensão com o discurso consensual em sua dominância, a resistência, o confronto, a incompreensão, a guerra de sentidos (Orlandi, 2023, p. 99).

Os desdobramentos discursivos do político desse discurso desencadearam efeitos de cancelamento, principalmente no espaço significativo do Twitter. Dessa forma, o nome de Rita foi parar nos *trendings topics*, o que causou uma discussão principalmente dos que discordavam de sua opinião e invalidavam o seu posicionamento, dos que concordaram com o seu posicionamento, e dos que apesar de discordarem, não apoiaram os ataques violentos de cancelamento à *drag*.

A partir disso, percebemos posições-sujeito de internautas que, ao se desidentificarem com a posição de Rita Von Hunty, produziram efeitos de cancelamento, também foram percebidas posições que, a partir da ilusão de identificação, também circularam a partir de uma dinâmica de silenciamento, e, por fim os que, por concordarem integralmente com Rita Von Hunty em uma posição de identificação, ou os que simplesmente problematizaram os efeitos de cancelamento, mas mantiveram o afastamento dos saberes mobilizados pelo sujeito político em uma posição de contraidentificação. Dessa forma, veremos a seguir o funcionamento do cancelamento a partir de três modalidades: i) interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente); ii) dessignificação da posição própria do sujeito iii) interdição do movimento de constituição da identidade político-ideológica do sujeito na história.

4.3 EFEITOS DE CANCELAMENTO: O SILÊNCIO IMPOSTO E OS EFEITOS DE SENTIDO DE CANCELAMENTO

Nesta observaremos como os sujeitos internautas na rede social do Twitter/X provocaram efeitos de sentido de cancelamento diversos que se reverberam em modalidades de funcionamento do cancelamento diferentes em relação aos movimentos do sujeito político.

Assim, na subseção 4.3.1, perceberemos como o cancelamento estabelece uma dinâmica discursiva de bloqueio da posição-sujeito de Rita Von Hunty de voto em uma chapa de esquerda radical no primeiro turno, e não na chapa hegemônica de Lula-Alckimin.

Na seção 4.3.2, será apresentado como a dessignificação se relaciona à dinâmica de cancelamento por meio da dissimulação de um efeito de identificação. Além disso, observaremos como esse funcionamento discursivo do cancelamento silencia o dizer do sujeito político imputando-lhe posições e sentidos outros, deslocando e esvaziando seus sentidos próprios.

Na seção 4.3.3, será possível perceber o cancelamento como um mecanismo que vai além do impedimento do movimento dos sujeitos e sentidos em uma determinada posição-sujeito em um dado momento. Nesse funcionamento, a política de silenciamento do cancelamento age para impedir que o sujeito discursivo se movimente ao longo da história, enclausurando-o às suas convicções do passado, ignorando as condições de produção que incidem sobre o sujeito na emergência do real.

Orlandi (2007, p.133) nos explica que “(n)o jogo da unicidade, ao se afirmar, se mostra. Quanto mais se nega a multiplicidade de sentidos, mais ela é aparente. Mais a multiplicidade é aparente, mais se busca o “um”. Nessa perspectiva, a autora reflete sobre como a censura interdita ao mesmo tempo que evidencia os sentidos bloqueados. Dessa maneira, a ilusão de unicidade e monossemia, na verdade, aflora os sentidos proibidos. Essa compreensão de Orlandi (2007) nos ajuda a entender o cancelamento virtual diante das discursividades a serem analisadas.

Nesse sentido, entendemos que o cancelamento, enquanto dinâmica discursiva, se estabelece nas relações de significação em que um sujeito é impedido de ocupar “lugares” ou “posições” em uma FD ou entre FDs, produzindo-se efeitos de cancelamento. Assim, os efeitos de cancelamento funcionam a partir do silenciamento (interdição) do dizer do outro. A partir disso, no cancelamento, o sujeito não pode significar-se pelo diferente, ou divergente, uma vez que se impõe o mesmo e nega-se a alteridade.

No que se refere ao episódio de não-adesão à chapa Lula-Alckmin por Rita Von Hunty, suscitou-se um debate coletivo em que se confrontaram diferentes tomadas de posição, sendo elas: i) uma posição de cancelamento discursivo, em um processo de interdição do movimento político do sujeito e dos sentidos na FD de esquerda, operando nisto uma forma de silenciamento da diferença (Orlandi, 2007); ii) uma posição contra o

cancelamento, que desestabiliza esse funcionamento como forma política de silenciamento, reafirmando-se o movimento do sujeito e dos sentidos.

Nesse momento, gostaríamos de avançar no escrutínio das materialidades que tendem ao impedimento do movimento de sujeitos e de sentidos por meio de efeitos de cancelamento, que configuram um funcionamento autoritário do discurso. A seguir, discorreremos acerca do funcionamento do cancelamento a partir da modalidade de interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente).

4.3.1 O cancelamento discursivo como interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente)

O cancelamento enquanto interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente) acontece por meio do silenciamento de sentidos possíveis com primazia pela estabilização dos sentidos permitidos em um setor discursivo. Essa dinâmica é explicada por Orlandi (2023), ao se referir à guerra de sentidos instaurada principalmente por meio das redes sociais:

Assim, procuram destruir os sentidos que os confrontam. Silenciam (processo de censura), pois separam sujeitos e sentidos. Trabalhando os sentidos no processo discursivo, procuram se substituir a essas formações discursivas com que se confrontam, visando construir a dominância de "seus" sentidos nos processos de significação. Produz-se, como tenho dito, a insegurança das/nas palavras. E a estratégia argumentativa é a da destruição do outro. **Transformo em inimigo e o aniquila. Trata-se, pois, de um processo de eliminação do outro, pela deslegitimação, pelo silenciamento, pela dessignificação** (Orlandi, 2023, p. 49, grifos nossos).

No cancelamento, a partir do silenciamento, é criada uma esfera de irreversibilidade do dizer a partir de um funcionamento autoritário que transforma o outro em inimigo, criando uma dominância do dizer do locutor sobre o dizer do outro. Dessa forma, o cancelamento discursivo busca eliminar esse outro impedindo que ele (se) signifique nas formações discursivas de acordo suas filiações e identificações.

Uma das vozes que se levantaram contra Rita Von Hunty, foi a do ex-deputado Jean Wyllys. Como vemos na figura abaixo:

Figura 5: Efeitos de cancelamento e a deslegitimação do sujeito político



Fonte: perfil pessoal de Jean Wyllys no X

Jean Wyllys, ex-deputado federal pelo Psol e filiado ao PT desde 2021, sempre foi um dos nomes de maior oposição à família Bolsonaro. Sua movimentação política na campanha presidencial de 2022 mostrou-se assiduamente crítica aos que se manifestavam contra a aliança política petista, como demonstrado nas sequências discursivas em que se posiciona contra Rita Von Hunty.

De modo geral, o pronunciamento de Jean Wyllys busca desqualificar e descaracterizar o posicionamento do sujeito político Rita Von Hunty como esquerda legítima, ou seja, a que apoia Lula.

Para compreendermos essas relações de sentidos nessas materialidades, devemos explicar que desde que Rita tornou-se uma figura pública, seu discurso foi amplamente

noticiado na mídia e com esse pronunciamento não foi diferente. O discurso de Wyllys relaciona a imprensa corporativa como ente aliado à direita e a extrema direita, e logo, apoiadora da eleição de Bolsonaro. Dessa forma, em sua lógica, quem é contra Lula tem espaço na mídia, quem é a favor de Lula é boicotado. Na sequência discursiva abaixo, observamos como é constituído esse processo de divisão/polarização em seu discurso:

SD4- As deputadas e vereadores negras e/ou trans, as ativistas feministas eleitas, as lideranças indígenas e as do MST ou MTST nunca têm espaço, **ao passo que a direita e extrema direita toda são convidadas a falar e viram notícia, numa propaganda descarada maldisfarçada**

Na SD4 percebemos uma divisão entre quem tem e quem não tem espaço na mídia, pois, se figuras da direita e extrema direita têm espaço na mídia corporativa e figuras da esquerda nunca têm espaço na mídia corporativa, então a mídia é apoiadora da direita, nessa lógica se RVH tem espaço na mídia corporativa, então RVH é de direita. Do ponto de vista da articulação nessa cadeia parafrástica, Rita não passaria de um “fantoche” escolhido pela imprensa corporativa para executar uma sabotagem à chapa de Lula-Alckmin, o que é reafirmado na SD5.

Assim, a formulação intradiscursiva desse discurso revela a negação do voto radical como posição legítima dentro da formação discursiva de esquerda no contexto eleitoral. Ao fazer isso, percebemos que, da posição de Jean Wyllys, a posição de Rita não representa um lugar possível dentro da formação discursiva de esquerda. Dessa forma, ao longo do enunciado, constitui-se um funcionamento discursivo autoritário, que impede o movimento do sujeito, impondo uma assimetria entre os interlocutores e uma forma opressora do político, pela qual não é possível ao sujeito inscrever-se de modo diferente na FD de esquerda.

Esse funcionamento é confirmado na SD5, na qual os sentidos deslizam para a desqualificação das razões que levam à declaração de voto de Rita, em uma tentativa de invalidação de sua posição:

SD5- Aí, quando alguma voz da esquerda, **por ressentimento, ideologia cega ou ‘utopia’** dão [sic] margem a ataques a Lula e ao PT, sobretudo em eleições, ela automaticamente se torna fonte da imprensa corporativa; vira ‘notícia’ em suas redes, passam a ser ‘ouvidas’.

Na SD5 é estabelecida uma relação entre a declaração de voto radical e as razões para descaracterização do outro. Para Silva (2022), um dos traços do cancelamento é

desenhar o outro como um inimigo. Desse modo, nessa SD, a opinião de Rita é qualificada como voz de esquerda que ataca Lula, seja por “ressentimento”, “ideologia cega” ou “utopia”. Ou seja, a justificativa de Rita para seu posicionamento não é válida ou aceitável como posição política própria. Verificamos, nessa SD, o funcionamento autoritário, pois percebemos uma das características desse tipo de discurso, que é o apagamento da posição própria do outro: a desqualificação e o estancamento dos sentidos mobilizados pelo sujeito político evidenciam aspectos de irreversibilidade do dizer. Ao colocar o dizer do sujeito político como utópica, produzindo um efeito de “não lugar”, ou não realizável e inválido, atesta-se a univocidade, pois não se permite a troca de papeis (ou não se admite a posição do outro), impondo um agente exclusivo do dizer. Dessa forma, nessa SD, percebemos que o funcionamento autoritário do discurso impede o sujeito de expressar sua diferença no campo da esquerda.

A posição-sujeito de Jean Willys promove efeitos de cancelamento, pois, ao impedir a inscrição do sujeito em uma posição outra, impede-se a circulação na formação discursiva de esquerda em uma posição-sujeito que diverge da estabilizada (de apoio à candidatura de Lula). Esse efeito de cancelamento resulta, no caso, da desqualificação do dizer do outro para apagar a possibilidade de sua posição diferente, divergente. A esse respeito, Indursky (2015) nos explica que a exclusão do outro revela como a ideologia forma evidências e regularidades na memória discursiva:

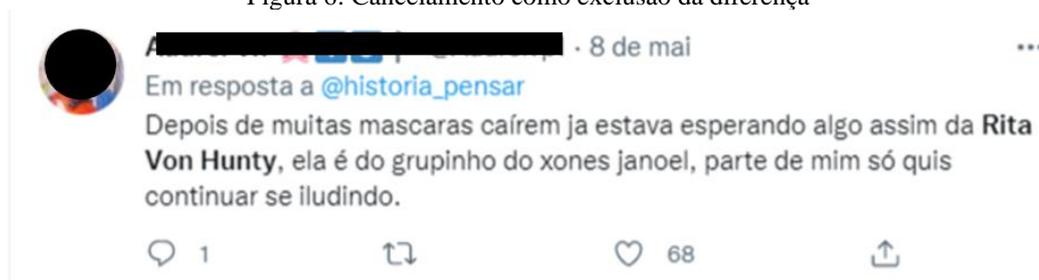
Outras tomadas de posição são excluídas, produzindo-se gestos de silenciamento em torno de outros possíveis sentidos[...] este silêncio [...] se produz porque as práticas e os saberes excluídos remetem a um outro modo de se relacionar com a ideologia e divergem e/ou antagonizam com os saberes e interesses da Formação Discursiva Dominante (Indursky, 2015, p. 14, grifos nossos).

Assim sendo, a política de silenciamento do cancelamento enquanto fato discursivo funciona a partir da política do “ou/ou” e não do “e/e”. Em outras palavras, o processo de significação através da metáfora, na qual “palavras conversam com outras palavras”, como afirma Orlandi (2023, p.62), é rompido, e a manifestação da alteridade se dissolve no enrijecimento da metáfora, e os sentidos estacam seus percursos. Dessa maneira, o que deveria se inserir nas redes de memória, tendo em vista que o político “distingue e integra o sujeito em sua relação com o outro” (Orlandi, 2007), se perde e fica fora das redes de memória. Isso acontece porque a “verdade” da posição do locutor

(sujeito cancelador) em relação ao interlocutor não se coloca como objeto em disputa, mas como "verdade" única possível.

A seguir temos outras materialidades que regularizam efeitos de sentido cancelamento, como o tweet a seguir:

Figura 6: Cancelamento como exclusão da diferença



Fonte: print da rede social X

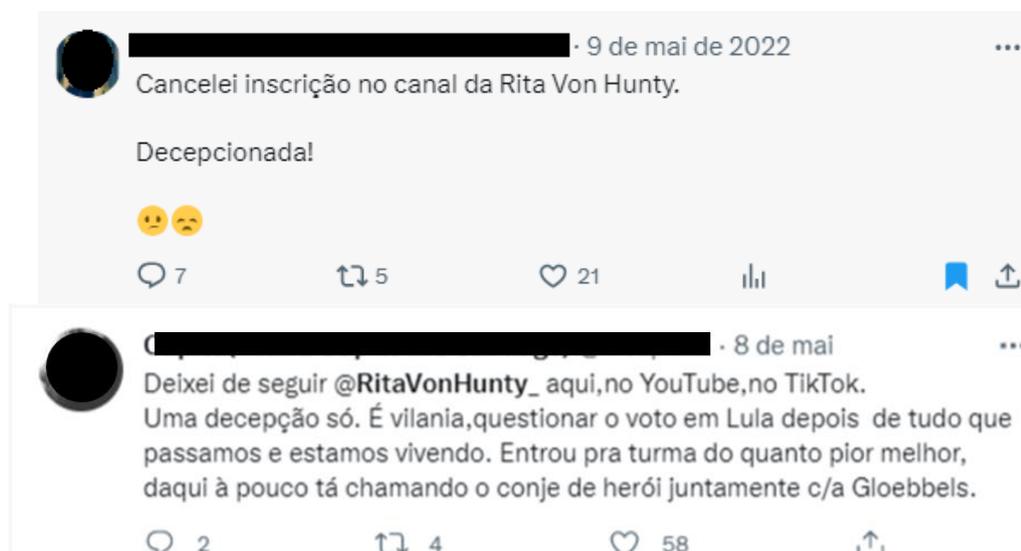
SD6- Depois de muitas máscaras caírem já estava esperando algo assim da Rita Von Hunty, ela é do grupinho do xones janoel, parte de mim só quis continuar se iludindo.

A sequência discursiva no tweet desse internauta relaciona o posicionamento de Rita ao fingimento. Nesse caso, na expressão “Depois de muitas máscaras caírem já estava esperando algo assim da Rita Von Hunty”, percebemos que, em sua concepção, havia pessoas “infiltradas” na esquerda que tiveram suas verdadeiras faces reveladas. Aqui a internauta insere Rita na turma do “xones janoel”, em referência a Jones Manoel, militante marxista-leninista do PCB, que nunca poupou críticas a Lula sobre sua aliança com a direita. Nessa formulação discursiva, também é observada a frustração do internauta por abandonar a persona de Rita, ao dizer “parte de mim só quis continuar se iludindo”. Assim, a desidentificação com a posição-sujeito de Rita marca uma dolorosa cisão, constituindo uma posição-sujeito que produz efeitos de cancelamento a partir da relação de que incentivar o voto no PT é a única maneira legítima de se estabelecer na matriz ideológica de esquerda.

Essa modalidade de funcionamento discursivo do cancelamento a partir da imposição de um sentido único, revela a ilusão de unicidade e monossemia na FD. Além disso, o mecanismo do cancelamento, que passa pelo boicote às redes do sujeito cancelado, tem uma consequência prática, que é o abandono e exclusão ao sujeito

cancelado, afetando diretamente o capital social deste. Esse fator parece estar associado aos efeitos de polarização. Como vemos na figura 7 e na SD7 abaixo:

Figura 7: Cancelamento como boicote ao capital social do sujeito



Fonte: print da rede social X

SD7- Deixei de seguir @RitaVonHunty_ aqui, no Youtube, no TikTok. Uma decepção só. É vilania, questionar o voto em Lula **depois de tudo que passamos e estamos vivendo**. Entrou pra **turma do quanto pior melhor**, daqui a pouco tá **chamando o conje de herói** juntamente c/ a **Gloebbels**.

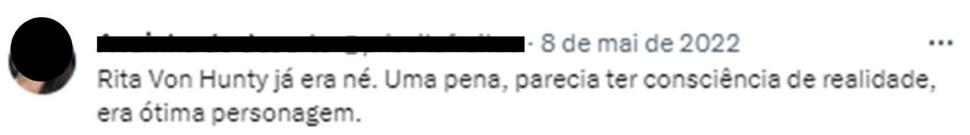
Na SD7, percebemos que o funcionamento desses discursos é marcado pela irreversibilidade, pois fortalece a ilusão de sentido único na FD de esquerda, vista como um campo homogêneo, no qual o discurso que não declara voto em Lula funciona como propulsor para a exclusão do sujeito das redes de comunidade do sujeito cancelador. Além disso, os efeitos de sentido na SD demonstram alguns impactos do fenômeno de cancelamento no campo social, que partem do expressivo incentivo ao não consumo dos produtos das celebridades canceladas. Para além desse fato, a SD selecionada a partir da figura 7 revelaram outras consequências dos efeitos de polarização envolvidos nos efeitos de cancelamento.

Na situação discursiva na SD7, ser contra Lula é retratado como “vilania”, principalmente em razão das condições de produção as quais estão imbricadas nesse discurso. Nessa posição, votar em Lula significa antecipar sua vitória para o primeiro turno, o que tornaria a vitória contra Bolsonaro ainda mais imponente. Assim, essa se tornaria a única posição possível na FD de esquerda. Além disso, compreendemos que

esse discurso se consolida pela ilusão de monossemia, segundo a qual a formação discursiva de esquerda seria um campo homogêneo e o voto em Lula seria um divisor de águas, isto é, pelo funcionamento autoritário, nessa SD, o locutor se coloca como detentor de um sentido único permitido nessa FD. Nesse jogo de sentidos, “ser bom” e apoiar, de fato, a esquerda seria aderir ao voto em Lula desde o primeiro turno, já o “ser vilão” se relaciona a qualquer outra posição que não declare apoio à chapa Lula-Alckimin, estando em desacordo com os sentidos autorizados pela esquerda nesse contexto. Dessa maneira, essa posição-sujeito desloca, invalida e impede a manifestação do diferente ao comparar Von Hunty personalidades da extrema direita: o “conge”, referência ao ex-juiz Sérgio Moro, e Gloelbells, que aparentemente é uma junção de Globo com Josesh Goebbels, ex-chancellor de Hitler. Dessa maneira, percebemos que nesse funcionamento, Rita Von Hunty é colocada em igualdade com figuras antiesquerda e até nazistas, projetando o sujeito em posições ideológicas antagônicas àquela de sua identificação política.

Os sentidos que apontam para a irreversibilidade do dizer se confirmam na sequência discursiva abaixo:

Figura 8: Cancelamento e efeito de irreversibilidade



Fonte: print da rede social X

SD8- Rita Von Hunty **já era né**. Uma pena, parecia ter **consciência de realidade**, era ótima personagem.

Fica claro nessa sequência, assim como nas anteriores, que os efeitos de cancelamento partem da desidentificação com o posicionamento do sujeito político cancelado. E a partir disso, nega-se todo o processo de subjetivação desse sujeito, assim como a heterogeneidade discursiva. Na SD8, “não ter consciência da realidade” faz com que Rita seja um personagem fantasioso ou alienado e não um sujeito que enuncia e significa na/sua história.

Nas sequências analisadas, compreendemos como o cancelamento discursivo interdita o movimento dos sujeitos e sentidos através do **apagamento do político**, pois ao negar-se a diferença e as divergências reforça-se a ilusão de monossemia, e empreende-se uma movimentação parafrástica dos sentidos. Nas análises a seguir,

abordaremos a relação do cancelamento com outras modalidades de gestos interpretativos dos sujeitos e como eles reforçam ou atenuam os efeitos de cancelamento. Além disso, perceberemos os efeitos de cancelamento podem dessignificar os sentidos da posição do sujeito cancelado, apagando e reconduzindo os sentidos.

4.3.2 O cancelamento discursivo como dessignificação da posição própria do sujeito

Para Freitas e Silva (2024), Vargas (2011) e Orlandi (2002), a dessignificação se refere a uma ruptura no político, derivado da interdição em um discurso e a emergência de outro. Nessa situação, a especificidade política e a historicidade são seletivamente apagadas, inclusive pelo apagamento das identificações. Orlandi (2002) nos explica que dessignificar não é o lugar vazio, mas a constatação de que outros sentidos vão existir, que se perde a possibilidade de significar de outra maneira nesse lugar.

Apoiados nessa reflexão teórica, entendemos que o cancelamento discursivo enquanto forma de silenciamento pode se manifestar sob o duplo funcionamento da interdição, analisado nas partes anteriores deste trabalho, e da dessignificação, de que iremos tratar nesta seção. Nesse sentido, há dessignificação quando são atribuídos sentidos outros a um objeto, que destitui os sentidos próprios, substituindo-os por outra versão, contrariando, assim, o processo de significação (Orlandi, 2023, p.63). Esse funcionamento pode ser observado no caso do cancelamento de Rita Von Hunty ao percebemos como o jogo dos gestos interpretativos dos sujeitos comentadores deslocaram os sentidos na posição-sujeito de Rita Von Hunty.

As materialidades da figura 9 representam esse caso de dessignificação, no qual a posição de defesa ao voto em uma chapa de esquerda radical em alternativa à chapa Lula-Alckmin é seletivamente silenciada, para sustentar um sentido outro, que seria a aproximação com a candidatura de Ciro Gomes, como observamos na postagem da figura 3, recortada de uma página no Twitter chamada “Desenhista Trabalhista”:

Figura 9: A designificação nos sentidos do cancelamento



Fonte: print da rede social X

Nessa postagem, aparece um corte de uma entrevista dada por Guilherme Terreri para a revista Fórum em uma live no YouTube. No corte, Terreri responde a um comentário que o critica ao dizer “Fala pra Diva descer pro chão, onde estamos nós, os reles, os famintos, os ameaçados, dizimados, desmatados, traficados, assassinados, incendiados. Lula já!”. Em sua réplica, Guilherme aponta a fuga argumentativa no comentário do internauta, que o chama de “Diva” pra descredibilizá-lo. Terreri também discorda que as minorias e marginalizados estavam em sua maioria com Lula, e critica a forma como os pobres não são vistos como cidadãos, mas apenas como eleitores pelo PT.

Na SD9, a seguir – uma postagem de um apoiador de Ciro Gomes – observamos a designificação que silencia os sentidos da posição-sujeito inicial e desloca para sentidos outros:

SD9- Guilherme Terreri (Rita) dando uma voadora em petista despolitizante. A real é que eles tb querem tratar o povo como gado. O argumento do Guilherme vai de [ao] encontro ao do @cirogomes, "precisamos apostar na inteligência coletiva". Basta de efeito manada.

Nessa formulação o sujeito enunciador desloca a crítica de Terreri a uma parcela da militância petista e a aproxima a um dizer de Ciro Gomes, ao se declarar que o argumento de Terreri “vai de [ao] encontro ao do Ciro Gomes” (aqui entendemos ter

havido um deslize formal do internauta, querendo dizer, de fato, “vai ao encontro”). Nessa aproximação entre as posições da drag e de Ciro, observamos um processo de dessignificação da posição de Terreri, uma vez que os sentidos de oposição radical à candidatura são atenuados, criando a ilusão de que Guilherme Terreri fala do mesmo lugar político e discursivo que Ciro. Em outras palavras, ao sugerir uma coincidência de posições entre os dois sujeitos, apaga-se a posição própria, particular de Guilherme em relação aos petistas para dar lugar a um sentido outro, que favorece Ciro Gomes. A propósito, cabe lembrar que Ciro Gomes foi candidato pelo PDT (2022, 2018), ocupando uma posição ambígua de centro-esquerda, com propostas de reformas para os setores da economia, da indústria e da educação, porém não tinha identificação com a esquerda marxista ou comunista como Guilherme Terreri/ Rita Von Hunty. Dessa forma, apesar da identificação no que refere às críticas a ala petista do campo político, esses sujeitos se movimentam a partir de lugares discursivos diferentes no campo político de esquerda ou progressista. Assim, compreendemos que essa formulação discursiva, na verdade, interdita a posição do sujeito para dar lugar a um outro sentido, que reforça a dinâmica do cancelamento pela dessignificação. Ou seja, esse discurso circula a partir da falsa identificação com a posição de Guilherme Terreri/Rita Von Hunty, deslocando seu sentido para uma posição de apoio Ciro Gomes.

Concordamos assim com a afirmação de Orlandi (2023, p.66) de que o movimento de dessignificação nas redes produz um procedimento de apagamento da identidade política, no qual as filiações não deixam de existir, mas são silenciadas e desviadas. Nesse movimento discursivo predomina um funcionamento diferente que regulariza os sentidos do cancelamento, pois a partir do simulacro de aproximação de duas posições que funcionam de lugares distintos na FD de esquerda, silencia-se a posição discursiva própria do sujeito.

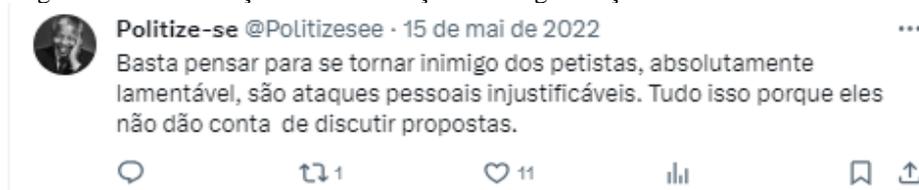
Dessa maneira, nessa materialidade, o funcionamento do cancelamento discursivo “se trata não só de uma injunção a não dizer o possível, mas também de imposição de um “dizer devido” (Farias e Silva, 2024, p.7)

De modo geral, a dessignificação no cancelamento discursivo circula a partir da aparência de identificação para estabelecer outros efeitos de sentido, que fogem da nítida desidentificação com a posição-sujeito defendida. Na seção anterior, percebemos como a declaração de voto em uma chapa de esquerda radical e não na chapa Lula-Alckmin resultou em um funcionamento autoritário dos discursos que asfixiavam o sujeito, bloqueando o movimento do sujeito e dos sentidos. Nessa seção, no entanto, o

funcionamento do cancelamento discursivo funciona a partir da aparência de identificação com sujeito-político, a qual o discurso cancelador, no caso, dessignifica a posição própria, possível do sujeito cancelado pela atribuição/imposição a este de outra posição, processo que, portanto, apaga, interdita o movimento de inscrição nas posições próprias.

Para melhor ilustrar esse funcionamento na sessão de comentários, na mesma postagem na página de apoio a Ciro Gomes, temos mais um comentário, vide figura 10, que demonstra como a dissimulação de identificação/designificação pode fazer parte da dinâmica do cancelamento discursivo do sujeito político.

Figura 10: Dissimulação de identificação e designificação no cancelamento



Fonte: prints da rede social X

Nessa postagem, percebemos a dissimulação de identificação com a posição-sujeito de Guilherme/Rita a partir do estabelecimento de oposição entre petistas e Guilherme Terreri, endossando os sentidos de polarização. Como vemos:

SD10- Basta pensar para se tornar inimigo dos petistas, absolutamente lamentável, são ataques pessoais injustificáveis. Tudo isso porque eles não dão conta de discutir propostas.

Na SD10, o discurso circula a partir da designificação da posição de Guilherme/Von Hunty por atribuir uma posição a ele que não lhe é devida, pois, o discurso na SD10 defende que “basta pensar para se tornar inimigo dos petistas”, referindo-se aos petistas como intolerantes dogmáticos, no entanto, a posição de Terreri não generaliza suas críticas a ala petista como um todo, mas, sustentou-se na defesa à uma ofensa pessoal direcionada a um sujeito comentador. Nessa perspectiva, percebemos que há uma dissimulação de identificação com o sujeito político, uma vez que, na generalização, ao contrapor petistas x Guilherme Terreri, o enunciado ignora que Terreri se inclui na luta partilhada pelos petistas de conquista por votos na periferia, como vemos na SD11 abaixo:

SD11- Terceiro lugar, não esqueça que os famintos, os ameaçados, os dizimados, os desmatados, os traficados e assassinados votarão no Bolsonaro também. E de que ao invés de discutir comigo, “que eu não estou no chão”, talvez você deva colocar seus pés na periferia e entender que a periferia **não está majoritariamente com Lula. E de que é um dos territórios que a gente vai ter que disputar com o maior afinco.**

Na SD11, ao afirmar “é um dos territórios que **a gente** vai ter que disputar com o maior afinco”, referindo-se à periferia que “não está majoritariamente com Lula”, percebemos que o sujeito não se coloca em posição antagônica aos petistas, apenas crítica. Desse modo, a posição de Guilherme se distancia de uma oposição aos petistas e projeta seu discurso em função da união do campo de esquerda na busca pelos votos dos marginalizados, que estão a favor de Bolsonaro. Nesse sentido, o cancelamento funciona na SD10 a partir da dessignificação dessa posição de Guilherme, processo pelo qual apaga-se estrategicamente a posição do sujeito para impor um sentido outro, que nesse caso é a posição do antipetismo, que não lhe é própria.

Dessa maneira, ao voltarmos nossa percepção para os sentidos do jogo eleitoral que emergem no funcionamento discursivo do cancelamento, percebemos que a divisão democracia x fascismo ao mesmo tempo que força os sujeitos a enunciarem a partir de uma posição genérica, apaga as diferenças e divergências no campo democrático de esquerda. Isso se mostra na dessignificação da posição crítica de Terreri ao PT, uma vez que, apesar de se colocar a favor da chapa Lula-Alckmin na tentativa de evitar uma ascensão ainda maior do fascismo (**a gente** vai ter que disputar com o maior afinco) sua posição é silenciada, pois, na dinâmica do cancelamento, os traços polissêmicos são contidos em favor de um funcionamento autoritário e parafrástico. Essa articulação favorece a polarização e o fechamento das fronteiras das FDs, impedindo o movimento de sujeitos e sentidos na/entre FDs.

Assim, relacionamos a dissimulação de identificação na SD10 a partir da dessignificação, pois nessa SD projeta-se uma desidentificação plena de Terreri com o grupo de esquerda lulista, quando, na realidade verifica-se uma contraidentificação na posição crítica adotada por ele. Assim, na SD10 o alvo é a desqualificação da militância petista e utiliza-se da dessignificação da posição de Guilherme como argumento para depreciar os petistas.

Dessa forma, o que surge a partir de uma aparente problematização dos efeitos de cancelamento, na realidade, se articula a partir de diferentes modos de silenciamento do político, que é a simulação de identificação. Nessa modalidade de cancelamento

discursivo, impedem-se os sujeitos de (se) significarem pelo dissenso, pelo entremeio, e seus sentidos são silenciados e deslocados para um lugar que não lhe é próprio.

Vejam agora a terceira modalidade de funcionamento do cancelamento.

4.3.3 O cancelamento discursivo como interdição do movimento de constituição da identidade político-ideológica do sujeito na história

Para Orlandi (2002), a identidade é um “movimento na história”, atravessada por processos de filiação à memória dos sentidos, com suas determinações da ideologia e do inconsciente. Na modalidade de funcionamento do cancelamento de que vamos tratar, há bloqueio da movimentação do sujeito, ao se mobilizar uma visão desatualizada da identidade do sujeito, mediante a cristalização de posições outrora defendidas por ele. Nesse sentido, nega-se a heterogeneidade, a movência e o deslocamento como prerrogativas da historicidade do sujeito no seu enunciar. Além disso, com o discurso de apagamento do outro, constroem-se efeitos de sentido autoritários que promovem a imposição de homogeneidade e unicidade na FD de esquerda no contexto eleitoral.

Nesse sentido, Grigoletto (2015, p.07, grifos nossos) explica que

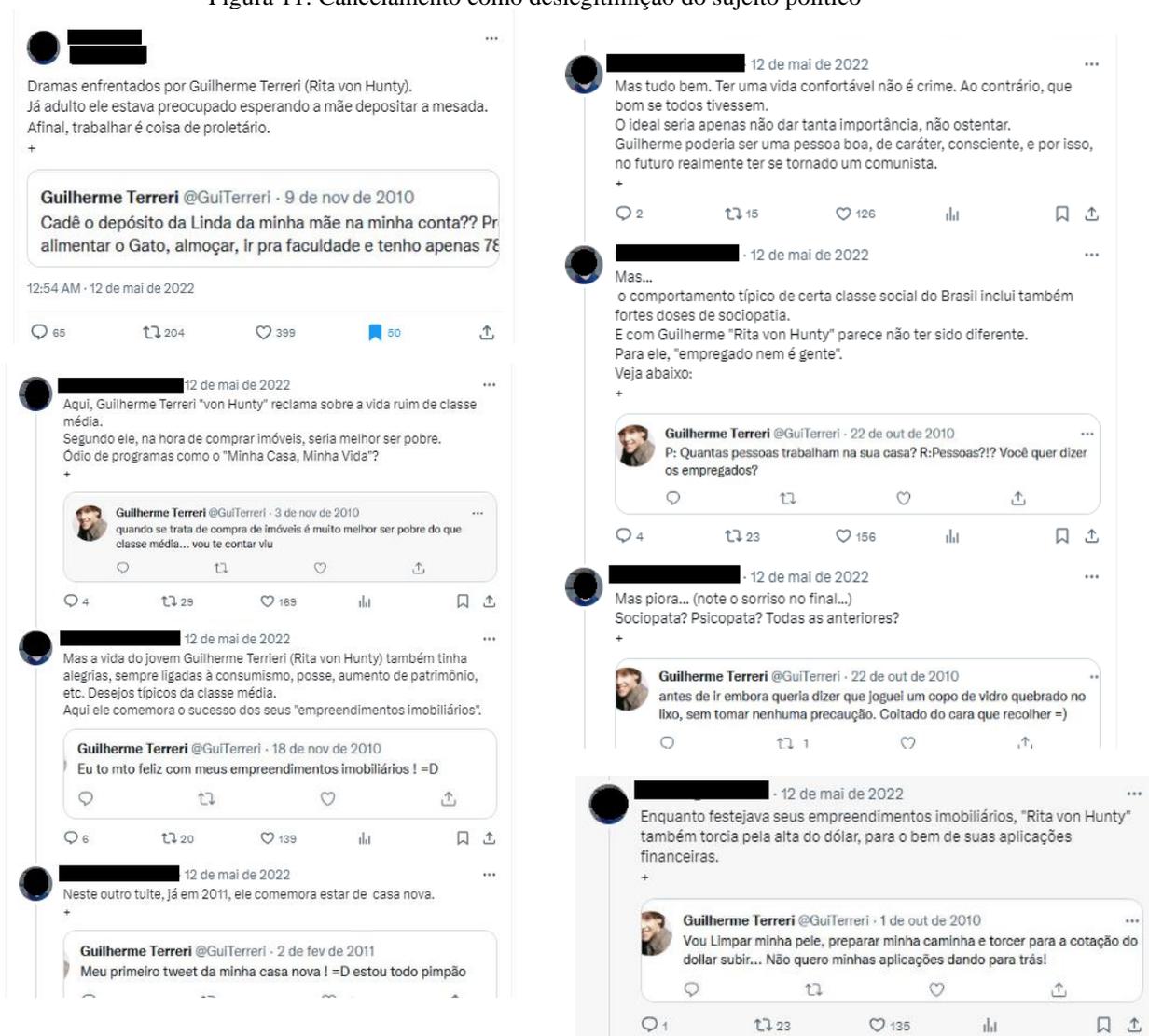
Os lugares discursivos são construídos pelo sujeito na sua relação com a língua e a história. Mas essa discursivização só acontece porque há uma determinação da formação social que institui determinados lugares, **os quais podem e devem ser ocupados por sujeitos autorizados para tal**. Por isso, este duplo efeito de determinação. O lugar social é efeito da prática discursiva, mas, ao mesmo tempo, o lugar discursivo também é efeito da prática social.

Assim, nesse funcionamento do cancelamento está presente a desautorização do sujeito mover-se ao longo da história, pois verifica-se o impedimento de Rita Von Hunty/ Guilherme Terreri identificar-se com os sentidos de esquerda, pois em seu passado constituiu efeitos-sujeitos que a/o atrelaram à direita neoliberal. Desse modo, a partir de funcionamentos autoritários produzidos em cadeias parafrásticas na FD de esquerda, compreendemos, a partir desse funcionamento, que a regularização dos efeitos de cancelamento pode tanto impedir uma posição-sujeito como desautorizar um lugar discursivo.

Ainda sobre efeitos de cancelamento, no thread da figura 9, abaixo, sobre a polêmica do voto de Rita Von Hunty, um internauta se utiliza de uma manobra

argumentativa comum em episódios de cancelamento chamada de *exposed*. Nesse tipo de fio, os usuários fazem uma exposição de fatos, estórias ou boatos sobre uma personalidade na intenção de revelar coisas desconhecidas para grande parte do público na web. Nos casos de cancelamento, os *exposeds* são construídos a partir de eventos vexatórios, maléficos ou repugnantes para a reputação da celebridade, endossando ainda mais o processo de cancelamento. Nesse contexto, o internauta, ao longo de 19 postagens, fez uma espécie de dossiê com tuítes antigos de Guilherme Terreri. A intenção, nesse caso, foi de “revelar” uma identidade neoliberal, antipetista, misógina, sociopata, psicopata e até homofóbica de Von Hunty.

Figura 11: Cancelamento como deslegitimação do sujeito político ¹⁹



Fonte: prints da rede social X

¹⁹ A *thread* completa está disponível no “Anexo 1: Materialidades Completas”

Nas postagens de 1-4 do fio, o usuário resgata tuítes de 2010 e 2011 de Guilherme Terreri, nas quais ele assume uma postura de classe média, investidor, com forte apatia por políticas públicas de esquerda para pessoas de baixa renda. Já nos tuítes 5-8, o internauta reconhece que apesar da insensibilidade revelada nos tuítes de Guilherme, àquela altura ainda seria possível uma reversão futura. No entanto, diante do aprofundamento das questões de personalidade atribuídas a Guilherme seria impossível, na visão do usuário, uma mudança ou reversão de seus ideais ideológicos. No tweet 5, temos a seguinte sequência discursiva, que desenha essa visão:

SD12- Guilherme poderia ser uma pessoa boa, de caráter, consciente, e por isso, no futuro realmente ter se tornado um comunista. Mas... o comportamento típico de certa classe social no Brasil inclui também fortes doses de sociopatia. E com Guilherme “Rita Von Hunty” parece não ter sido diferente.”

Os gestos de leitura do sujeito comentador na SD12 se caracterizam pela irreversibilidade, ao relacionar as ações de Terreri a transtornos mentais, pois a alusão à psicopatia/sociopatia invalida o lugar discursivo construído por Rita Von Hunty, já que mesmo que em suas tomadas de posição atuais não ocorram evidências de filiação à direita neoliberal, sua construção subjetiva não passaria de uma dissimulação e, logo, estaria esvaziado de sentido. Esses gestos de leitura do sujeito comentador se baseiam em tuítes passados de Guilherme Terreri, nos quais ele chegou a desumanizar trabalhadores domésticos e catadores de lixo. O fato é associado com traços de sociopatia e psicopatia devido à falta de empatia e remorso no discurso passado do sujeito cancelado. Observamos a irreversibilidade nesse discurso a partir da impossibilidade de troca de papéis entre os interlocutores, a qual o sujeito não pode dizer(-se) de modo próprio. Além disso, projeta-se a imagem de uma identidade-farsa para Von Hunty, que se utilizaria dos ideais comunistas enquanto alegoria manipulada pela direita neoliberal.

Nesse contexto, o discurso construído cerca as circunscrições que compõem o lugar discursivo de Rita Von Hunty, uma vez que, através do recorte de tuítes antigos, selecionados pelo sujeito cancelador, busca-se desconstruir a imagem de militante comunista de defensora das minorias sociais especialmente dos direitos LGBTQIAP+.

Essa dinâmica se confirma nas exposições dos tuítes 9-13. Nessas postagens, é revelado que, à época, Guilherme Terreri transitava discursivamente entre sentidos comuns à direita neoliberal brasileira, com discursos fortemente antipetistas,

antidemocráticos e até misóginos contra a ex-presidente Dilma. Já nos tuítes 14 e 15, o internauta resgata uma postagem de Terrieri abertamente contra o casamento civil gay.

O cancelamento discursivo apresenta aqui um funcionamento via discurso autoritário, que nega ao sujeito político sua historicidade, pois além de impedir o fluxo do sujeito intra e entre FDs, o impede de construir uma identidade de esquerda a partir de elementos de identificação própria, negando o movimento de (re)construção de identidade do sujeito na história, produzindo uma ilusão de fixidez e homogeneidade das identidades.

Na sequência discursiva que finaliza o fio do discurso do internauta (tuítes 16-19), o funcionamento autoritário pode ser evidenciado ao se externar a necessidade de a esquerda expulsar seus infiltrados para que possa alcançar a identificação com o povo novamente. Como se segue na figura 12:

Figura 12: O cancelamento discursivo como deslegitimação do lugar discursivo do sujeito político



Fonte: print rede social X

SD13- Pra finalizar, apenas reforço o que venho dizendo há anos: **O chamado "identitarismo" é o braço cultural do capitalismo em sua fase mais podre, desumana.** Braço cultural também da política externa dos EUA. Isso é um fato concreto, e fico espantado como muitos parecem não ver.+ Vários desses influenciadores, direta ou indiretamente ligados aos interesses dos EUA, muitas vezes via ONGS, são "identitários". **Na hora H, eles sempre acabam fazendo "gol contra". Apresentar-se como revolucionário, falar de marxismo, serve para cooptar ingênuos. [...]** **A tarefa da esquerda, a verdadeira, nacionalista e popular, é ter claro quem são os inimigos e se livrar dos infiltrados, para não mais cair em armadilhas. Fazendo isso, irá se reconciliar com as massas e com o povo brasileiro, que há tempos perde identificação com nosso campo.**

identificação com nosso campo.

Nessa sequência discursiva, observamos um funcionamento discursivo que nega não só a movência de sujeitos e sentidos, mas se articula pela ilusão de univocidade/ não porosidade nas FD. Cria-se, nessa discursividade, a ilusão de que os sentidos ideológicos de FIs opostas não se relacionam, negando, assim, o próprio real da história. Uma vez que a chapa Lula-Alckmin não se delineou de esquerda, e, pelo contrário, se apresentou como frente ampla com um representante mais à esquerda, Lula (PT) e Geraldo Alckmin (PSDB) à direita, isto é, o compromisso da chapa não se estabeleceu pelos parâmetros unicamente da esquerda. Além disso, os gestos de leitura materializam a equivocidade nessa SD. Em sua superfície, o foco do discurso está voltado à deslegitimação do sujeito político, já os sentidos político-eleitorais se mantêm em suspenso, não está explicitada que a posição atual de voto de Guilherme/ Rita Von Hunty (contrária ao PT, no primeiro turno) é o que motiva a exposição de posturas passadas da *drag*. No entanto, é esse jogo de sentidos que, apesar de não cristalizados, possibilita e impulsiona o cancelamento nessa discursividade.

Na SD13, os alvos dessa deslegitimação do sujeito político são o do lugar discursivo de *dragqueen*, e do lugar discursivo de militante. Visto que, para se impedir a constituição do lugar discursivo de *dragqueen* relaciona-o ao "identitarismo" enquanto "braço cultural do capitalismo em sua fase mais podre, desumana". Nesse discurso, o identitarismo é um fator criado e manipulado pelo suposto sujeito neoliberal para se infiltrar e enfraquecer a luta da esquerda. A invalidação do lugar discursivo de militante de esquerda para Von Hunty é constituída nessa discursividade por ela não se alinhar ao voto na chapa Lula- Alckmin, pois ao considerarmos o contexto de produção desse discurso, percebemos que ao utilizar o termo "hora H", o enunciado faz referência a declaração de voto de Von hunty no PCB e não na chapa Lula- Alckmin: "Na hora H, eles sempre acabam fazendo "gol contra". Apresentar-se como revolucionário, falar de marxismo, serve para cooptar ingênuos".

Desse modo, em sua superfície, esse discurso se insere em uma formação discursiva de esquerda, sob os efeitos de sentido anti-imperialista e anticapitalista, logo, ele simula efeitos de uma esquerda crítica e protecionista, todavia, em sua formulação o não dito que sustenta todo esse dizer apoia-se na contradição da defesa da candidatura Lula-Alckmin, que, em nome de uma frente ampla, aliou-se aos partidos de direita e centro. Portanto, esses sentidos político-eleitorais emergem no equívoco dessa

formulação, que nega a porosidade na FD de esquerda e acirra ainda mais o conflito na regularização dos sentidos na FD de esquerda.

Além disso, a busca e a exposição por tuítes de mais de 10 anos atrás revela como as redes sociais, por meio da memória digital (Dias, 2017), inscrevem sujeitos e sentidos na história, sentidos esses, que podem ser deslocados e re(/de)significados na teia interdiscursiva do virtual. Além disso, Orlandi (2023, p.63) explica que na política do digital, o funcionamento da censura perpassa a divulgação de *fake news* e do que aparenta ser insignificante, mas que se revela como uma prática autoritária e violenta que desorganiza a ordem do dizer. Nesse sentido, a mobilização de discursos não recentes e não condizentes com o lugar social ocupado pelo sujeito cancelado na atualidade demonstra como os efeitos de cancelamento silenciam, negando o movimento do sujeito discursivo ao longo da história, enclausurando-o às suas convicções do passado, ignorando as condições de produção que incidem sobre o sujeito. Desde 2013, Guilherme Terreri/Rita Von Hunty circula no social e no virtual a partir de uma perspectiva que rompe com as bases políticas de outrora, e desde então passa a assumir uma identidade que confronta diretamente com suas identificações anteriores.

Uma outra materialidade que confirma essa dinâmica do cancelamento discursivo está presente nos tuítes abaixo, na figura 13.

Figura 13: Cancelamento como anulação do lugar discursivo



Fonte: prints rede social X

Apesar de não se utilizar um *thread*, o primeiro sujeito comentador resgata dois tuítes misóginos de Guilherme Terreri ao referir-se a Dilma²⁰. A sequência discursiva explica:

SD14: Rita Von Hunty não existe. O que existe é um cara branco chamado Guilherme que faz propaganda na Globo e que até ontem estava dizendo coisas desse tipo.

Na SD14 percebemos que o lugar discursivo de militante drag de esquerda ocupado atualmente por Rita Von Hunty é invalidado por conta de posições defendidas por ela no passado. Os sentidos político-eleitorais que subjazem esses enunciados estão interligados, principalmente pela escolha dos tweets de 2010 de Guilherme Terreri. Desse modo, trazer à tona tweets antipetistas e misóginos do passado evidencia a ilusão de paridade entre a posição crítica de Von Hunty de não apoiar o PT no primeiro turno das eleições de 2022 e a posição antipetista de Guilherme Terreri em 2010.

²⁰ Nos tweets recuperados na conta do Twitter de Guilherme Terreri temos as seguintes informações expostas: “O segundo turno das eleições será 31 de outubro, Dia das Bruxas. Dilma e as mensagens subliminares...”, “Li no face: Quem é baixinha, gorducha, brava, dentuça, usa vestido vermelho e tem 1 amigo que fala errado? A Mônica? Não, a Dilma!”, as postagens datam, respectivamente, outubro e setembro de 2010.

Além disso, na discursividade da SD14, anula-se o lugar discursivo da *drag queen* militante comunista de destaque no meio virtual e na mídia, e desloca-se na caracterização de “um cara branco, chamado Guilherme que faz propaganda na Globo”. Dessa maneira, nesse discurso configura-se a polarização, mobilizando sentidos recorrentes em época de eleição, nas quais a Globo é vista como meio de comunicação ora aliado aos interesses da direita, ora aos interesses da esquerda, a depender onde se inscreve discursivamente o locutor.

Na SD15, temos outra ocorrência do e mesmo funcionamento:

SD15- Não existe a Rita e sim o Rita, personagem de um caea [cara] que não se assume, se esconde.

No jogo de desqualificação do sujeito político nessa discursividade evoca-se sentidos que negam a constituição do lugar discursivo de *drag queen*. Nos fragmentos “o Rita” e “não se assume, se esconde”, há uma dupla interpretação, tanto evidenciando sentidos que invalidam performances de gênero, como sentidos antipolíticos, pois a partir de “o Rita” vemos que nessa posição não se considera como legítima a atuação política de esquerda personificada em um corpo masculino que se apresenta sob características femininas. Em outras palavras, o “não se assume” parece estar relacionado a não assumir suas “verdadeiras” intenções políticas, que aqui, não fariam ressonância às ideias de esquerda, mas se utilizaria como escudo. Essa ambiguidade entre sentidos ligados à questão de gênero/identidade/performance e a questão política parece querer desqualificar o sujeito quanto à coerência de suas posições. Se não se assume como pessoa trans (pois também performa como pessoa cis) também não se assume como esquerda (pois não vota em Lula).

Essa dinâmica discursiva pode ser relacionada à ilusão de um “mundo semanticamente normal”, apontado por Pêcheux (2015, p.31-34), segundo a qual a compreensão do mundo se dá a partir de proposições lógicas disjuntivas do tipo “ou-ou”. Ou seja, os objetos do discurso não poderiam ter sentidos heterogêneos. Sendo assim, nas SDs 14 e 15, forja-se uma homogeneidade no discurso quanto às performances de gênero e identidade de Rita Von Hunty tecendo a lógica do “ou-ou” como “manobra discursiva” nessa ocorrência de cancelamento.

Dessa maneira, compreendemos que o cancelamento discursivo não só impede o sujeito de posicionar-se nos processos de identificação, mas de ocupar um lugar

discursivo, negando assim as condições de produção que afetam os trajetos de sujeitos e sentidos na história.

No episódio de cancelamento Rita Von Hunty, o sujeito discursivo foi impedido de enunciar-se pelo diferente/divergente e de circular na formação discursiva de esquerda a partir de uma posição outra, que não aderiu aos sentidos dominantes na situação discursiva em questão. Dessa maneira, por mais que a posição-sujeito em questão esteja em consonância com o lugar discursivo previamente autorizado para circular nessa FD, a sustentação de uma posição em desacordo com a posição dominante (voto em Lula) provocou o cancelamento discursivo desse sujeito e o silenciamento de sua posição própria, desautorizando a movimentação a partir de seu lugar discursivo. Nessa perspectiva, a movimentação de um corpo discursivo de *drag queen* militante do campo de esquerda que ousou sustentar um posicionamento díspar daquilo que foi considerado como indispensável, por ser o estável, por ser o único caminho contra o fascismo, foi negada, o que asfixiou esse sujeito e o impediu de constituir-se em sua subjetividade a partir de seu lugar discursivo.

A partir das materialidades selecionadas, relativas ao cancelamento de Rita Von Hunty, os sentidos associados à posição-sujeito que adere a um voto radical, se opondo à chapa Lula-Alckmin no primeiro turno, são silenciados e impedidos de circular na FD de esquerda. Com base nisso, evidenciamos três modalidades de funcionamento do cancelamento discursivo como prática de silenciamento, são elas: i) a interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente); ii) a dessignificação da posição própria do sujeito; iii) a interdição do movimento de constituição da identidade político-ideológica do sujeito na história.

A primeira modalidade acontece quando o sujeito é impedido de circular na formação discursiva em uma posição-sujeito que difere/ diverge do estabilizado como dominante. Nessa modalidade, que materializa um funcionamento autoritário do discurso, não se admite a posição do outro como possível, há um agente exclusivo do dizer (Orlandi, 1987), que é o sujeito cancelador.

A segunda modalidade se manifesta quando o discurso cancelador esvazia, atenua ou distorce a posição própria do sujeito cancelado e atribui/impõe a este uma outra posição, processo que apaga/interdita o movimento de inscrição do sujeito em posições que lhe seriam possíveis (Orlandi, 2023). Dessa forma, observamos que as filiações sócio-históricas dos sentidos e sujeitos são suspensas e dessignificadas, costurando-se e

atribuindo-se uma outra articulação de sentidos para o sujeito em uma falsa adesão político-ideológica.

A terceira modalidade de cancelamento nega o movimento de (re)construção de identidade do sujeito na história, apoiando-se na ilusão de fixidez e homogeneidade das identidades. Nessa modalidade, o funcionamento discursivo bloqueia a movimentação do sujeito por meio da enunciação de uma visão desatualizada e estagnada da identidade do sujeito, tornando evidentes posições outrora defendidas pelo sujeito político. Nesse sentido, nega-se a heterogeneidade, a movência e o deslocamento como prerrogativas da historicidade do sujeito no seu enunciar.

Essas modalidades, de modo similar, integram formas de silenciamento do sujeito político a partir da suspensão do conflito. Não nos referimos aqui ao conflito enquanto disputa de poder entre forças antagônicas dimensionado no interdiscurso, mas do conflito de sentidos enquanto agitação e deslocamentos dos sujeitos pela divisão de sentidos, ou seja, enquanto movimento do político no/do discurso. As modalidades de funcionamento do cancelamento se afirmam como dinâmicas discursivas pelo apagamento do político, que estabilizam os efeitos de sentido do cancelamento.

No entanto, retornamos a Orlandi (2007, p. 85) ao afirmar que “se há um silêncio que apaga, há um silêncio que explode os limites do significar”. Nesse sentido, o sujeito no discurso ao contraidentificar-se com a posição do sujeito político, problematiza e desestabiliza os efeitos de cancelamento, uma vez que passa a movimentar-se pela afirmação do político e não mais pelo apagamento do político, reestabelecendo, assim, o próprio do discurso – o movimento –, como veremos a seguir, na exposição das materialidades que desestabilizam o cancelamento.

4.4 IDENTIFICAÇÃO E CONTRAIDENTIFICAÇÃO NA DESESTABILIZAÇÃO DOS EFEITOS DE CANCELAMENTO

Orlandi (1987) afirma o sentido sempre pode ser outro. Assim, em resposta ao silêncio, o deslocamento “para devolver os sentidos ao real da história, pela desconstrução da narrativa, desfazendo as evidências produzidas ideologicamente” (Orlandi 2023, p.57). E é nesse sentido que voltamos nossas análises, pois contra o apagamento do político, a afirmação do político, como veremos na identificação e contraidentificação na desestabilização dos sentidos de cancelamento.

A partir das sequências discursivas a seguir foi possível verificar a desestabilização dos efeitos de sentido do cancelamento. Nessa interpretação do cancelamento, é possível a discordância, a diferença, sem necessariamente o impedimento, como observaremos nas materialidades a seguir, a começar pela figura 14:

Figura 14: Discordância e diferença na FD de esquerda



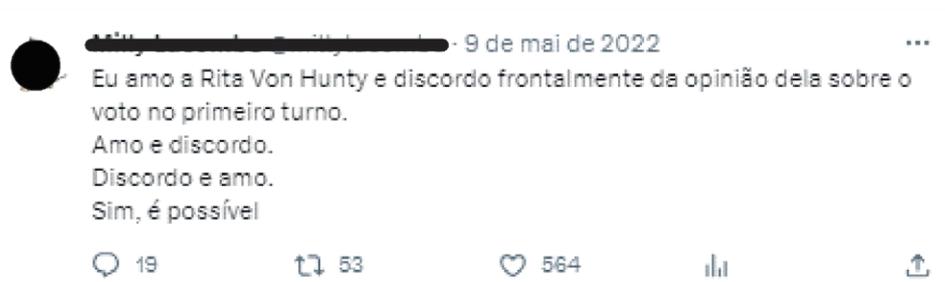
Fonte: prints da rede social X

SD16- Acabei de assistir a entrevista de Rita Von Hunty para o canal TV FORUM, diálogo esclarecedor e construtivo. Discordo da Rita pela decisão demarcar posição num momento como o q vivemos, mas entendo melhor a posição dela! E é isso! E xingar só nos iguala àqueles q criticamos Em tempo, tem uma expressão q gosto é "não se pde jogar a criança a criança junto c a água do banho" e desmerecer tdo q Rita von Hunty representa na esquerda por conta dessa fala, é fazer exatamente isso!

Nessa postagem do sujeito comentador, percebemos que nesse discurso se desconstrói os sentidos de cancelamento, assumindo uma dominância polêmica, reafirmando o lugar discursivo de Rita e sua importância política dentro do campo de esquerda, mesmo diante de uma opinião que difere da sua. Assim, o funcionamento desse discurso, a partir da posição-sujeito de contraidentificação com a posição de Rita de voto contrário a chapa Lula-Alckmin admite a diferença e a divergência na FD de esquerda, discordando, mas não desqualificando, admitindo assim, a circulação de sentidos que se opõe a sua identificação nessa FD. O sujeito não impõe sua posição como “verdade” única, mas constrói-se um processo de significação por alteridade, próprio do funcionamento polêmico. Desse modo, a SD materializa uma disputa por sentidos, tentando dirigir os sentidos para dominância de uma delas, mas não sua exclusividade, tensionando os sentidos entre a paráfrase a polissemia.

Outra materialidade que comprova essa polêmica durante o episódio de cancelamento de Rita Von Hunty encontra-se na figura 15, abaixo:

Figura 15: Efeitos polissêmicos e desestabilização do cancelamento



Fonte: rede social X

SD17- Eu amo a Rita Von Hunty e discordo frontalmente da opinião dela sobre o voto no primeiro turno. Amo e discordo. Discordo e amo. Sim, é possível

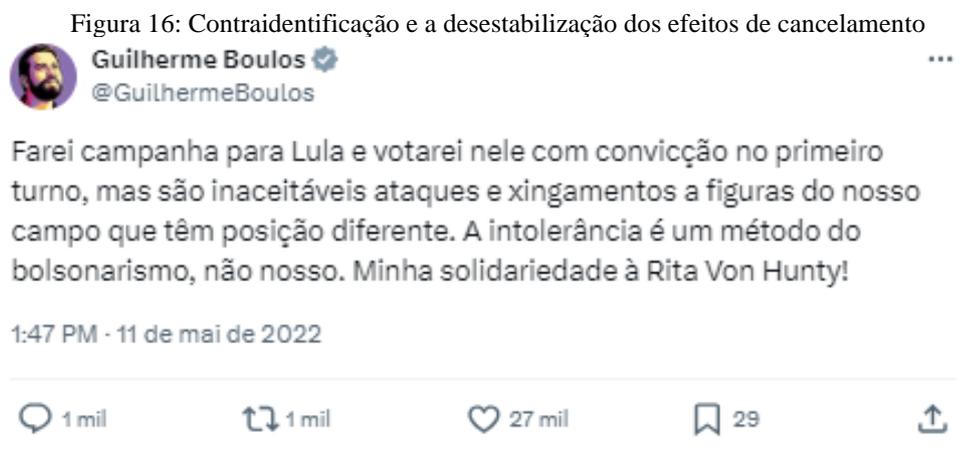
Na visão dessa internauta também é possível a existência de sentidos e significações outras além do voto na chapa Lula-Alckmin. Ao afirmar que é possível “amar e discordar”, algo que é colocado como dicotômico no cancelamento virtual, essa posição quebra os efeitos de cancelamento, fora da lógica disjuntiva do “ou-ou”, mas na do “e-e”. Como afirma Pêcheux (2015, p.53) “todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro”. A partir disso compreendemos que nesse funcionamento nega-se o próprio do discurso, que é a movimentação. Além disso, retornamos a Orlandi (2007, p.83) ao elaborar suas ideias acerca da heterogeneidade discursiva e o silêncio:

Se, de um lado, toda formação discursiva é heterogênea em relação a ela mesma porque os limites do dizer, as diferentes regiões de sua constituição, refletem sua relação com sua exterioridade (o outro sentido), por outro lado o sentido é errático, podendo migrar de uma sua região para outra. Assim, **faz parte das condições de produção do sentido a circulação possível pelas diferentes formações discursivas.** [grifos nossos]

Dessa forma, fica claro como a contraidentificação com a posição do sujeito político contradiz os efeitos de sentido do cancelamento, reestabelecendo a movimentação e a reafirmando a heterogeneidade da formação discursiva de esquerda.

Assim, os enunciados na posição de contraidentificação com o sujeito político emergem como uma resposta ao impedimento do movimento dos sujeitos e dos sentidos. Dessa maneira, o discurso que subverte o cancelamento força os limites da FD e os sentidos no seu interior, tomando lugares e posições como pontos de deriva que insurgem significados no domínio do formulável na FD.

Uma das materialidades que mais se destacaram nesse funcionamento polêmico foi a postagem no Twitter de Guilherme Boulos, na figura 16 abaixo.



Fonte: print da rede social X

SD18- Farei campanha para Lula e votarei nele com convicção no primeiro turno, mas são inaceitáveis ataques e xingamentos a figuras do nosso campo que têm posição diferente. A intolerância é um método do bolsonarismo, não nosso. Minha solidariedade à Rita Von Hunty.

Compreendemos como esse discurso se distancia da posição de Von Hunty. Faz-se necessário salientar que essa posição circula a partir de uma posição de poder institucionalizada na esquerda. Guilherme Boulos é uma figura pública brasileira, filiado ao Partido Socialismo e Liberdade (PSOL) e coordenador nacional do Movimento dos Trabalhadores Sem Teto (MTST). Em 2022 ele foi o deputado federal de esquerda mais bem votado da história do Brasil²¹.

Dessa forma, no funcionamento da subjetividade, compreendemos que há uma contraidentificação com o voto radical de Von Hunty, pois a afirmação “Farei campanha para Lula e **votarei nele com convicção no primeiro turno**”, se distancia da posição de voto de Von Hunty, no entanto, nesse enunciado, os efeitos de cancelamento e o bloqueio do movimento do sujeito são desconstruídos e não regularizados, como vemos: “mas são inaceitáveis ataques e xingamentos a figuras do nosso campo que têm posição diferente. A intolerância é um método do bolsonarismo, não nosso”. Assim sendo, essa posição polêmica desestabiliza os sentidos do cancelamento na formação discursiva de esquerda.

A partir desse enunciado, compreendemos que os gestos de interpretação como a identificação e, nesse caso, a contraidentificação com o sujeito político podem produzir

²¹ <https://www.camara.leg.br/deputados/220639>

efeitos de movimentação e não de silenciamento, pois admitem a diversidade no campo da esquerda, mesmo que, nem sempre, concordem integralmente com um sentido ou outro. Dessa forma, enquanto o funcionamento do cancelamento discursivo se relaciona ao silenciamento pelo bloqueio do movimento dos sujeitos e sentidos, principalmente pelo funcionamento autoritário, a ruptura com essa dinâmica de impedimento se apoia na polissemia que admite a diferença e divergência nas FDs. A posição do outro é levada em conta como uma posição possível, da qual se pode discordar, e mesmo assim, coexistir, o discurso é dirigido, mas não há um agente exclusivo, nem um sentido único, a polissemia é controlada e há disputa de sentidos.

Nas sequências a seguir, observamos, a partir de uma conversa entre três internautas, como a dinâmica dos efeitos de cancelamento na estabilização e na desestabilização podem acontecer de modo conjunto.

Na SD19 nos deparamos com um dos efeitos práticos do cancelamento virtual de figuras públicas que é o boicote às suas mídias e a retirada da inscrição dos seus canais ou redes sociais. Do ponto de vista discursivo, nessa SD, compreende-se o funcionamento autoritário pela exclusão e afastamento da persona de Rita, tendo como justificativa a posição de voto radical em contrapartida a chapa Lula-Alckmin. No caso de cancelamento de Rita, ficou nítida a transição de fãs para *haters* pela retirada da inscrição em seu canal do Youtube, conforme podemos observar na figura 17:

Figura 17: Estabilização e desestabilização dos efeitos de cancelamento



Fonte: print da rede social X

Nos tuítes da figura 17, podemos constatar três posições diferentes em relação ao cancelamento:

SD 19- “Acabei de retirar a minha assinatura no canal da Rita Von Hunty! Boa noite!”

SD 20- “Acabei de efetuar a minha!”

SD 21- “Também continuei lá... posso não concordar com ela (nesse ponto do voto de protesto não concordo), mas não podemos cair na armadilha antidemocrática e fascista da Direita! Ela tem o direito de não agradar todos durante o tempo todo!”

A SD19 enfatiza uma das dimensões práticas do cancelamento, que é a retirada de carga positiva investida em uma personalidade da internet, reforçando o caráter de decepção e frustração embutido no processo de cancelamento virtual. O discurso, nessa SD, produz efeitos de cancelamento, pois, não corrobora a movimentação do sujeito político na FD de esquerda no contexto eleitoral.

A SD20 é uma resposta direta ao tweet cancelador referido na SD19. Naquela sequência, ao dizer “Acabei de efetuar a minha!”, o enunciado demarca uma posição de desidentificação em relação às formulações da SD19, materializada na retirada da assinatura do canal da *vlogger*. Essa posição-sujeito se manifesta na direção contrária ao efeito de cancelamento, montando um contraponto, pois, ao mesmo tempo, o sujeito se identifica com a posição de Rita Von Hunty. Para Santos (2023), uma das consequências do cancelamento é o aumento do engajamento daqueles que discordam e problematizam o ato, o que traz novos significados para o processo.

Na SD21, indica-se uma posição-sujeito polêmica, uma vez que, mesmo discordando-se do sujeito político afirma-se que o ato de cancelamento não é a solução, como vemos “Também continuei lá... posso não concordar com ela (nesse ponto do voto de protesto não concordo), mas não podemos cair na armadilha antidemocrática e fascista da Direita! Ela tem o direito de não agradar todos durante o tempo todo!”. Assim, tem-se uma posição de contraidentificação com o sujeito político, pela qual o sujeito não se identifica com o caráter autoritário do cancelamento, por outro lado, também não se aproxima do posicionamento de Rita, dando-lhe reforço positivo, ou de apoio a sua opinião, mas reforça a liberdade de voto e de pertencimento.

Observamos, assim, na posição sujeito que expressa efeitos de cancelamento, uma injunção à paráfrase e ao fechamento dos sentidos outros na formação discursiva de esquerda, como acontece na SD19. Nessa SD, constitui-se uma posição-sujeito de proibição do dizer(-se) (n)a diferença, referente à primeira modalidade de cancelamento, do bloqueio da posição própria do sujeito implicado sobre a discordância na afirmação de

Rita Von Hunty de apoio a uma chapa de esquerda radical, e não na chapa Lula-Alckmin. Logo, nessa modalidade, a estabilização dos sentidos do cancelamento implica a regularização dos sentidos estabilizados nessa formação discursiva, reforçando os limites na FD e impedindo o movimento de sujeitos e sentidos na/entre FDs. Assim, na posição de cancelamento, tenta-se estabilizar os sentidos que colocam como esquerda legítima a que vota e declara voto em Lula. Nesse sentido, qualquer outra posição é vista como “sabotagem” ou “aliada à direita de Bolsonaro”, logo, ilegítima.

As SD20 e SD21 são demarcadas posições-sujeito de distanciamento com os efeitos de cancelamento, pois há uma oposição ao cancelamento, e uma tendência a desestabilização desse funcionamento. Assim, esses enunciados apresentam e reforçam a diferença na FD de esquerda. Na SD20, ao confirmar sua inscrição no canal da *drag*, o sujeito posiciona-se a favor da movimentação desse sujeito nessa FD, identificando-se com sua posição.

Indursky (2008), ao evidenciar que a posição de contraidentificação se instaura quando se discordam os sujeitos de um grupo, e que, por discordarem do modo como se relacionam com a ideologia, produzem tensão nesse domínio de saber, mas, mesmo assim se identificam com a forma-sujeito que é capaz de organizar e administrar as diferenças dos saberes que aí se produzem.

Essa dinâmica é evidenciada na SD21, a contraidentificação com o voto radical de Von Hunty não impede o sujeito político de movimentar-se a partir de sentidos dissonantes com a posição do interlocutor. Em outras palavras, as posições-sujeito de identificação e contraidentificação compreendem a polissemia e implicam na inscrição de sentidos diferentes e divergentes como possíveis nessa formação discursiva.

Dessa forma, os efeitos de sentidos no cancelamento se manifestam através de políticas de silenciamento que se contrapõem ao movimento dos sujeitos e sentidos, que funcionam em oposição ao político. Sendo assim, o cancelamento enquanto acontecimento discursivo evidencia direções diferentes que os sujeitos e sentidos podem tomar a partir da relação com a língua e com a história (Pêcheux, 2008). Ou seja, o fenômeno do cancelamento no digital opera enquanto um complexo de relações discursivas que mobiliza sentidos em silêncio, sentidos bloqueados, e sentidos em disputa, principalmente entre a afirmação do político, que possibilita o movimento dos sujeitos e sentidos, e o apagamento do político, via discurso autoritário, que se converte nas modalidades de cancelamento discursivo apreendidas neste trabalho, as quais

silenciam e impedem sujeitos e sentidos em sua mobilidade e fluidez na/entre formações discursivas.

Nesse sentido, nos efeitos de cancelamento, por meio do discurso autoritário, verifica-se a injunção à paráfrase e o efeito de monossêmia da formação discursiva de esquerda a partir das tomadas de posições dos sujeitos. Já no movimento de desestabilização do cancelamento, observamos como os discursos do sujeito político e dos sujeitos comentadores promovem a deriva de sentidos que se constitui em tensões na formação discursiva de esquerda.

Para ilustrarmos como o funcionamento discursivo do cancelamento promove o apagamento do político, por meio de uma dinâmica de silenciamento dos sujeitos e dos sentidos, relacionados na figura 18 como os gestos interpretativos se relacionam às dinâmicas de silenciamento e bloqueio do movimento na regularização dos efeitos de cancelamento. Por outro lado, no esquema da figura também mostramos como os enunciados que problematizam os efeitos de cancelamento subvertem esse fenômeno, afirmando o político e corroborando para a movimentação dos sujeitos e sentidos nas FDs.

Figura 18: Funcionamento do Cancelamento Discursivo



Fonte: elaborado pela autora

Na figura 18 procuramos compreender o cancelamento discursivo e o movimento dos sujeitos e sentidos como processos que se desenvolvem em oposição um ao outro, de maneira contínua.

Temos, **o movimento do sujeito e dos sentidos**, em uma posição polêmica que marca a diferença do sujeito político, por exemplo, a posição de voto radical de Von Hunty. No cancelamento, a partir do gesto de **desidentificação ou ilusão de identificação**, o sujeito produz **efeitos de bloqueio do movimento** que acontecem por meio do discurso autoritário. Na desidentificação, não há abertura a sentidos outros na

formação discursiva, que oprime a posição sujeito e ou/lugar discursivo do sujeito político, negando a porosidade na FD. Na ilusão de identificação, que simula uma aproximação entre a posição do sujeito político e a posição do sujeito comentador, compreendemos que se apaga os sentidos, para impor um dizer devido, culminando na dessignificação, que silencia a posição discursiva formulada inicialmente, para circular uma outra. Dessa maneira, o funcionamento do **cancelamento discursivo** supõe uma política de **silenciamento dos sujeitos e sentidos**, que se constitui, em todo seu processo, a partir do **apagamento do político**.

Na desestabilização do cancelamento, temos um processo de contestação desse funcionamento por meio da problematização do **cancelamento discursivo**. Dessa maneira, o sujeito comentador **identifica-se ou contraidentifica-se** com o sujeito político, pois podem tanto acompanhar integralmente os sentidos mobilizados pelo sujeito político, enunciando de uma mesma posição, como pode discordar em partes, mas legitimando a movimentação do sujeito político, reafirmando a diferença/divergência como sentidos possíveis na FD. Nesse momento há disputa de sentidos na FD, logo, os sujeitos movimentam-se em posições polêmicas e há um estado de **polissemia controlada**. Dessa forma, a **desestabilização do cancelamento** restitui e reestabelece a atividade próprio do discurso, que é a **movimentação dos sujeitos e sentidos** a partir da **afirmação do político**. Nessa posição de tensionamento dos sentidos de cancelamento, observamos que a posição polêmica que vai contra o cancelamento, isto é, a formulação dos sujeitos comentadores defende a liberdade do sujeito movimentar-se e inscrever-se na formação discursiva. O sujeito comentador nessa modalidade questiona o processo de cancelamento identificando ou contraidentificando-se com o posicionamento político do sujeito político.

Portanto, aprofundamos a noção de cancelamento virtual e adotamos aqui a perspectiva que esse fenômeno se constitui em prática social por meio do cancelamento discursivo. O cancelamento discursivo enquanto processo age sobre a prática política dos sujeitos em relação com sua historicidade, abarcando conflitos de poder e antagonismos.

O cancelamento discursivo se constitui pela tentativa de suspensão dos conflitos e se viabiliza pelo impedimento de posições-sujeito heterogêneas, abrigadas via lugar discursivo. Dessa forma, esse fenômeno é construído a partir da produtividade na língua, silenciamento da construção política do sujeito e é desestabilizado, desregulado nos discursos que, no campo da criatividade, se movimentam e deslocam sentidos nas formações discursivas.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do percurso teórico-analítico realizado até aqui, acreditamos ter dado alguns passos importantes rumo à compreensão do cancelamento virtual como prática discursiva que incide sobre o sujeito em seus posicionamentos políticos

A partir dos trajetos analíticos perseguidos, evidenciamos como, no episódio de cancelamento virtual considerado, Rita Von Hunty, ao defender uma posição de voto em uma chapa radical do campo da esquerda, e não na chapa Lula-Alckmin, no primeiro turno das eleições presidenciais de 2022, provocou a movimentação de sujeitos e sentidos na formação discursiva de esquerda, que culminou no acontecimento discursivo de seu cancelamento. Para compreender esse processo de cancelamento, nosso dispositivo analítico se configurou em 3 movimentos de interpretação: i) a caracterização do movimento do político nos enunciados do sujeito cancelado nos discursos desencadeadores de processos de cancelamento; ii) a análise da produção de efeitos de cancelamento sobre esses discursos no Twitter/x resultantes do silenciamento do político e iii) a análise dos efeitos de estabilização e de desestabilização do processo discursivo de cancelamento nos discursos de sujeitos comentadores.

No primeiro movimento de análise, argumentamos que os enunciados que são alvo do (processo de) cancelamento estabelecem a movimentação dos sujeitos e sentidos pela afirmação do político. A partir dessas materialidades, o sujeito buscou significar(-se) (n)a sua diferença, marcando a heterogeneidade da FD na qual se inscreve. A movimentação do sujeito cancelado assumiu, assim, uma posição divergente aos saberes dominantes na FD, atestando a porosidade da formação discursiva. Além disso, compreendemos que essa característica de discurso polêmico agitou a rede de sentidos da esquerda. Contudo, o questionamento da posição de Rita Von Hunty desencadeou efeitos de cancelamento e processos que problematizaram essa dinâmica. Nas posições que produziram efeitos de cancelamento, os efeitos polêmicos e polissêmicos do discurso da vlogger sofreram silenciamento, por funcionamentos autoritários de discursos que a impediram de assumir-se como legítima na FD de esquerda.

No segundo movimento de análise, os enunciados de cancelamento evidenciaram gestos interpretativos que asfixiaram o sujeito em diferentes modalidades pelo apagamento do político. Em todas elas, os discursos se construíram prioritariamente pela paráfrase, isto é, pela ilusão de monossemia. Além disso, observamos a produção de efeitos que caracterizam o discurso autoritário: a proibição do dizer(-se) de outra maneira

e a imposição de sentido único, neste caso, por parte do sujeito cancelador. Diante disso, nesse segundo movimento de análise, identificamos três modalidades de funcionamento do cancelamento discursivo como prática de silenciamento: i) a interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente); ii) a dessignificação da posição própria do sujeito; iii) a interdição do movimento de constituição da identidade político-ideológica do sujeito na história.

A primeira modalidade – interdição do movimento de inscrição do sujeito numa posição própria (diferente, divergente) –, verifica-se pelo impedimento do sujeito de ocupar uma posição diferente ou divergente na formação discursiva de esquerda, tendo em vista a imposição de uma posição única. Nessa modalidade, não se admite a posição do outro como possível, pois o sujeito cancelador se impõe como agente exclusivo do dizer (Orlandi, 1987).

A segunda modalidade – dessignificação da posição própria do sujeito – se manifesta quando o discurso cancelador esvazia a posição do sujeito cancelado e atribui/impõe a este uma outra posição, processo que, apaga/interdita o movimento de inscrição do sujeito (cancelado) nas posições que lhe são próprias (Orlandi, 2023). Dessa maneira, os sentidos primeiros, próprios do sujeito são suspensos, dessignificados, costurando-se uma outra articulação de sentidos para ele mediante uma falsa adesão político-ideológica.

Na terceira modalidade de cancelamento – a interdição do movimento de constituição da identidade político-ideológica do sujeito na história. –, o discurso cancelador nega o movimento de (re)construção de identidade do sujeito na história, apoiando-se na ilusão de fixidez e homogeneidade das identidades. Nessa modalidade, o funcionamento discursivo se caracteriza pelo bloqueio da movimentação do sujeito por meio da enunciação de uma visão desatualizada do sujeito, tornando evidentes posições outrora defendidas pelo sujeito cancelado. Nesse sentido, nega-se a heterogeneidade, a movência e o deslocamento como prerrogativas para a enunciação dos sujeitos.

No terceiro movimento de análise, que analisa os efeitos de estabilização e de desestabilização do processo discursivo de cancelamento nos discursos de sujeitos comentadores, observamos principalmente o embate entre sujeitos nos enunciados contra o cancelamento. Nesses discursos, observamos o funcionamento polêmico e o efeito de movimentação, de (re)estabelecimento do político, no qual há o deslocamento de sentidos em torno do diferente e da afirmação da natureza política e fragmentada das FDs. Essa

dinâmica acontece por meio da produção de significados polissêmicos que arquitetam um espaço que tensiona sentidos em uma FD ou entre FDs.

Assim, em contraposição aos efeitos de cancelamento, observamos a desestabilização do cancelamento, a partir de um processo de contestação do funcionamento cancelador. Dessa maneira, o sujeito comentador identifica-se ou contraidentifica-se com o sujeito cancelado, pois pode concordar, ou discordar em parte com sua posição, legitimando a movimentação desse sujeito e reafirmando a diferença/divergência como sentidos possíveis na FD.

Compreendemos a partir da análise das materialidades do nosso *corpus* que o cancelamento funciona, enquanto política de silenciamento, com vistas à regularização de sentidos, na ilusão de unicidade da FD de esquerda, e pela imposição de uma posição e sentido únicos, invisibilizando e excluindo discursos dissonantes. Porém, tendo em vista a realidade do digital enquanto condição de produção, além do processo discursivo de confronto de discursividades derivado das relações entre o poder e não poder dizer, as materialidades se tensionam e se ressignificam.

Além disso, compreendemos que, no contexto da eleição presidencial de 2022, o lugar discursivo pertinente ao sujeito cancelado abriga a heterogeneidade que possibilita tomadas de posição que deslocam sentidos nas formações discursivas. Por sua vez, os funcionamentos autoritário e polêmico vão desde a divisão em antagonismos, ao escape de sentidos do lugar silenciado para o lugar significante. Desse modo, o funcionamento discursivo do silenciamento no cancelamento evidencia como a ideologia produz falhas nas formações discursivas.

Para Pêcheux (2014), as palavras mudam de sentido segundo as posições sustentadas pelos sujeitos que as empregam, ou seja, elas adquirem significado em referência a essas posições nas formações ideológicas, nas quais estão intrincadas as formações discursivas. No acontecimento do cancelamento discursivo, atravessado pelo trabalho da ideologia, os efeitos de cancelamento são estabilizados mediante a repetitividade e produtividade, e desestabilizados pela movimentação e criatividade nas FDs.

Nessa esteira, é no entremeio da asfixia do divergente e da pulsão do sujeito de produzir significados que o discurso do cancelamento se revela pelo equívoco no real da linguagem.

No jogo discursivo em que as vozes se cruzam e se significam o tempo todo, o cancelamento virtual marca o conflito entre a enunciação do diferente e a interdição do

dizer, isto é, entre poder e não poder dizer(-se) (n)a diferença. Nessa perspectiva, concordamos com Orlandi (2007) que “se há um silêncio que apaga, há um silêncio que explode os limites do significar”.

Portanto, acreditamos que essa pesquisa corroborou com os estudos da Linha de Pesquisa 4: Práticas Sociais, Históricas e Culturais de Linguagem do Programa de Pós-graduação em Linguagem e Ensino da Universidade Federal de Campina Grande (PPGLE-UFCG), pois produziu conhecimentos científicos relevantes a partir do cancelamento virtual enquanto uma prática social de linguagem, aprofundando e demarcando esse fenômeno como um acontecimento historicamente situado, inaugurando assim, a concepção de cancelamento discursivo. Além disso, a visão crítica estabelecida nessa pesquisa pode contribuir ativamente para o fazer docente desenvolvido para mim enquanto professora-pesquisadora, pois aborda um tema de relevância social, que impacta a imersão da sociedade no/pelo digital, trazendo resoluções e questionamentos ainda despercebidos sobre o tema. Assim, esse trabalho lança luz sobre os estudos de linguagem sobre o cancelamento virtual, deslocando-o para o conceito de cancelamento discursivo, o que incentiva pesquisas futuras sobre práticas sociais de linguagem no âmbito do digital que impactam e transformam continuamente os sujeitos na sociedade.

REFERÊNCIAS

BARTLETT, Jamie. *The People vs Tech: How the Internet is Killing Democracy and How We Save It*. London: **Ebury Press**, 2018

BOBBIO, N.; MATTEUCCI, N.; PASQUINO, G. **Dicionário de política**. Vol. 2.11 ed. Tradução de Carmen C. Varriale, GaetanoLo Mônaco, João Ferreira, Luís Guerreiro Pinto Cacais e RenzoDini.Coordenação da tradução de João Ferreira. Revisão geral de João Ferreira e Luís Guerreiro Pinto Cacais. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 1998.

BRAGA. S. S., NOGUEIRA, M. D. J. **Eleições 2022: o que está em jogo?** Disponível em: <<https://www.ihu.unisinos.br/categorias/620653-eleicoes-2022-o-que-esta-em-jogo>>. Acesso em: 4 ago. 2024.

CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

DIAS, Cristiane. **Análise do Discurso Digital: Sujeito, Espaço, Memória e Arquivo**. São Paulo: Pontes Editores, 2017

DOMINGUES, J. A. **Da veneração ao repúdio: como a cultura do cancelamento transformou a imagem pública de J.K. Rowling em comunidades digitais de fãs no Brasil**. 2023. Dissertação (Mestrado em Comunicação) - Escola de Comunicação e Artes - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2023. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27164/tde-27112023-103227/en.php>. Acesso em: 20 fev. 2024.

DUNKER, C. **Karol Conká e a cultura do cancelamento** - Christian Dunker - falandonisso 302. Youtube, 09 de fev. 2021. Acesso em 10 de fev de 2024. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=ZVyt5ZcRYa4>>.

FOUCAULT, Michel. **Arqueologia do Saber**. Rio de Janeiro: Forense, 2004.

FREITAS, E. T. Linchamentos virtuais: ensaio sobre o desentendimento humano na internet. Antropolítica: **Revista Contemporânea de Antropologia**, v. 1, n. 42, 11 maio 2017. Disponível em: <<https://core.ac.uk/download/pdf/236408881.pdf>>. Acesso em: 6 jan. 2022.

FARIAS, W. S. de; SILVA, H. S. A trama discursiva da homossexualidade e da homofobia na telenovela Pantanal: silenciamento e resistência. **Revista Acta Semiótica et Lingvistica**, Tocantins, 2024 (no prelo).

FARIAS, W. S. de. **Formas de significação do sujeito político brasileiro na contemporaneidade: discurso, memória e identidade(s)**. Projeto de pesquisa (Mestrado/Doutorado). Programa de Pós-Graduação em Linguagem e Ensino (PPGLE) – Universidade Federal de Campina Grande, Campina Grande 2021.

GRIGOLETTO, E. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito. In: FERREIRA, M. C.; INDURSKY, F. (orgs). **Análise do discurso no Brasil: mapeando conceitos, confrontando limites**. São Carlos: Claraluz, 2007.

GRIGOLETTO, E. **O Discurso de divulgação científica: um espaço discursivo intervalar**. Dissertação de Doutorado. Universidade Federal do Rio Grande Do Sul Instituto. MARIA, Dr^a; LEANDRO, Cristina; ORIENTADORA, Ferreira; ALEGRE, Porto. Curso De Pós-Graduação em Letras Área de Concentração -Teorias Do Texto.Porto Alegre, 2005.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue Ciência, tecnologia e feminismo- socialista no final do século XX. In: **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. Tradução de Tomaz Tadeu (org.). 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

INDURSKY, Freda. **Formação discursiva**: ela ainda merece que lutemos por ela? In: SEMINÁRIO DE ESTUDOS EM ANÁLISE DO DISCURSO-SEAD, 2, p. 1-11, 2005. Porto Alegre. Anais eletrônicos [...] Porto Alegre: UFRGS, 2005. Disponível em: http://anaisdosead.com.br/sead2_simposios.html. Acesso em: 1 março 2023.

INDURSKY, Freda. A fragmentação do sujeito na análise do discurso. In: MACHADO, Maria das Dores; SOUSA, Maria Lúcia de. (Org.). **A subjetividade na análise do discurso**. Campinas, SP: Mercado das Letras, 2008. p. 97-110.

INDURSKY, Freda. **Políticas do esquecimento x políticas de resgate da memória**. In: FLORES, G.G. B.; NECKEL, N. R. M.; GALLO, S.et al. Análise de discurso em rede: cultura e mídia. Campinas: Pontes Editores, 2015, p. 11-28.

LEVITSKY, Steven; ZIBLATT, Daniel. **How democracies die**. Broadway Books, 2018.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. Tradução: Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 2009

MACEDO, Gustavo Santos de. **Uma análise discursiva da violência hater no ensino remoto representada por professores(as) de língua portuguesa**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade do Estado de Mato Grosso. 2022.

MACEDO, K.T. M. **Linchamentos virtuais**: Paradoxos nas relações sociais contemporâneas. 2016. 132 f. Dissertação (Mestrado) - Universidade Estadual de Campinas. Programa de Pós-Graduação em Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Limeira, 2016. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/321038/1/Mercuri_KarenTank_M.pdf. Acesso em: 18 dez. 2023.

MACEDO, K.T. M. Conflitos Sociais Contemporâneos: **Possíveis Causas E Consequências Dos Linchamentos Virtuais**. Humanidades & Inovação, v. 5, n. 4, p. 197–208, Limeira, 2018.

MAZZOLA, Renan. **Análise do discurso: um campo de reformulações**, 2009. Disponível

em:https://www.academia.edu/3050890/An%C3%A1lise_do_discurso_um_campo_de_reformula%C3%A7%C3%B5es_2009>. Acesso em: 24 fev. 2023.

MARTINS, José de Souza. **Linchamentos**. A Justiça Popular no Brasil. São Paulo: Editora Contexto, 2015.

MEDEIROS, Juliano. O Tempo. “**Lula não pode cometer erro de ter novo Temer como vice**”, diz presidente do PSOL. Disponível em: <https://www.otempo.com.br/politica/lula-nao-pode-cometer-erro-de-ter-novo-temer-como-vice-diz-presidente-do-psol-1.2614828>. Acesso em: 21 ago. 2024.

ORLANDI, Eni. **Análise de Discurso**: princípios e procedimentos. 13ª ed., Campinas: Pontes, 2020.

ORLANDI, E. P. **Argumentação e Análise de Discurso** – conceito e análise. 1ª ed. Campinas: Pontes Editores, 2023.

ORLANDI, Eni Puccinelli. Política do silêncio na América Latina. In: GRIGOLETTO, Evandra et al. (org.). **Silêncio, memória, resistência: a política e o político no discurso**. Campinas: Pontes Editores, 2019.

ORLANDI, Eni. **Discurso em Análise**: sujeito, sentido, ideologia. Campinas: Pontes, 2012.

ORLANDI, Eni. **Discurso e Texto**. Campinas: Pontes, 2008.

ORLANDI, Eni. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª ed., Campinas: Ed. da Unicamp, 2007.

ORLANDI, Eni. Sobre ética e significação. In: **Língua e conhecimento linguístico**: para uma história das ideias no Brasil. São Paulo: Cortez, 2002. p. 47-64.

ORLANDI, E. P. **A Linguagem E Seu Funcionamento**: As formas do discurso. São Paulo: Pontes, 1987.

ORLANDINI, M. G.; CASSIANO, F. G. Central de Cancelamento: potencialidades e esvaziamentos políticos discursivos da cultura do cancelamento. **Comunicologia - Revista De Comunicação Da Universidade Católica De Brasília**, v. 14, n. 2, p. 1-16, 2022.

PAVEAU, Marie-Anne. L'Analyse du Discours Numérique. **Dictionnaire des formes et des pratiques**. Paris: Hermann Éditeurs, 2017.

PÊCHEUX, M. [1984]. **Ousar pensar e ousar se revoltar**. Ideologia, marxismo, luta de classes. Décalages, 2013.

PÊCHEUX, Michel. Análise Automática do Discurso (AAD-1969). In: GADET Françoise; HAK, Tony (Org.). **Por uma Análise Automática do Discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Trad. De Eni P. Orlandi. Campinas: Unicamp, 2010.

PÊCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Campinas: Editora da Unicamp, 2014.

PÊCHEUX, M. **Análise do discurso**: Michel Pêcheux. Campinas: Pontes Editores, 2014.

PÊCHEUX, MICHEL. **O discurso**: estrutura ou acontecimento [?]. 5. ed. Campinas, SP: Pontes Editores, 2008.

PÊCHEUX, M. Ler o arquivo hoje. In: ORLANDI, E. (org.). **Gestos de leitura**. Campinas: Unicamp, 1994.

RECUERO, R. **Redes sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

RECUERO, R. Violência simbólica e redes sociais no Facebook: o caso da Fanpage “Diva Depressão”. **Galáxia**, São Paulo, n. 26, p. 239-254, dez. 2013. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br//index.php/galaxia/article/view/14478>. Acesso em: 05 fev. 2024.

SABINO, M.A.C., RAIS, D., MOTA, R. Cultura do cancelamento – Democracia e Direitos Fundamentais. **Direitosfundamentais.org.br**, 2021. Disponível em: <<https://direitosfundamentais.org.br/cultura-do-cancelamento/>>. Acesso em: 11 fev. 2024.

SANTOS, A. DOS. **A cultura do cancelamento nas redes sociais: análise do ethos sob a perspectiva da semiolinguística**' 26/02/2023. Mestrado em Estudos de Linguagem Instituição de Ensino: Universidade Federal Fluminense, Niterói Biblioteca Depositária: Biblioteca Central do Gragoatá – BCG.

SIBILIA, Paula. **O show do eu**: a intimidade como espetáculo. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

SILVA, Albylene da. **A construção de identidade a partir do ethos discursivo em perfis temáticos humorísticos no Twitter**. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2022.

SILVA, Tadeu de Oliveira. **Linchamentos virtuais e cultura do cancelamento: os casos Patrícia Campos Mello e Lilia Schwarcz**. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2022

SOARES; FERREIRA; SANTOS. A massa produto(ra) da cultura do cancelamento na era da pós-verdade. **Sapere aude**. Belo Horizonte, v. 14 –n. 28, p. 618-639, Jul./Dez. 2023 Disponível em: <<https://periodicos.pucminas.br/index.php/SapereAude/article/view/31797/21786>>. Acesso em: 2 fev. 2024.

VARGAS, R. M. A. **Designação e dessignificação**: a filiação de sentidos na fraseologia contemporânea. Tese (Doutorado em Letras do Programa de Pós-graduação em Letras) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2011.

WAGNER, M. **Affective polarization in multiparty systems**. *Electoral Studies*, [S. l], vol. 69, 2021.

ANEXOS

ANEXO 1: Materialidades completas da Figura 11: cancelamento como deslegitimação do sujeito político

12 de mai de 2022

Outra drama vivido por Guilherme "von Hunty" era a possibilidade do PT continuar governando o Brasil, com Lula passando o bastão para Dilma. A seguir diversas manifestações de ódio contra a futura Presidente, durante o período eleitoral. O último é de 2011, logo após a posse.

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 1 de out de 2010
Dilma: "A Inglaterra, e eles são ingleses..." Ahhhhhhhhh que bonitíssima genteaa. Votem nela!

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 4 de out de 2010
O segundo turno das eleições será 31 de outubro. Dia das Bruxas. Dilma e as mentes sublinhantes...

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 17 de set de 2010
U no face: Quem é baixinha, gorducha, brava, dentuque, usa vestido vermelho e tem 1 anjo e fala errado? A Minora? Não, a Dilma! [emash](#)

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 30 de set de 2010
Dilma... queria ver como alguns candidatos (Dilma) Respiram sem ponto no ouvido e sem ler no teleprompter

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 30 de set de 2010
Dilma malandrinha responde as perguntas depois de 4 segundos, quando ela começa a ouvir a resposta na própria orelha!

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 4 de jan de 2011
Em resposta a @gmm
[gmm](#) huahahaha lá a Dilma podia pedir ajuda no quesito IMAGEM pq ohe

12 de mai de 2022

No dia do 2º turno de 2010, "von Hunty" postou essa "pladinha", deixando claro seu antipetismo. O adversário de Dilma não era nenhum comunista, mas sim o tucano José Serra, que representava os que desejavam a volta do modelo econômico neoliberal + submissão aos EUA.

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 31 de out de 2010
Espero q ngm tenha bebido mto ontem, para não dar PT

12 de mai de 2022

Inconformado com a vitória de Dilma e a continuidade do PT, Guilherme "von Hunty" passou a questionar a democracia. Na lógica dele, claramente democracia não é o que a maioria escolhe, mas sim "qualquer coisa menos o PT".

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 2 de nov de 2010
... Democracia? Com o PT a 12 anos no poder?

12 de mai de 2022

Um ponto estranho em relação à von Hunty. Um travesti homofóbico? Obs: Tudo bem ser contra o casamento gay no religioso. Nenhuma religião deve "se adaptar". Se você não concorda, apenas não frequente. Mas o casamento é também civil. E aí não há justificativa para ser contra.

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri
<http://www.youtube.com/watch?v=1qozUIF-TN4&feature=related> Sejam CONTRA o casamento gay !!!!!

8:41 PM - 9 de nov de 2010 - Twitter Web Client

12 de mai de 2022

Mas o que eu achei mesmo estranho foi esse tuite... Sei lá. Ele tem cara, tem jeito, tem outros tuites... mas... Esse tuite contradiz... Será que o sujeito é uma completa fraude? Não apenas política, mas também "identitária"?

Guilherme Terrerri @GuiTerrerri - 3 de fev de 2011
Salndo com a Linda PrLima para... para... enfim né

12 de mai de 2022

Pra finalizar, apenas reforço o que venho dizendo há anos: O chamado "identitarismo" é o braço cultural do capitalismo em sua fase mais podre, desumana. Braço cultural também da política externa dos EUA. Isso é um fato concreto, e fico espantado como muitos parecem não ver.

12 de mai de 2022

Muitos desses influenciadores, direta ou indiretamente ligados aos interesses dos EUA, muitas vezes via ONGS, são "identitários". Na hora H, eles sempre acabam fazendo "gol contra". Apresentar-se como revolucionário, falar de marxismo, serve para cooptar ingênuos.

12 de mai de 2022

Vale lembrar que essa estratégia não se limita mais a "influenciadores". Veja o Equador, onde um candidato falso índio, chamado Yeku Perez, se apresenta como anticapitalista, e foi decisivo para derrotar o candidato de Rafael Correa, e eleger um banqueiro submisso aos EUA

12 de mai de 2022

A psiquê do identitário é neoliberal:
* São ultra-individualistas. Só pensam em si;
* São fascinados por dinheiro, fama, ostentação;
* São manipuladores. Muitas vezes se utilizam de causas justas, para benefício individual. Não é raro que deturpem essas causas, inclusive.

██████████

Dramas enfrentados por Guilherme Terrieri (Rita von Hunt). Já adulto ele estava preocupado esperando a mãe depositar a mesada. Afinal, trabalhar é coisa de proletário.

Guilherme Terrieri @GuiTerrieri · 9 de nov de 2010
Cadê o depósito da Linda da minha mãe na minha conta?? Pr alimentar o Gato, almoçar, ir pra faculdade e tenho apenas 7€

12:54 AM · 12 de mai de 2022

65 204 399 50

██████████ · 12 de mai de 2022

Aqui, Guilherme Terrieri "von Hunt" reclama sobre a vida ruim de classe média. Segundo ele, na hora de comprar imóveis, seria melhor ser pobre. Ódio de programas como o "Minha Casa, Minha Vida"?

Guilherme Terrieri @GuiTerrieri · 3 de nov de 2010
quando se trata de compra de imóveis é muito melhor ser pobre do que classe média... vou te contar viu

4 29 169

██████████ · 12 de mai de 2022

Mas a vida do jovem Guilherme Terrieri (Rita von Hunt) também tinha alegrias, sempre ligadas à consumismo, posse, aumento de patrimônio, etc. Desejos típicos da classe média. Aqui ele comemora o sucesso dos seus "empreendimentos imobiliários".

Guilherme Terrieri @GuiTerrieri · 18 de nov de 2010
Eu to mto feliz com meus empreendimentos imobiliários! =D

6 20 139

██████████ · 12 de mai de 2022

Neste outro tuita, já em 2011, ele comemora estar de casa nova.

Guilherme Terrieri @GuiTerrieri · 2 de fev de 2011
Meu primeiro tweet da minha casa nova! =D estou todo pimpão

██████████ · 12 de mai de 2022

Mas tudo bem. Ter uma vida confortável não é crime. Ao contrário, que bom se todos tivessem. O ideal seria apenas não dar tanta importância, não ostentar. Guilherme poderia ser uma pessoa boa, de caráter, consciente, e por isso, no futuro realmente ter se tornado um comunista.

2 15 126

██████████ · 12 de mai de 2022

Mas... o comportamento típico de certa classe social do Brasil inclui também fortes doses de sociopatia. E com Guilherme "Rita von Hunt" parece não ter sido diferente. Para ele, "empregado nem é gente". Veja abaixo:

Guilherme Terrieri @GuiTerrieri · 22 de out de 2010
P: Quantas pessoas trabalham na sua casa? R:Pessoas?!? Você quer dizer os empregados?

4 23 156

██████████ · 12 de mai de 2022

Mas piora... (note o sorriso no final...) Sociopata? Psicopata? Todas as anteriores?

Guilherme Terrieri @GuiTerrieri · 22 de out de 2010
antes de ir embora queria dizer que joguel um copo de vidro quebrado no lixo, sem tomar nenhuma precaução. Coitado do cara que recolher =)

1

██████████ · 12 de mai de 2022

Enquanto festejava seus empreendimentos imobiliários, "Rita von Hunt" também torcia pela alta do dólar, para o bem de suas aplicações financeiras.

Guilherme Terrieri @GuiTerrieri · 1 de out de 2010
Vou Limpar minha pele, preparar minha caminha e torcer para a cotação do dollar subir... Não quero minhas aplicações dando para trás!

1 23 135